



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Letras Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL)

**Terminologia da Tradução no Brasil: estudo
diacrônico de *Cadernos de Tradução***

Sátia Marini

Brasília

2019

SÁTIA MARINI

**Terminologia da Tradução no Brasil: estudo
diacrônico de *Cadernos de Tradução***

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília, área de concentração: Teoria e Análise Linguística, linha de Pesquisa: Léxico e Terminologia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Orlene Lúcia de Saboia
Carvalho

Coorientadora: Profa. Dra. Alice Maria de Araújo
Ferreira

Brasília

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM339t Marini, Sátia
Terminologia da Tradução no Brasil: estudo diacrônico de
Cadernos de Tradução / Sátia Marini; orientador Orlene
Saboia Carvalho; co-orientador Alice Araújo Ferreira. --
Brasília, 2019.
170 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Terminologia da Tradução. 2. Teorias da Tradução. 3.
Estudo diacrônico. I. Carvalho, Orlene Saboia, orient. II.
Ferreira, Alice Araújo, co-orient. III. Título.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Orlene Lúcia Saboia de Carvalho
Presidente – LIP/UnB
Doutora em Linguística

Dra. Patrícia Vieira Nunes Gomes
Membro Externo efetivo

Profa. Dra. Flavia Lamberti
Membro Externo efetivo

Profa. Dra. Walkiria Neiva Praça
Membro Interno efetivo

Profa. Dra. Michelle Machado de Oliveira Vilarinho
Membro Interno suplente

Ao Marcos e ao Lucas

Agradecimentos

A minha orientadora, Orlene Lúcia de Saboia Carvalho, pelas conversas esclarecedoras e aulas inspiradoras, bem como pela confiança depositada em mim desde o princípio, e pelo empenho e atenção dedicados ao bom andamento desta tese.

A minha co-orientadora, Alice Maria de Araújo Ferreira, pelas leituras da tese e pelas conversas de orientação sempre muito produtivas.

À professora Michelle Villarinho, pelas aulas e pela gentileza em auxiliar com a assinatura do programa Sketch Engine.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística cujas disciplinas representaram contribuições valiosas para me refrescar a memória quanto à importância da linguística na formação e na vida profissional dos tradutores.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por me conceder uma bolsa durante todo o período de realização deste doutorado.

Aos meus amigos e colegas de universidade que compartilharam esse momento da minha formação.

Aos amigos e amigas que estiveram sempre ao meu lado nos momentos de recuperação das energias para conseguir continuar os estudos e trabalhos.

Aos meus pais, irmãos, sogros, cunhadas, enteado(a) e sobrinhos(as) pelo aprendizado juntos, pelas experiências vividas e por tudo que ainda virá.

Ao meu marido e parceiro, Marcos, e ao meu filho, Lucas, que estão junto comigo, em todas as ocasiões, sempre compreensivos e amados.

“Quando Iaakov Markovitch se aproximava da colônia, Bela estava na beira do campo. Buscava havia muito tempo uma rima em hebraico que traduzisse adequadamente uma das rimas em alemão deixadas por Rachel Mandelbaum. Toda vez que deparava com um verso especialmente complicado, levantava-se da cadeira e passeava pela sala. Com a movimentação, a saia se enredava em suas pernas, e naqueles arejamentos mentais secretos às vezes a rima correta aparecia de repente. Mas com frequência o hebraico se recusava a responder. Bela então abria a porta e saía para o quintal, caminhando um pouco em torno do canteiro. O cheiro de terra molhada em geral apaziguava as palavras, que faziam o favor de se apresentar onde eram necessárias. Às vezes o canteiro e o cheiro de terra fracassavam também, e Bela Markovitch era obrigada a transpor a cerca de pedra e ir em direção ao campo, atrás da casa. A distância que suas pernas percorriam era diretamente proporcional à intensidade da resistência da língua hebraica em colaborar com a tradução. Só algumas vezes tivera de se afastar até as margens do campo, e uma única vez chegara aos limites da colônia até finalmente gritar ‘Ergá!’, a palavra hebraica para ‘saudade’, e voltar correndo diretamente para a escrivaninha, entusiasmada.”

“Uma noite, Markovitch” de Ayelet Gundar-Goshen

RESUMO

A tradução é uma das atividades mais antigas de que se tem conhecimento, entretanto, ainda passa por um processo de reconhecimento do seu *status* de estudo (para não falar de ciência), sendo sempre questionada tanto por ser realizada parcialmente por programas de computador quanto por não ser uma profissão regulamentada no Brasil, o que dá a impressão de algo corriqueiro. Uma das formas de reconhecer uma disciplina como ciência ou como área de especialidade é por meio da sua terminologia, e a da Tradução, embora já tenha sido sistematizada em algumas obras, ainda precisa ser aprofundada para embasar seus estudos. Com esta tese temos como objetivo caracterizar o *corpus* como específico da área de Tradução, bem como localizar, dentro de uma das principais revistas de publicação científica sobre Tradução no Brasil, *Cadernos de Tradução*, a presença de teóricos da Tradução, suas terminologias e as principais terminologias da área. Para tanto, nossa metodologia de trabalho envolve um levantamento terminológico diacrônico deste periódico ao longo de vinte anos, de 1996 a 2015. Para os levantamentos de dados, utilizamos o programa Sketch Engine, de linguística de *corpus*, que nos possibilitou inserir os artigos selecionados da revista, fazer os levantamentos desejados, descobrir os principais autores, seus termos e a terminologia estudada no Brasil. Demonstramos ainda, por meio de dados, que, nesta revista, há uma ênfase nos estudos de Tradução no Brasil na área literária em detrimento da área técnica e científica. Concluímos que a Linguística de Corpus oferece a possibilidade de conhecer a terminologia, refletir sobre os termos e identificar tendências na Tradução.

PALAVRAS-CHAVE: Terminologia da tradução. Teorias da tradução. Estudo diacrônico.

ABSTRACT

Translation is one of the most ancient activities we have knowledge of, however, it is still to be acknowledged with the status of a study area (not to say a science), since it is questioned because it can be partially developed by a computer program, and is not yet a regulated profession in Brazil, which creates the false impression of being an easy task. Subject areas can be recognized as science or specialized areas by means of their terminology. The translation terminology still needs to be worked deeply, although it has already been systematized in several works. This thesis aims at characterizing the *corpus* as being specific of the Translation area, find the presence of theories of translation, their terms and the terminologies of Translation within one of the most important Brazilian scientific journals in Translation, *Cadernos de Tradução*. Thus, our methodology involves compiling a diachronic terminology corpus along twenty years of its existence (1996 to 2015). Using Sketch Engine, a Corpus Linguistics program, in which we inserted the articles of the journal, we made a survey of the main authors, their terms and the translation terms studied in Brazil. We also demonstrate, with the data, that there is a strong emphasis in Translation studies in Brazil in the literary area and much less focus is given to the technical and scientific ones. We conclude that Corpus Linguistics offers the possibility of knowing the terminology, considering the terms and identifying the tendencies in the Translation area.

KEYWORDS: Translation terminology. Translation theories. Diachronic study.

Lista de quadros

Quadro 1 – Relações semânticas segundo L'Homme e da Tradução ou Terminologia	32
Quadro 2 – Distinções e similaridades entre conceito e definição	45
Quadro 3 – Comparativo das teorias Tradicional, Comunicativa e Sociocognitiva da Terminologia	63
Quadro 4 – Tipificação do <i>corpus</i> estudado	69
Quadro 5 – Principais instituições que publicaram na <i>Cadernos de Tradução</i>	70
Quadro 6 – Acompanhamento do processo de montagem dos <i>corpora</i>	79
Quadro 7 – Lista de palavras simples com mais de 1.000 ocorrências	94
Quadro 8 – Metodologia de coleta, salvamento e pesquisa de lexias e termos	96-97
Quadro 9 – Dados sobre 'equivalência' nos quatro <i>subcorpora</i> estudados	98
Quadro 10 – Dados sobre 'texto de partida', 'texto original' e 'texto fonte'	101
Quadro 11 – Dados sobre 'processo tradutório' e 'ato tradutório'	106
Quadro 12 – Papéis semânticos segundo L'Homme e exemplos no <i>corpus</i>	109-110
Quadro 13 – Variação de denominação dos textos que produzem uma tradução	111
Quadro 14 – Comparativo de 'língua de chegada' em quatro idiomas	113
Quadro 15 – Variação de denominação dos textos que produzem uma tradução	114
Quadro 16 – Dados sobre 'tradução literária', 'tradução técnica', 'tradução científica' e 'tradução técnico-científica'	116
Quadro 17 – Levantamento de ocorrências de tradução literária ou técnica e científica	120
Quadro 18 – Comparativo de ocorrência de termos literários ou técnicos e científicos	121
Quadro 19 – Dados sobre 'crítica de tradução'	123
Quadro 20 – Dados sobre 'tradução intersemiótica'	126
Quadro 21 – Ocorrências no âmbito de Libras no <i>corpus</i>	128
Quadro 22 – Principais autores citados nos artigos nos <i>subcorpora</i> da <i>Cadernos de Tradução</i>	133
Quadro 23 – Lexias coocorrentes a 'Benjamin' nos quatro períodos	134

Quadro 24 – Lexias coocorrentes a ‘Borges’ nos quatro períodos	137
Quadro 25 – Lexias coocorrentes a ‘Dolet’ nos quatro períodos	139
Quadro 26 – Lexias coocorrentes a ‘Campos’ nos quatro períodos	141
Quadro 27 – Lexias coocorrentes a ‘Venuti’ nos quatro períodos	144
Quadro 28 – Lexias coocorrentes a ‘Derrida’ nos quatro períodos	146
Quadro 29 – Lexias coocorrentes a ‘Meschonnic’ nos quatro períodos	148
Quadro 30 – Citações de ‘Meschonnic’ com negações	149-150

Lista de figuras

Figura 1 – Exemplo de relações hierárquicas na tradução	39
Figura 2 – Imagem do Sketch Engine, com <i>subcorpora</i> da Cadernos de Tradução	65
Figura 3 – Limpeza dos artigos de forma manual	74
Figura 4 – Retirada de hifens utilizando a busca automática	75
Figura 5 – Processo de renomeação dos artigos	76
Figura 6 – Página do Sketch Engine com os <i>corpora</i> criados neste programa	77
Figura 7 – <i>Upload</i> de artigos no Sketch Engine	78
Figura 8 – Página do Sketch Engine com dados do <i>corpus</i> Cadernos de Tradução	80
Figura 9 – Primeiras palavras da <i>Word list</i> do <i>corpus</i> Cadernos de Tradução	82
Figura 10 – Exemplo de extração automática de terminologia	84
Figura 11 – <i>Word Sketch</i> com a palavra ‘tradução’	84
Figura 12 – Concordâncias da expressão ‘via tradução’	87
Figura 13 – A funcionalidade <i>Thesaurus</i> do Sketch Engine	88
Figura 14 – Comparação das palavras ‘teoria’ e ‘prática’ no <i>Sketch diff</i>	89
Figura 15 – Lista parcial das coocorrências positivas de ‘poesia’ e ‘chinesa’	91
Figura 16 – Lista parcial das coocorrências negativas de ‘poesia’ e ‘chinesa’	91
Figura 17 – <i>Keywords/Terms</i> (palavras simples e múltiplas)	95
Figura 18 – Linha do tempo dos principais eventos de tradução	152

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Ocorrências de Benjamin nos <i>corpora</i>	136
Gráfico 2 – Ocorrências de Borges nos <i>corpora</i>	138
Gráfico 3 – Ocorrências de Dolet nos <i>corpora</i>	140
Gráfico 4 – Ocorrências dos irmãos Campos nos <i>corpora</i>	143
Gráfico 5 – Ocorrências de Venuti nos <i>corpora</i>	145
Gráfico 6 – Ocorrências de Derrida nos <i>corpora</i>	148
Gráfico 7 – Ocorrências de Meschonnic nos <i>corpora</i>	151

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO	16
1.1 OBJETIVOS	20
1.2 JUSTIFICATIVA E QUESTÕES DE PESQUISA	21
CAPÍTULO 2. TERMINOLOGIA	23
2.1 CONCEITOS BÁSICOS	26
2.1.1 Função da terminologia	26
2.1.2 Termo	28
2.1.2.1 Delimitação de termos	32
2.1.3 Variação terminológica	33
2.1.4 Coocorrentes em linguística de <i>corpus</i>	36
2.1.5 Conceito	38
2.1.6 Definição	42
2.1.7 Terminologia como atividade científica	45
2.1.8 Terminografia	51
2.2 TEORIAS DA TERMINOLOGIA	53
2.2.1 Teoria Comunicativa da Terminologia	53
2.2.2 Teoria Sociocognitiva da Terminologia	56
CAPÍTULO 3. METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE PESQUISA EM LINGUÍSTICA DE CORPUS	64
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS COMO TEXTO ESPECIALIZADO	66
3.2 A REVISTA <i>CADERNOS DE TRADUÇÃO</i>	68
3.3 COMPILAÇÃO DOS CORPORA	71
3.4 AS PRINCIPAIS FUNCIONALIDADES EM LINGUÍSTICA DE CORPUS	79
3.4.1 Informações sobre o <i>Corpus</i>	80
3.4.2 Lista de palavras - <i>Word list</i>	81
3.4.3 Extração de termos e palavras-chave	85
3.4.4 Comportamento gramatical e colocações	86
3.4.5 Busca de termos – Search	87
3.4.6 Associação de palavras - <i>Thesaurus</i>	88
3.4.7 <i>Sketch diff</i>: estudo comparativo de duas palavras	89

3.4.8 Concordâncias e colocados	89
CAPÍTULO 4. COLETA E ANÁLISE DOS TERMOS	93
4.1. PRINCIPAIS TERMOS NAS <i>KEYWORDS/TERMS</i> DO CORPUS	93
4.2 PROCESSO DE COLETA DOS COOCORRENTES	96
4.3 ANÁLISE DOS TERMOS	97
4.3.1 ‘Equivalência’	97
4.3.2 ‘Texto original’, ‘texto de partida’ e ‘texto fonte’	101
4.3.3 ‘Processo tradutório’ e ‘ato tradutório’	106
4.3.4 ‘Língua de chegada’, ‘língua meta’ e ‘língua alvo’	111
4.3.5 ‘Texto de chegada’, ‘texto meta’ e ‘texto alvo’	113
4.3.6 ‘Tradução literária’, ‘tradução técnica’ e ‘tradução científica’	115
4.3.7 ‘Crítica de tradução’	122
4.3.8 ‘Tradução intersemiótica’	126
4.4 PRINCIPAIS AUTORES NOS QUATRO SUBCORPORA	132
4.4.1 Walter Benjamin	133
4.4.2 Jorge Luis Borges	136
4.4.3 Étienne Dolet	139
4.4.4 Augusto e Haroldo de Campos	141
4.4.5 Lawrence Venuti	143
4.4.6 Jacques Derrida	145
4.4.7 Henri Meschonnic	158
4.5 LINHA DO TEMPO DA TRADUÇÃO	151
CAPÍTULO 5. CONCLUSÕES	152
APÊNDICE A – Lista de termos e número de ocorrências no <i>corpus</i> Cadernos de Tradução	153
APÊNDICE B – Lista de autores e número de ocorrências no <i>corpus</i> Cadernos de Tradução	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

A revista *Cadernos de Tradução* publica artigos de acadêmicos e profissionais da tradução, sempre objetivando a qualidade dos artigos e a constância da publicação. Tradução e terminologia, no que se refere a tradução técnica ou científica, são inseparáveis, entretanto, não nos referimos aqui à terminologia utilizada nas traduções, mas àquela usada pelos tradutores na sua teorização sobre essa atividade. Contrariamente ao que se tem observado nos trabalhos de Terminologia, este não tem como resultado um glossário dos termos levantados, mas uma análise da terminologia¹ que pode levar, futuramente, ao desenvolvimento de um glossário representativo da terminologia usada por tradutores, tanto teóricos quanto práticos, no Brasil.

As teorias da Tradução nem sempre são reconhecidas pelo nome de teoria, provavelmente porque não são exatamente teorias, mas, como diz Nida (2001, p. 107, traduções minhas), “um conjunto de princípios úteis para entender a natureza da tradução ou para estabelecer critérios para avaliar um texto traduzido específico”² e não “um conjunto coerente de proposições gerais utilizadas como princípios para explicar uma classe de fenômenos”³. Busca-se com as teorias estabelecer um nível de tradução aceitável, o que não é fácil de se estipular, considerando-se que o trabalho de tradução envolve uma série de variáveis (gêneros textuais de diversas áreas – literário, bíblico, técnico, científico, jurídico etc. –, objetivo da tradução, cliente, público-alvo, tradutor, equipamentos e *softwares* usados, materiais de consulta, memória, cognição), bem como uma gama de conhecimentos procedimentais (de *softwares*, de terminologia, de línguas, de mundo, de cultura, dos assuntos tratados, de teorias de tradução) ou conhecimentos operacionais (digitação, concentração) e, portanto, uma avaliação da tradução deve levar em consideração essa amplitude de fatores.

Assim, é compreensível que não haja uma teoria aceita de forma generalizada para essa tarefa tão complexa, mas que cada ramo da tradução tenha preferência por determinadas teorias, ou cada época ou momento tenha uma que seja proeminente. Isso no que se refere a um posicionamento do tradutor quanto a sua relação com a obra ou autor traduzidos. Já quando se fala de procedimentos ou técnicas de tradução, por vezes, a explicação de uma escolha de tradução em detrimento de outra deve-se apenas a uma

¹ Terminologia e Tradução escritas com inicial maiúscula referem-se às disciplinas, quando escritas em minúsculas referem-se à terminologia de uma especialidade ou à tradução de algum texto.

² “a set of principles that are helpful in understanding the nature of translating or in establishing criteria for evaluating a particular translated text”.

³ “a coherent set of general propositions used as principles to explain a class of phenomena”.

sensação, uma percepção que, por fim, é comprovada pela recordação de aspectos teóricos ou práticos de tradução já vividos, ou seja, da recuperação, pelo tradutor, de um conhecimento prévio. Nesses dois aspectos, estão contemplados os estudos de tradução na linha dos estudos literários e estudos linguísticos.

Oustinoff (2011, p. 69-70) afirma que a tradução pressupõe a presença de um tradutor, observável por três aspectos, quais sejam: a) a “posição tradutória”, a forma como o tradutor encara a tradução, se a prefere domesticante ou estrangeirizante, por exemplo; b) o “projeto de tradução”, a maneira como se traduz, se será mais fiel, fará uma recriação ou será mais literal, entre outros aspectos; e c) o “horizonte do tradutor”, que é composto por aspectos linguísticos, literários, culturais e históricos, pela forma como o tradutor pensa e age, o que depende da época em que se está traduzindo, que influenciará na maneira de traduzir. Dessa forma, esse autor afirma que, para realizar traduções, é preciso considerar todos esses aspectos.

A teorização sobre tradução está relacionada à prática da tradução. São os problemas de tradução que provocam reflexões sobre as quais passamos a teorizar, considerando a situação, o cliente, a finalidade, o tipo e o gênero textual⁴ da tradução. Os tradutores elencam diversas opções de tradução antes de decidirem por uma que seja mais adequada em determinada situação e, para tomar essa decisão, é preciso considerar diversas variáveis. De acordo com Anthony Pym (2010, p. 1, tradução nossa), “uma teoria estabelece o cenário onde ocorre o processo de produção e seleção”⁵, e isso representa a teorização da tradução, e a justifica como útil e necessária para a prática.

A terminologia específica usada pelos profissionais nos seus discursos teóricos confere legitimidade a uma disciplina e é a base para que ela seja reconhecida como ciência. Assim, na tradução, alguns termos específicos seriam, por exemplo: ‘texto original’, ‘texto traduzido’, ‘equivalência’, ‘tradução’, ‘língua fonte’, ‘língua meta’, usados em geral, por diversos autores, quando da teorização da Tradução. Por vezes, a simples menção a um termo já nos remete a uma ou outra teoria ou teórico da tradução,

⁴ Gênero textual é a realização linguística observada na estrutura que compõe o texto. Um gênero textual pode conter mais de um tipo textual. Segundo Marcuschi (2002, p. 24), o “texto [é] como uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum Gênero textual” como carta, diário, agenda, entrevista, aula, ata, piada, cardápio etc. Para esse autor (idem, p. 22), “o termo Tipologia textual é usado “para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas”. Normalmente, esses tipos textuais envolvem narração, argumentação, exposição, descrição e injunção.

⁵ “a theory sets the scene where the generation and selection process takes place”

pois, ainda que não tenha sido definido em um glossário⁶ da área, carrega um conteúdo de significação que é identificado tacitamente pelos usuários (caso de ‘equivalência formal’ e ‘equivalência dinâmica’, que nos remetem a Nida, por exemplo, de ‘sobrevivência’, relacionado a Walter Benjamin, ou ‘desconstrução’, a Derrida). A discussão das teorias utiliza termos comuns para a área de Tradução como um todo ou apresenta termos reconhecidamente utilizados em uma teoria específica e não em outras, demonstrando dessa forma, suas idiossincrasias.

A prática conduz à teoria e a teoria é esboçada com base na prática formando um círculo virtuoso necessário para o desenvolvimento da Tradução. O conhecimento de diversas teorias (sejam elas mais antigas ou recentes, já que as antigas ainda são utilizadas atualmente) oferece ao tradutor possibilidades mais amplas de escolha quando ele se defronta com opções para uma tradução e necessita de motivação para tomar uma decisão e abandonar outra, ou quando tem problemas a serem solucionados sobre como proceder com um termo, trecho, rima ou qualquer aspecto da tradução, seja ela literária, científica etc. A teorização da Tradução se dá no momento em que o profissional está traduzindo ou após realizada a tradução, ou seja, ela ocorre na tradução prática, quando ele precisa fazer escolhas imediatas, fundamentadas, considerando seus conhecimentos e práticas anteriores. A teorização se dá no momento da tradução e *a posteriori*, após perceber um problema sobre o qual cabe uma reflexão. As práticas, sejam elas bem ou malsucedidas, proporcionam um aprendizado e experiência de comportamentos a serem repetidos ou evitados. Da mesma forma como se recorre atualmente à análise de textos para considerar os aspectos linguísticos, é na análise dos problemas reais, quando a tradução está ocorrendo (ou já ocorreu), que se teoriza sobre ela, caso o tradutor seja um teórico da tradução. Dessa forma, se observa que os teóricos da tradução vieram, em geral, da atividade prática de tradução.

Ao fazer uma busca no *corpus* da revista *Cadernos de Tradução*, encontramos diversas considerações relevantes a respeito da teorização, algumas das quais mencionamos nesta tese, por meio das terminologias levantadas nesta área.

Um dos principais estudiosos⁷ a teorizar sobre a Tradução foi Étienne Dolet, em 1540, que “publicou uma curta mas incomparável declaração de princípios sobre a

⁶ Glossário é “o conjunto de verbetes situados no nível da(s) norma(s), registrando unidades terminológicas de um ou vários domínios de especialidade” (BARROS, 2004, p. 144).

⁷ A história clássica da Tradução ocidental começa com os romanos. Cícero (106-43 a.C.) apresenta reflexões sobre a arte e a tarefa do traduzir e teoriza sobre a fidelidade na tradução. Séculos depois, com

tradução” (FURLAN, 2008, p. 71), com cinco regras básicas que vão da compreensão do sentido e do tema, ao conhecimento das línguas envolvidas, mencionando ainda a tradução da frase e não da palavra e o uso da língua comum em detrimento de palavras rebuscadas e, por fim, citando a harmonia do discurso (a cadência oratória), princípios válidos ainda hoje, quase 500 anos depois de terem sido publicados.

Mais recentemente, ao considerar a problemática da dicotomia teoria-prática de tradução, Greuel (1996, p. 31) defende que é a teoria que nos possibilita viver na realidade e nos traz o argumento de que “a teoria da tradução como ciência desenvolve, num primeiro momento, os critérios mediante os quais o fenômeno da tradução se mostra: ela explicita e torna consciente o que é implícito e inconsciente no ato da tradução”, aproximando teoria e prática de forma inseparável, como, de fato, o são, e como podem ser trabalhadas didaticamente, sem a necessidade de uma separação estanque entre as duas.

Ainda teorizando sobre a tradução, considerando a questão das equivalências, Fawcett (1997, p. 53 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 98) declara, de forma crítica, mas bem-humorada, que esse foi o “conceito que provavelmente causou o maior número de mortes de árvores na teoria da tradução”, tamanha é a discussão sobre esse assunto ainda hoje, tanto pela denominação do que seja equivalência, quanto pelo tipo de equivalência buscada pelos autores, o que tem uma grande diferença quando se consideram tradutores das áreas técnica e científica ou da literária. Pym também teorizou sobre a equivalência, afirmando que ela não tem um “fundamento ontológico, pois os problemas de tradução permitem mais de uma solução viável”⁸ (PYM, 2011, p. 81, tradução nossa) e que ela deve ser considerada como uma “equivalência-crença” (*equivalence-belief*). O termo ‘equivalência’ será esmiuçado numa análise específica neste trabalho.

Conforme Freitas (2008, p. 97), paradigmas teóricos começaram a ser alterados a partir dos anos 60, quando passaram a ser incluídos “socialmente valores e discursos reprimidos” na discussão da tradução num momento contestatório e de reconsideração do papel da tradução e do tradutor. O papel social do tradutor é então enfatizado, colocando-o como participante ativo das discussões e influenciador do rumo das

São Jerônimo (ca. 331 – ca. 420), observa-se uma ascensão da tradução de textos sagrados e seus ensinamentos sobre as formas de traduzir.

⁸ “[equivalence] has no ontological foundation, since translation problems allow for more than one viable solution.” (PYM, 2011, p. 81).

traduções quando opta por fazê-las mais livres ou mais fieis, mais ligadas ao original e à língua e cultura fonte ou mais focadas na tradução e na língua e cultura meta, entre outras dicotomias.

1.1 OBJETIVOS

O principal objetivo desta pesquisa é estudar a evolução da terminologia da área de tradução num estudo diacrônico da revista *Cadernos de Tradução*, ao longo de vinte anos de sua existência, de 1996 a 2015.

Como objetivos mais específicos, elencamos:

- (i) compilar um *corpus* da revista *Cadernos de Tradução* abrangendo 20 anos (1996 a 2015);
- (ii) caracterizar o *corpus* estudado como específico da área de Tradução;
- (iii) fazer um levantamento diacrônico dos termos de tradução mais utilizados na revista *Cadernos de Tradução* desde sua criação em 1996 até 2015, cobrindo vinte anos de publicações da revista;
- (iv) analisar quantitativa e qualitativamente os termos mais frequentes do *corpus* a fim de identificar diacronicamente a evolução dos conceitos fundamentais da área.
- (v) elaborar uma linha do tempo das teorias da tradução e dos teóricos mais enfatizados pelos pesquisadores brasileiros nesses 20 anos.

1.2 JUSTIFICATIVA E QUESTÕES DE PESQUISA

O presente trabalho se justifica pela necessidade de estudar a evolução do pensamento e da abordagem teórica da Tradução no Brasil e fazer análises e pesquisas teóricas na *Cadernos de Tradução*, uma das principais revistas do assunto no país, publicada sem interrupção desde sua criação. A teoria da tradução no Brasil, embora tenha representantes brasileiros como Haroldo de Campos e Paulo Rónai (húngaro naturalizado brasileiro), está notadamente vinculada a autores estrangeiros, principalmente oriundos dos Estados Unidos (Venuti), da Europa (Benjamin, Derrida, Schleiermacher, Catford), e da Argentina (Borges). Nesse momento de um mundo globalizado, em que alguns países tentam reivindicar uma autonomia tanto de suas

origens quanto de outras influências dominantes, é preciso saber se o pensamento dos teóricos brasileiros expressa realidades nacionais em suas abordagens de tradução.

Como forma de refletir sobre nosso trabalho, colocamos algumas perguntas que nos propomos a responder ao final desta pesquisa, quais sejam:

- (i) a análise da terminologia da Tradução, como em todas as ciências, serve como indicativo do desenvolvimento da pesquisa em Tradução no país?
- (ii) novas áreas de estudo podem ser identificadas pela maior frequência da terminologia usada em revistas especializadas?
- (iii) embora as teorias da Tradução ainda sigam as tendências internacionais, em que medida o desenvolvimento teórico no Brasil vem se mostrando mais relacionado à cultura do país?

Por meio das ferramentas da Linguística de Corpus que descreveremos neste trabalho, pretendemos obter dados que nos levem às respostas para essas perguntas.

Nos próximo capítulo, o Capítulo 2, abordamos os conceitos básicos da Terminologia, tais como função da terminologia, termo, delimitação de termos, coocorrentes em linguística de *corpus*, conceito, definição, Terminologia como atividade científica e Terminografia. Também fazemos uma breve análise das teorias da Terminologia, como Teoria Comunicativa da Terminologia (de Cabré) e Teoria Sociocognitiva da Terminologia (de Temmerman), e encerramos com uma comparação com a Teoria Geral da Terminologia (de Wüster).

No capítulo 3, discorremos sobre a metodologia e os instrumentos de pesquisa em linguística de *corpus*, caracterizamos o *corpus* como texto especializado, descrevemos a metodologia de compilação de *corpora* e apresentamos as principais funcionalidades de programas de linguística de *corpus*.

O quarto e último capítulo relata sobre o processo de coleta de termos e autores, traz as análise, por vezes individuais, por vezes comparativas de termos como equivalência; texto original, texto de partida e texto fonte; processo tradutório e ato tradutório; língua de chegada, língua meta, língua alvo; texto de chegada, texto meta e texto alo; tradução literária, tradução técnica e tradução científica; crítica de tradução; tradução intersemiótica. Traz ainda análises de autores como Walter Benjamin, Jorge

Luis Borges, Étienne Dolet, os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Lawrence Venuti, Jacques Derrida e Henri Meschonnic.

Por fim, apresentamos uma linha do tempo da tradução e, como última contribuição, listas de termos e autores levantados no *corpus* Cadernos de Tradução e que servem como sugestões de termos da área de Tradução. Nas conclusões, apresentamos nossas considerações a respeito do que constatamos com o estudo do *corpus* usado nessas análises.

CAPÍTULO 2 - TERMINOLOGIA

“A palavra está sempre carregada de um discurso ideológico ou vivencial.”

Bakhtin (1979)

Ao se falar em Terminologia, invariavelmente recorda-se de seu primeiro teorizador que também desenvolveu trabalhos práticos, Eugen Wüster, austríaco, industrial, fundador da Teoria Geral da Terminologia (TGT) que, em meados do século XX, estabeleceu metas para a Terminologia, como a padronização nas áreas de especialidade, e para a criação de um centro internacional de coleta, disseminação e coordenação das informações sobre terminologia (CABRÉ, 2003, p. 165-167). O pioneirismo de Wüster é observado nas proposições em Terminologia, nas quais seus críticos se basearam para sugerir algumas teorias contemporâneas da Terminologia, que serão apresentadas brevemente aqui.

No final do século XX, Sager (1993, p. 19) argumentou que a terminologia está relacionada à criação de termos, sua explicação e apresentação de forma impressa ou eletrônica e está “intimamente relacionada con la ayuda a la comunicación” (*op. cit.*, p. 26), por meio da qual ele expõe a abrangência social da sua teoria. Além disso, esse autor divide a terminologia em três perspectivas, mencionando que ela pode se referir a uma metodologia e conjunto de práticas, a uma teoria, ou a um vocabulário de uma área temática (*op. cit.*, p. 22).

Ao longo dos anos, houve alteração na compreensão da Terminologia, passando por discussões diversas nas quais uns reivindicam que ela é uma disciplina de estudo autônomo (SAGER, 1990; CABRÉ, 1993, 1996) e outros (por exemplo, Wüster) a entendem como uma atividade (e não uma ciência) que transita por várias disciplinas, como a linguística, a comunicação, a psicologia, a ciência da informação, a informática etc. Sager (1993, p. 22) afirma que ela é “uma atividade interdisciplinar e não exatamente uma disciplina por si mesma” (tradução nossa)⁹, mas que é vital para o desenvolvimento das outras áreas de especialidade.

Cabré (1993, p. 32), fundadora da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), considera a terminologia sob três orientações diferentes (similares às de Sager): como uma disciplina (matéria de pesquisa teórica), como uma metodologia, e como um subcomponente do léxico da língua (vocabulário). Para tanto, ela afirma que “la terminología sirve a la ciencia, a la técnica y a la comunicación” (*ibidem*, p. 34) e, ainda

⁹ “una actividad interdisciplinaria y no tanto como una disciplina en sí misma”

hoje, está vinculada à prática, cujo objeto está nas “palavras especializadas del lenguaje natural” (*ibidem*, p. 83), com o objetivo de elaborar dicionários (*ibidem*, p. 86). Cabré entende também que, considerando o campo de trabalho, “la terminología sería parte de la lexicología” (*ibidem*, p. 87), e afirma, ainda, que a terminologia tem por objetivo a padronização (*ibidem*, p. 91).

No entendimento de Pavel e Nolet (2001, p. xvii), “a terminologia faz parte da linguística aplicada” e é tanto um “conjunto de palavras técnicas pertencentes a uma ciência, uma arte, um autor ou um grupo social” quanto uma “disciplina linguística consagrada ao estudo científico dos conceitos e termos usados nas línguas de especialidade” (*ibidem*), o que exclui o entendimento de que ela é uma metodologia.

A terminologia é, para Barros (2004, p. 28), “tão antiga quanto a linguagem humana” e deve sair das universidades e ser implementada nas empresas a fim de mostrar que ela não se limita a um grupo de profissionais “altamente especializados”, mas é necessária em diversas áreas profissionais (*ibidem*, p. 22). Citando a ISO 1087 (1990), Barros (2004, p. 39) entende que a terminologia é o “estudo científico dos conceitos e dos termos em uso nas línguas de especialidade”, cuja unidade é o termo, uma “designação, por meio de uma unidade linguística, de um conceito definido em uma língua de especialidade”.

Krieger e Finatto lembram, como os autores anteriores, que o uso de termos nas linguagens de especialidade é antigo, mas o campo de estudo Terminologia é bastante recente, datando da metade do século XX, com os estudos de Wüster (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 16). Ao definir Terminologia, Krieger e Finatto (*idem*, p. 13) entendem que ela pode tanto “significar os termos técnico-científicos, representando o conjunto das unidades lexicais típicas de uma área científica, técnica ou tecnológica, quanto o campo de estudos”. Observamos que essas autoras tampouco contemplaram a metodologia como um terceiro significado de terminologia. Elas adotaram, ainda, a grafia com inicial maiúscula para a disciplina e, em letras minúsculas, para o conjunto de termos.

Dubuc (2002, p. 4) escreveu que “a Terminologia é uma disciplina que deriva da linguística, tem uma metodologia própria para guiar a prática e reunir os métodos

necessários para garantir a validade do produto que desenvolve” (tradução nossa)¹⁰. Esse autor chama a atenção para a expressão do usuário, para o uso da terminologia em uma situação concreta e para a criação de um vocabulário normalizado em determinada especialidade, mostrando, portanto, sua posição social da Terminologia.

O entendimento de Wüster e de Cabré de que a terminologia é uma metodologia deixou de ser utilizado ao longo dos últimos anos, permanecendo tanto a teoria da Terminologia (com inicial maiúscula) quanto o vocabulário especializado entendido como a terminologia (com inicial minúscula) de uma área, como as duas perspectivas de entendimento desse termo. Pavel e Nolet (2001) e Krieger e Finatto (2004) também excluíram o entendimento de que a terminologia seja uma metodologia.

Quanto ao estado da arte da terminologia da Tradução no Brasil, citamos o livro-glossário *Terminologia da Tradução*, organizado por Lee-Jahnke, Delisle e Cormier e traduzido por Faleiros e Xatara em 2013 que traz 235 termos considerados “o vocabulário fundamental do ensino prático da tradução” (LEE-JAHNKE, DELISLE e CORMIER; 2013, p. 14) e inclui definições, exemplos, sinônimos, abreviações e variantes ortográficas, bem como remissivas (58 dos termos são remissivas). Esse valioso trabalho para a Tradução envolveu pesquisadores de diversos países, e enfatiza que “há uma estreita relação entre a terminologia de uma área e seu estado de desenvolvimento” (idem, p. 15) e que “o hábito de nomear com precisão as noções é uma prática que contribui para a aprendizagem e prática profissional” (idem, p. 17).

Entendemos por Terminologia (com inicial maiúscula) a disciplina que estuda a teoria terminológica; por terminologia (com inicial minúscula) os termos específicos de uma área de especialidade, e por Terminografia, ou atividade terminológica, a prática de uma metodologia com a finalidade de desenvolver produtos terminográficos. A lista de palavras de uma área de especialidade tratadas em um glossário é a nomenclatura, que se diferencia do vocabulário, que se refere aos termos de determinada área não necessariamente incluídos em um instrumento terminográfico. A Terminologia, como ciência, é estudada pelo terminólogo ou linguista; a terminologia, relacionada ao aspecto comunicativo, é elencada ou levantada pelo terminólogo ou pelo especialista de forma manual ou com uso de programas de Linguística de Corpus; a terminografia, atividade terminológica de elaboração de produtos terminográficos, é realizada pelo

¹⁰ “La terminologie est une discipline dérivée de la linguistique, que comprend un certain cadre théorique pour en guider la pratique et un ensemble de méthodes visant à assurer la validité du produit qu’elle met au point.”

terminógrafo com auxílio dos especialistas da área e de outros profissionais como o revisor de textos, o tradutor etc., sendo uma atividade multidisciplinar.

2.1 CONCEITOS BÁSICOS

Para que possamos discorrer sobre terminologia, apresentamos alguns conceitos básicos relevantes para esta tese, antes de falarmos das teorias da Terminologia. Dessa forma, podemos mostrar o entendimento de diversos autores a respeito desses conceitos e a nossa própria conclusão sobre o que é tratado aqui.

2.1.1 Função da terminologia

No que se refere à função da terminologia, Wüster se dizia favorável à prescrição e à normatização, defendia o trabalho onomasiológico (do conceito para o termo), a monossemia do termo, a hierarquização dos termos, e considerava que sua teoria poderia ser utilizada em todas as áreas. Esse terminólogo entendia a terminologia como um instrumento de trabalho, que tinha o objetivo de ser preciso e eliminar a ambiguidade na comunicação científica e técnica. Uma das críticas à Teoria Geral da Terminologia (TGT) de Wüster refere-se a ela não contemplar a abordagem social, o que, posteriormente, outros teóricos procuraram corrigir.

Sager (1993, p. 21) acrescenta ao seu entendimento de terminologia a característica mono ou pluri-idiomática dos vocabulários quando diz que “La terminología es el estudio y el campo de actividad relacionado con la recopilación, la descripción y la presentación de términos, es decir, los elementos léxicos que pertenecen a áreas especializadas de uso en una o más lenguas”, sendo portanto uma ciência/estudo/conhecimento dos termos destinada a ser aplicada, o que demonstra sua função prática.

Ao citar os conceitos e termos, Pavel e Nolet (2001, p. xviii) enfatizam que a terminologia requer uma série de procedimentos (a metodologia) para a sua realização, quais sejam: identificação dos termos e seus conceitos, ateste do seu uso (parte social do trabalho), sua descrição, sua recomendação ou desaconselhamento com a finalidade de que sejam usados sem ambiguidades, sempre relacionados a áreas temáticas e à parte prática da terminologia.

Para Barros (2004, p. 45), são três as perspectivas pelas quais a terminologia é vista: 1) a de quem trabalha com ela, 2) a de quem a usa para expressar-se, 3) a de quem a dirige; que devem ser consideradas em três dimensões diferentes: metalinguística, comunicativa e político-identitária (respectivamente). Elas nos levam a três funções da terminologia: 1) conceptual ou cognitiva, responsável pela harmonização terminológica, organização dos domínios por meio da sistematização dos termos, divulgação do saber; 2) comunicacional, que tem como objetivo comunicar, informar, transferir conhecimentos científicos e tecnológicos, pelo discurso técnico que atualiza as unidades terminológicas; 3) simbólica ou identitária, que estabelece a identidade nacional, regional ou de grupo, faz intervenções oficiais, resgata línguas extintas, protege códigos ameaçados, e se posiciona contra a asfixia de idiomas ou dialetos (*op. cit.*, p. 45-46).

As finalidades do trabalho da Terminologia, no entendimento de Barros (2004, p. 56), são descrever ou normatizar os termos ou conjuntos de termos e condensá-los em obras terminográficas elaboradas a partir de uma nomenclatura organizada sistematicamente. Citando Auger (1988, apud BARROS, 2004, p. 46-47) Barros fala das três tendências da Terminologia mundial, quais sejam: a) ser orientada ao sistema linguístico (corrente linguístico-terminológica) com vistas à descrição de conceitos e termos, sua organização sistemática e normalização de termos, à terminologia descritiva (descrição dos dados terminológicos) ou à terminologia normativa (normalização de termos); b) ser orientada para a tradução (corrente traducionista), para munir os tradutores de instrumentos terminográficos mono-, bi- ou multilíngues, desenvolver programas de tradução automatizada (Termium, EuroDicAutom); e c) ser orientada para o planejamento (corrente planejadora) cujo objetivo é o planejamento linguístico para dar mais relevância a línguas regionais em um ambiente em que não estão sendo muito favorecidas, aplicar medidas práticas e legislativas. Barros vê a terminologia como mais do que uma prática para especialistas, entendendo-a também como instrumento orientado para tradutores ou destinado à defesa de posições ligadas à política linguística.

Nesse mesmo sentido, para Dubuc (2002, p. 6), a atividade de normalização está associada à intervenção no uso da língua, mas é possível fazer uma terminologia descritiva sem que seja necessário normalizar.

Entendemos que tanto o ponto de vista de Wüster, Sager e Pavel e Nolet de função da terminologia como instrumento físico de elaboração de glossários e dicionários para uso

de especialistas com suas linguagens específicas, quanto o entendimento de Barros, que adiciona outras funções da terminologia para atender necessidades de tradutores e defender posições de políticas linguísticas, são válidos como funções da terminologia. Vemos que a primeira - de elaboração de glossários - é mais utilizada de forma geral, é mais sistemática e segue uma metodologia que varia um pouco entre os autores; a segunda - de atender aos tradutores - está bastante difundida e visa à equivalência linguística mais do que à definição ou conceituação dos termos, e a terceira - de política linguística - que, embora seja importante em qualquer país, é mais lembrada quando nos referimos àqueles países bilíngues ou que passam por um momento de defesa de idiomas quase esquecidos ou pouco contemplados na política nacional e que, portanto, precisam de um trabalho de convencimento governamental ou de divisão em outros Estados para a adoção de uma nova língua.

2.1.2 Termo

No que se refere ao termo, Wüster considerava as linguagens de especialidade nomenclaturas fechadas para denominar os conceitos e os instrumentos. Ele entendia a terminologia como uma ciência prescritiva, normatizadora e onomasiológica, e defendia a monossêmia dos termos, hierarquizando-os. Além disso, também considerava que havia uma correspondência única entre o termo e o conceito, i.e., a univocidade do termo. Portanto, ao adotar uma abordagem onomasiológica (do conceito para o termo), Wüster enfatiza o termo.

Ao expor sobre a importância cada vez maior das linguagens de especialidade, Cabré (1993, p. 11) fala da necessidade delas para que haja uma comunicação eficaz entre os interlocutores (especialistas), mas também lembra que, para o público em geral, essa linguagem é um jargão utilizado por esses especialistas para confundir o público, enganá-lo ou impressioná-lo com conhecimentos superiores.¹¹ Cabré (1993, p. 169) define termo como “unidades sígnicas distintivas y significativas al mismo tiempo, que se presentan de forma natural en el discurso especializado”. Cabré (*idem*, p. 170) cita ainda a definição de Lérat (1989 apud CABRÉ, 1993) de unidade terminológica ou

¹¹ “para los especialistas el vocabulário esencial para una comunicación eficaz’, para el gran público no es más que una jerga de especialistas para enganar, confundir o impresionar con conocimientos superiores.”

termo como “um símbolo convencional que representa uma noção definida por um determinado domínio de saber”¹² (tradução nossa).

Dubuc (2002, p. 5) entende que o vocabulário terminológico tem dois níveis: conceitual, ou seja, “os termos que devido a sua forma e ao seu sentido etiquetam as realidades específicas do domínio estudado”¹³, mais relacionados aos termos; e o funcional, que “abrange as alterações que se desviam da língua geral, mas que são parte do vocabulário atual dos especialistas quando descrevem seu trabalho”¹⁴, aqueles representados pelos idiomatismos que fazem parte de determinada linguagem de especialidade. Assim, para exemplificar com a Tradução, fazem parte do nível conceitual termos como ‘processo tradutório’, ‘prática de tradução’, ‘equivalência’, e do nível funcional, fraseologias¹⁵ como ‘buscar uma equivalência’, ‘investigar o processo tradutório’ ou ‘processo de escritura’, todos extraídos do *corpus* estudado. O autor divide em quatro os métodos básicos do trabalho terminológico, sendo a identificação das unidades terminológicas ou o estabelecimento da nomenclatura o primeiro deles, seguido por sua análise, criação neológica e normalização (DUBUC, 2002, p. 4).

Ao mencionar as fontes de obtenção dos termos, Barros (2004, p. 67) cita que eles estão inseridos em textos, em discursos enunciados orais e escritos. A terminografia é definida por essa autora como a “prática de elaboração de vocabulários técnicos, científicos e especializados” (*idem*, p. 68) e serve a aplicações na tradução especializada, no ensino de idiomas e de disciplinas técnicas e científicas, no planejamento linguístico e na normalização terminológica, no jornalismo científico e técnico, entre outros (*op. cit.*, p. 71-96).

O objeto de estudo da Terminologia, para Krieger e Finatto (2004, p. 20), é o termo técnico-científico. Essas autoras enfatizam que os termos “refletem fundamentos conceituais, bem como representam a apreensão da essência dos fenômenos estudados pelas especializações” e lembram que os especialistas fazem parte do “círculo de vozes necessárias” para essa denominação e conceituação (*op. cit.*, p.21).

¹² “est un symbole conventionnel représentant une notion définie dans un certain domaine du savoir”.

¹³ “les termes que par leur forme ou leur sens étiquettent les réalités spécifiques du domaine étudié”.

¹⁴ “qui comprend des tournures qui s’écartent de la langue générale, mais qui font partie du vocabulaire courant des spécialistes quand ils décrivent leur travail”.

¹⁵ Fraseologias são grupos de palavras previamente construídos, ou seja, expressões idiomáticas, provérbios, colocações, frases feitas etc. encontrados nos textos de especialidade ou não e que podem apresentar alguma variação.

Krieger e Finatto (2004, p.35), ao citar Gaudin, dizem que a variação foi o “eixo central para o desenvolvimento da socioterminologia”, isso porque a prescrição de termos ou conceitos não leva em consideração a linguagem em uso e a variação para a elaboração de produtos terminográficos. A Socioterminologia entende também que os termos estão em constante evolução e, portanto, admitem sinonímia e polissemia.

Entendemos que o termo é a unidade de estudo da terminologia dentro das linguagens de especialidade e pode receber conceitos diferentes numa mesma área de especialidade em subáreas diferentes, não sendo, portanto, nem unívoco, nem monorreferencial. O trabalho terminológico se dá de forma semasiológica, do termo para o conceito, uma vez que ele se inicia elencando os termos de uma especialidade, encontrados em documentos e textos dessa área, para posterior entendimento do conceito e da sua definição pelos terminólogos e especialistas envolvidos no trabalho terminográfico.

Aproveitamos essa discussão sobre termos para fazer uma ressalva à denominação ‘termo técnico-científico’, utilizada por alguns teóricos (Krieger) e entidades (ISO 1087), por entendermos que um termo ou é técnico ou é científico. O termo técnico é aquele referente às atividades técnicas ou profissionalizantes de nível médio ou superior, e o termo científico, aquele direcionado às denominações hierarquizadas e/ou padronizadas das ciências, e formado de acordo com um protocolo como o são na biologia, por exemplo. Ambos denominam de forma objetiva (direta, breve), clara (sem ambiguidades) e sem adjetivação (impessoal) os termos das áreas de especialidade.

Propomos, numa análise inicial, que seja considerado termo técnico aquele que nomeia instrumentos, ferramentas, teorias, objetos, noções, entre outros, das áreas jurídica, tecnológica, econômica, social, esportes, *hobbies* etc., denominados com o rigor exigido pela Terminologia, mas sem a necessidade de corresponder a uma classificação sistemática, hierarquizada ou baseada em padrões ou taxonomias utilizada para a comunicação entre especialistas.

Como termo científico propomos que seja considerado aquele que dá nomes a espécies animais ou vegetais, elementos químicos, fórmulas químicas, físicas e matemáticas, entre outros, retratados de forma a ser difícil confundi-los com outros semelhantes na mesma ou em outras ciências, uma vez que foram necessariamente

classificados de forma sistemática e/ou hierarquizada mediante o uso de padrões ou taxonomias das ciências a que se referem, utilizados para a comunicação entre especialistas.

Além desses, existem os termos populares, aqueles corriqueiramente utilizados por leigos e, com frequência, por especialistas na linguagem que exige menos formalidade, para se referir a objetos, animais, plantas, instrumentos etc. – que normalmente têm uma denominação técnica ou científica –, quando utilizados numa linguagem destituída de formalidade, porém com uma precisão suficiente para o entendimento dos envolvidos no assunto. Esses termos populares são também denominados variantes linguísticas, sendo muito úteis para possibilitar a conversa entre especialistas e leigos. Conforme Sager (1993, p. 93), a “teoria terminológica moderna acepta la presencia de expresiones sinonímicas y de variantes de términos y rechaza la actitud prescriptiva estricta del pasado que asociaba un concepto con un solo término”, visto que pode haver inúmeros termos para representar as diversas situações linguísticas.

Quanto ao papel dos especialistas, acrescentamos que eles não só fazem parte desse círculo de elaboração de terminologias e de instrumentos terminográficos, mas são peças fundamentais para a conceituação e denominação, dado que somos nós, terminólogos, que, no trabalho de terminologia, estamos nos inserindo no âmbito de trabalho deles e, portanto, são eles os maiores conhecedores do assunto. No trabalho de terminologia, nossa função é auxiliar os especialistas a selecionar os termos, organizar um mapa conceitual, conceituar e divulgar a terminologia da sua área. Isso não quer dizer que nós, terminólogos/terminógrafos, sejamos coadjuvantes nesse trabalho, visto que somos essenciais para a elaboração de instrumentos terminográficos eficazes e desenvolvidos com metodologia e responsabilidade, mas oferecemos nossa *expertise* em terminologia para colaborar com os especialistas na redação de glossários, dicionários e outros produtos terminográficos, seja na seleção de termos, seja na redação de definições e notas seja na localização de remissiva etc. A terminologia é uma atividade transdisciplinar e é dessa forma que ela mais contribui para a evolução das atividades científicas e técnicas. Na opinião de Alain Rey (1995, p. 8),

não é apenas impensável que, por exemplo, uma pessoa de fora da matemática ou da biologia possa legitimamente interferir na terminologia dessas ciências, mas que até mesmo os próprios

matemáticos ou biólogos conheçam mais do que termos e conceitos da sua área muito específica de conhecimento¹⁶ (tradução nossa).

2.1.2.1 Delimitação de termos

Nossa proposta de delimitação dos termos baseia-se na ênfase de L'Homme (2004, p. 53) de que é por meio da terminografia que se delimita o domínio de especialidade. Na sua proposta de papéis semânticos, essa pesquisadora (*idem*, p. 63) explica que eles são obrigatoriamente evocados pela caracterização de predicados semânticos e que participam dessa situação 'a pessoa que age', 'a coisa sobre a qual se age' e 'quem se beneficia'. A autora esclarece (*idem*, p. 106) que as relações de papéis semânticos podem ocorrer como: agente (ator que origina a ação expressa pelo termo ou o ator responsável pela existência de uma unidade), paciente (ator que se submete a uma ação, sobre a qual a ação acontece), destinação (papel semântico ao qual uma atividade é destinada, para o qual se projetou uma atividade), ou instrumento (papel semântico que retorna ao elemento necessário para realizar uma atividade).

No quadro 3, apresentamos exemplos de relações semânticas conforme sugeridas por L'Homme, bem como nosso entendimento das relações na Tradução e na Terminologia:

Quadro 1 - Relações semânticas, segundo L'Homme, aplicadas à Tradução e à Terminologia

Tipo de relação semântica	Para L'Homme	Na Tradução/ Terminologia
Agente	Programa – programador Oferta – licitante	Tradução – tradutor Terminologia – terminólogo
Paciente	Tratar – dados Vender – mercadoria	Compilar – <i>corpus</i> Traduzir – texto
Destinação	Aluguel – locatário Publicitário – consumidor	Tradução – cliente
Instrumento	Clique – mouse Digitação – digitador	Compilação – programa Tradução – original

Fonte: própria autora baseado em L'Homme (2004).

Quanto aos critérios para a identificação dos termos, L'Homme (*idem*, p. 64-66) defende que substantivos, verbos, adjetivos e advérbios podem ser termos e que a

¹⁶ “it is not only unthinkable that, for example, a non-mathematician, or a non-biologist could legitimately intervene in mathematical or biological terminology, but even very few mathematicians or biologists know more than the terms and concepts of their immediate special subject field”.

unidade lexical é definida em função da ligação entre o seu sentido e o domínio de especialidade. Ela apresenta quatro critérios a serem observados:

- a) a unidade lexical está ligada a um sentido dentro de um domínio de especialidade, que, por sua vez, é delimitado por um projeto terminográfico;
- b) a natureza dos papéis semânticos pode servir de indicativo para confirmar o sentido especializado da unidade lexical;
- c) o relacionamento morfológico, ou seja, se um termo se adéqua aos itens a e b, seus derivados também serão especializados; e
- d) outras relações paradigmáticas compartilhadas por uma unidade lexical com um termo anteriormente admitido em função dos critérios mencionados.

Ainda sobre a delimitação do termo, L'Homme (2004, p. 76) apresenta a dificuldade em estabelecer a extensão dele, dado que um termo pode ser mais abreviado e ter um significado mais amplo ou pode ser mais extenso e ter um significado mais limitado. Todos podem ser atestados por um *corpus*, mas o estabelecimento de como o termo deve ser tratado deve ser uma consideração do terminólogo com o especialista.

2.1.3 Variação terminológica

Segundo L'Homme, “diversas formas diferentes podem coabitar em um texto ou aparecer em um conjunto de textos especializados, todas com o mesmo sentido”¹⁷, constituindo as variantes de um termo. “A variação formal dos termos nos textos é denominada variação terminológica”, sendo várias as formas de distinguir a variação terminológica da sinonímia propriamente dita (L'HOMME, 2004, p. 73). Cabe ao usuário decidir que termo será usado em determinado texto, considerando o contexto.

L'Homme propõe uma tipologia das variantes. Para a autora, variantes gráficas adicionam um sinal diacrítico (hífen) como traço de união de palavras (ex.: não poluentee, não-poluente), ou apresentam a palavra usando maiúsculas ou minúsculas (ex.: Web, web) alternadamente. As variantes flexionais agrupam as diferentes formas flexionadas de um termo e podem ser também uma variação flexional presente em um termo complexo, principalmente no modificador (ex.: impressora a jato de tinta; impressora a jatos de tinta). Nas variantes sintáticas fracas, em certos termos, a

¹⁷ “plusiers forms différentes peuvent cohabiter dans un texte ou apparaître dans un ensemble de textes spécialisés tout en ayant le même sens”

preposição que une os elementos pode variar (ex: dirigir-se para, dirigir-se a) ou ser omitida (ex.: com ou sem sinal indicativo de crase), ou pode ter uma flutuação no determinante (ex.: mudança em ou mudança na, alternância de ou alternância da). As variantes morfossintáticas são alternadas nas partes do discurso e resultam em transformações em sentenças. Termos pertencentes a partes diferentes do discurso são usados para veicular o mesmo sentido sem deixar o texto muito repetitivo (ex.: verbo-adjetivo: arquivo que pode ser formatado – arquivo formatável; substantivo-adjetivo: dilatação de ventrículo – dilatação ventricular; verbo-substantivo: acessar o *site* – acesso ao *site*; adjetivo-substantivo: o bem é durável – a durabilidade do bem; ou adjetivo-advérbio: genético - geneticamente) (exemplos adaptados de L’HOMME, 2004, p. 74-75).

A respeito da forma e do sentido dos termos, L’Homme (2004, p. 107) lembra que a “forma do termo é muitas vezes escolhida em função da *composição semântica* a ser expressa”. Portanto, o termo tem um sentido composicional, quer dizer, seu entendimento depende da “compreensão da soma dos seus constituintes”, com isso, a partir da “leitura dos termos é possível deduzir o seu sentido”, e “essa formação do termo se justifica pela vontade de explicitar o conteúdo semântico dos termos” (*idem*, p. 109).

Faulstich (2001, p. 15) apresenta cinco postulados que sustentam a variação terminológica, dentre os quais enfatizamos a “aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança de curso”, com o que queremos observar a mudança de uso de termos dentro da área de Tradução, que podem ser extraídos do nosso *corpus*.

Segundo Faulstich (*idem*), são três os tipos de variantes: concorrentes, coocorrentes e competitivas. As variantes concorrentes, ou seja, variantes formais, dividem-se em linguísticas (aspectos linguísticos determinam a ocorrência de uma variação) e de registro (dependem do ambiente de ocorrência). A variante formal representa uma “alternativa de denominação para um mesmo referente”.

As variantes linguísticas envolvem variações de natureza:

- fonológica - a forma de falar interfere na escrita, ex.: ‘portfólio’, ‘porta-fólio’,
- sintática - há alternância em construções sintagmáticas, como em ‘clonagem de genes’ e ‘clonagem gênica’,

- morfológica - há alternância da estrutura da lexia ou termo, como em ‘avirulenta’ e ‘não virulenta’,
- lexical - há o apagamento de uma lexia do termo, como em ‘melhoramento genético de plantas’ e ‘melhoramento de plantas’; e
- gráfica - apresenta formas ortográficas diferentes, como em ‘pólen’ e ‘polem’.

Já as variantes de registro abrangem:

- a geográfica - os termos ocorrem em diferentes regiões do país, como ‘aipim’, ‘mandioca’ e ‘macaxeira’;
- a de discurso - termos mais formais ou menos formais em uma linguagem de especialidade (termos do discurso científico, do discurso técnico, ou da vulgarização científica); e
- a temporal - duas ou mais formas concorrem ao longo do tempo pela preferência do usuário. Essas variantes podem, ao concorrer entre si, permanecer como estão ou levar a uma mudança e, como estão concorrendo, não ocupam o mesmo espaço (FAULSTICH, 2001, p. 15-16).

Ainda é possível observar variantes concorrentes no sentido de termos que ocorrem em situações semelhantes, ou seja, em posições em que a variação conceitual influencia na escolha de um termo ou outro. Esse é o caso, em tradução, dos termos ‘texto de partida’, ‘texto fonte’ e ‘texto original’, todos se referindo ao mesmo conceito – de texto de onde se parte para realizar uma tradução – porém, usados de acordo com a preferência do autor.

Quanto às variantes coocorrentes, ou seja, os sinônimos, elas “são aquelas que têm duas ou mais denominações para um mesmo referente. Estas variantes têm por função fazer progredir o discurso e organizam, na mensagem, a coesão lexical” (FAULSTICH, 2001, p. 21). Elas são compatíveis semanticamente, isto é, sinônimas, pois são portadoras do mesmo conteúdo. O uso de uma ou de outra variante coocorrente pode alterar o sentido do texto, embora todas tenham significado similar, com isso, um autor ou outro pode expressar preferência por uma teoria ou outra. Faulstich (2001, p. 22, apud OLIVEIRA, 2001) deixa claro que a “sinonímia terminológica, ao contrário do que muitos teóricos afirmam, ocorre em contextos de linguagem de especialidade, ainda que de forma bastante específica”.

As variantes competitivas – também denominadas por Faulstich empréstimos linguísticos – são aquelas em que uma lacuna na língua de chegada é preenchida por um termo ou léxico da língua de partida, sendo a variação “ativada” pela mistura de formantes das línguas envolvidas. Essa mistura provoca as variantes na língua que recebe a lexia ou termo, pois faz surgir uma “forma vernacular equivalente, por causa do ambiente linguístico estranho à sua [da lexia, do termo] permanência natural” (FAULSTICH, 2001, p. 22).

Para distinguir variação coocorrente de coocorrentes em Linguística de Corpus (LC), passamos a explicar o que são esses coocorrentes em LC, que já não se referem à variação, mas às lexias que acompanham termos ou outras lexias na oração.

2.1.4 Coocorrentes em linguística de *corpus*

Segundo L’Homme (2004, p. 72-73), “o termo não é usado de forma isolada”¹⁸, dado que surge numa frase. Na Linguística de Corpus, coocorrentes são “as palavras que têm uma relação gramatical em uma oração”¹⁹ (HARRIS *et al.* 1989, p. 29, *apud* L’HOMME, 2004 p. 111), são a “combinação dos termos, a saber, a junção das unidades lexicais com aquelas com as quais se combina de forma privilegiada nas orações”. Além disso, os termos se combinam conforme a afinidade semântica que têm com as lexias próximas, e não de forma aleatória. Os termos de uma área de especialidade se combinam com determinadas lexias (verbos, adjetivos), que também se combinam com outros termos da mesma especialidade (L’HOMME, 2004, p. 111-112). Por exemplo, tanto ‘equivalência’ quanto ‘tradução’ e ‘interpretação’ têm como adjetivos comuns ‘literal’; ‘equivalência’ e ‘tradução’ têm ‘escolher’ e ‘existir’ como verbos comuns a uma e outra, e ‘total’ e ‘literal’ como adjetivos comuns; e ‘tradução’ e ‘interpretação’ têm ‘de língua’ em comum.

Coocorrência e colocação se confundem em alguns autores. Por exemplo, no glossário de McEnery e Hardie (2012, p. 258, *apud* ABIDA e MANAN, 2015, p. 130), a colocação é “uma relação de coocorrência entre duas palavras. Diz-se que as palavras estão colocadas uma com a outra se for mais provável que uma ocorra na presença da outra do que em outra posição.”²⁰ Quanto a colocação, lembramos da famosa frase de

¹⁸ “le terme n’est pas utilisé isolément”

¹⁹ “the words to which it has a grammatical relation in a sentence”

²⁰ “Collocation. A co-occurrence relationship between two words. Words are said to collocate with one another if one is more likely to occur in the presence of the other than elsewhere.”

Firth, que a explica da seguinte forma: “you shall judge a word by the company it keeps (uma palavra deve ser julgada por sua companhia)” (SARDINHA, 2004, p. 41). A colocação refere-se a palavras separadas por um curto espaço, dependendo das associações e da ocorrência estatística delas em um texto.

Segundo L’Homme (2004, p. 113), a colocação é o que se denomina um “grupo composto por um termo e uma outra unidade lexical com afinidade semântica e preferencialmente de mesma natureza”. Para essa autora, colocação é “uma expressão empregada pelos lexicólogos e lexicógrafos e utilizada para designar as associações privilegiadas, como café preto ou ignorância crassa”. São vários os entendimentos do que seja colocação, como vemos em (McENERY e HARDIE, 2012, *apud* ABIDA e MANAN, 2015, p. 141):

“The other, perhaps more usual, family of approaches to collocation sees it as a potentially looser pattern of co-occurrence. In this case, a collocation is a cooccurrence pattern that exists between two items that frequently occur in proximity to one another – but not necessarily adjacently or, indeed, in any fixed order. Collocation in this sense may be considered a methodological elaboration on the concordance.”²¹

L’Homme entende que as combinações mais importantes para a terminologia são “compostas de um termo de natureza nominal e de outro termo pertencente à categoria de adjetivo, verbo e substantivo”²² (L’HOMME, 2004, 113). Por sua vez, Biber (1988, p. 55) observa que os padrões de coocorrentes são identificados tanto de forma empírica quanto quantitativa e que a simples contagem de frequência não dá conta da dimensão linguística. Para esse autor, a identificação da dimensão linguística se dá pelo “padrão consistente de coocorrências entre as características”²³, pois, “quando um grupo de feições ocorre de forma consistente nos textos, essas características definem uma dimensão linguística”²⁴ (idem, p. 13).

²¹ “A outra família de abordagens de colocações, talvez a mais comum, a vê como um padrão potencialmente mais solto de coocorrência. Nesse caso, uma colocação é um padrão de coocorrência entre dois itens que ocorrem frequentemente em proximidade um do outro – mas não necessariamente nas suas adjacências ou, de fato, em uma ordem fixa. A colocação nesse sentido pode ser considerada uma elaboração metodológica da concordância.”

²² “son compose d’un terme de nature nominale et d’un autre terme appartenant à la catégorie de l’adjectif, du verbe et du nom”

²³ “consistent co-occurrence pattern among features”

²⁴ “when a group of features consistently co-occur in texts, those features define a linguistic dimension”

McEnery e Hardie (2012, *apud* ABIDA e MANAN 2015, p. 144) denominam sua técnica não estatística de levantamento de coocorrências de “colocação-via-concordância”, por meio da qual o linguista analisa intuitivamente “as linhas de concordância que produzem exemplos e padrões observáveis, não um algoritmo ou procedimento recuperável”²⁵. Nesse caso, o computador serve para fornecer os dados para o analista, mas é o linguista que faz as análises, “identificando, no olho, os itens e padrões recorrentes”²⁶ perto da palavra buscada.

Após essas explicações dos autores da área, consideramos ser coerente utilizar nas menções à Linguística de Corpus o termo coocorrência no sentido de palavras que ocorrem nas proximidades do termo buscado, nem sempre exatamente ao lado do termo, mas também a um pequeno intervalo de distância, e não utilizar colocação como alguns autores sugerem.

2.1.5 Conceito

Depois de 23 anos frequentando cadeias, não faz sentido especular como eu seria sem ter vivido essa experiência; o homem é o conjunto dos acontecimentos armazenados em sua memória e daqueles que relegou ao esquecimento. (Dráuzio Varella, Carcereiros, 2012)

Para iniciarmos o debate sobre o conceito, citamos Alain Rey (1995, p. 35) e o seu questionamento do porquê da terminologia ter demorado tanto a formular sua teoria de conceito, considerando que ele é a base de todas as suas atividades.

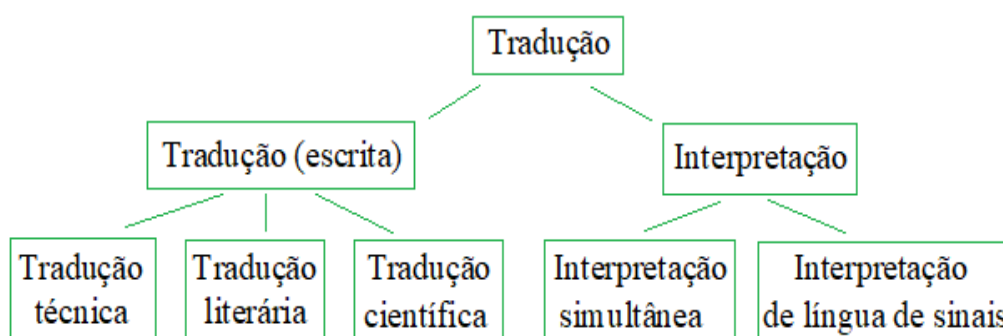
Observamos que o conceito em Terminologia passou por uma evolução ao longo da história. Wüster, em meados do século XX, dando origem a essa discussão, entendeu que o termo ou a denominação é o símbolo linguístico que corresponde ao conceito num contexto técnico-científico. Cabré (1999, p. 103), já mais para o final daquele século, entendeu o termo como uma unidade poliédrica, com três subunidades: a cognitiva, que se refere ao conceito; a linguística, que tem sua expressão no termo; e a unidade de comunicação, que se relaciona à situação de comunicação social.

²⁵ “concordance lines that yields up notable examples and patterns, not an algorithm or recoverable procedure”

²⁶ “identifying by eye the items and patterns which recur”

Dahlberg (1978, p. 104), ao falar das funções que o conceito exerce, faz uma divisão entre ordenação classificatória (hierarquias), definição (conceito) e nome (denominação). Esse autor também cita o tipo de relação existente entre os conceitos, quais sejam, relações hierárquicas, que estabelece uma hierarquia entre os termos, como na figura 1; relações partitivas, existentes entre um todo e suas partes ou entre um produto e seus elementos (que pode ser exemplificado com o programa de Linguística de Corpus Sketch Engine e as funcionalidades que ele oferece – Word list, Word sketch, Thesaurus, Keywords/terms); relações da oposição (p. ex. termos como ‘traduzibilidade’ e ‘intraduzibilidade’ ou ‘texto de chegada’ e ‘texto de partida’); e relações funcionais, que se aplicam a conceitos que expressam processos (p. ex.: tradução → texto original - texto traduzido - tradutor).

Figura 1 – Exemplo de relações hierárquicas na Tradução



Fonte: própria autora.

Alain Rey (1995, p. 32) fez a seguinte distinção entre conceito e noção: conceito é um “ato do pensamento e um objeto do pensamento (ideia) tanto de forma abstrata quanto geral”²⁷ (tradução nossa); é usado em assuntos teóricos, não sendo utilizado na linguagem diária, e tem natureza metalinguística; noção, por sua vez, é “objeto do conhecimento contido em um objeto, e a define como a finalidade da sua atividade”²⁸, usada “para falar das concepções individuais ou aceitas por um grupo social”²⁹, é empregada na terminografia e tem natureza semiótica.

Barros (2006, p. 23, apud TEMMERMAN, 2000), entende que o conceito não é imutável, nem universal, pois é a “expressão de um conjunto de elementos de natureza

²⁷ “The act of thought and the object of thought (idea) both in the abstract and generally”.

²⁸ “object of knowledge contained in an object, and defines it as the purpose of its activities”.

²⁹ “speaking of individual conceptions, or those accepted by one social group”.

linguística que se consubstanciam em um texto que possui não apenas uma dimensão linguística, mas também pragmática, discursiva e comunicativa”. Barros acrescentou a dimensão pragmática ao entendimento de Temmerman. Ao falar da sua primeira proposição, a de que “a hipótese da estrutura prototípica é viável para estruturar e entender uma categoria”³⁰, Temmerman (2000, p. 43) afirma que “muitas unidades de entendimento das ciências da vida têm estruturas prototípicas. Algumas categorias não demonstram estruturas prototípicas”³¹ e, ao invés de fazermos uma distinção entre as informações enciclopédica e definicional, enfatiza que se deva fazer uma distinção da essencialidade da informação em níveis, do mais para o menos essencial, abrangendo a definição básica, as informações históricas, as facetas de conteúdo e de perspectiva.

Ainda sobre essas distinções, Ferreira (*apud* HARDY-VALLÉE, 2013, p. 8) entende que o conceito é semântico, a noção é terminológica e a ideia geral é filosófica (atividade criadora). Para Hardy-Vallée (2013, p. 17), diferentemente do entendimento de Rey, o conceito é a unidade primeira do pensamento e do conhecimento, e nos permite conhecer o mundo, além de ser um particular (mental) que cada indivíduo manipula; já a noção refere-se a “conceitos científicos distribuídos entre várias pessoas (ou livros)”.

Algumas distinções observadas nessa evolução também estão relacionadas ao desejo de Wüster de eliminar a ambiguidade da linguagem técnica, procurar eficácia e precisão, propor a correspondência única entre termo e conceito (univocidade) e a monorreferencialidade (um conceito designa um objeto), e buscar a normalização terminológica. Isso se diferencia do entendimento de Cabré (1993, p. 196) de que o conceito é uma paráfrase ou definição que contempla o conjunto de suas características; e da proposta de Barros de que “a adequação aos usuários é mais importante do que a normatização, a univocidade e os padrões [...]”; e ainda da de Ferreira, que, prefaciando a obra de Hardy-Vallée (2013, p. 11), alerta para o perigo que existe “no conceito, o [perigo] de unir e identificar, o que leva à perda da multiplicidade, da pluralidade, do movimento”. Assim, todo o rigor de Wüster com a intenção de eliminar ambiguidade é diluído nos demais pensadores da Terminologia ao flexibilizarem essa necessidade, mostrando o lado mais sócio-terminológico do termo e sua multiplicidade.

³⁰ “the prototype structure hypothesis is viable for the structuring and understanding of a category”.

³¹ “Many units of understanding in the life sciences have prototype structure. Some categories do not show prototype structure.”

Eugen Wüster defendia a estabilidade dos conceitos, o que é considerado ultrapassado. Alain Rey (1995, p. 45) diz que os itens do léxico “são relativamente estáveis, [mas] as estruturas a serem designadas pelos termos estão em constante evolução”³² (tradução nossa), pois são organizados sincronicamente, porém, têm descrições muito precisas diacronicamente. Barros, por outro lado, entende que o conceito sofre mudanças diacrônicas (tempo), diastráticas (camadas sociais), diafásicas (hierarquias entre as pessoas), e deixa aberta essa lista para outras variações.

No entendimento de Cabré (1999), a Teoria Geral da Terminologia (TGT) de Wüster é coerente, sistemática e suficiente para aqueles trabalhos terminológicos que tenham uma orientação onomasiológica e uma finalidade standardizada. Sobre isso, mencionamos Alain Rey (1995, p. 14) para quem as “ciências taxonômicas se desenvolveram como resultado da necessidade científica”³³. Ele defende que o nome que pode ser definido dentro de um sistema coerentemente estruturado é um termo, sendo o conteúdo da sua definição um conceito que pode ser analisado pela sua intenção (*idem*, p. 27).

Hardy-Vallée (2013, p. 18), ao falar sobre critério, diz que, para a elaboração de um conceito, deve haver uma regra para sua inclusão em uma categoria e que “os conhecimentos são organizados habitualmente em taxonomias: teorias”. Esse autor lembra também que essa organização é feita ao longo de diversas categorias de forma hierarquizada.

No que se refere ao entendimento da expressão dos conceitos, Wüster disse que a verdade científica podia ser expressa nos conceitos. Cabré (1993, p. 96) entende que o “conceito nos traz o conhecimento do domínio especializado” e que “por meio dele o indivíduo apreende a realidade”.

Com isso, observamos a variedade de entendimentos sobre o conceito, que se complementam e trazem uma proposta de que o conceito é um elemento cognitivo que se refere ao pensamento abstrato, não é imutável, nem universal e é particular de indivíduos e, portanto, múltiplo.

Partimos, então, para o entendimento de definição e uma comparação entre definição e conceito.

³² “are relatively stable, the structures to be designated by terms in constant evolution”

³³ “The taxonomic sciences developed as a result of scientific necessity.”

2.1.6 Definição

Dahlberg, Ferreira e Rey, ao se referirem à definição, concordam quanto aos seus limites, pois, no entendimento do primeiro, definir é colocar limites (DAHLBERG, 1978, p. 106), no da segunda, “o conceito (de)limita”, e é, “antes de tudo, ausência” (FERREIRA *apud* HARDY-VALLÉE, 2013, p. 11) e, no do terceiro, o termo é o fim, o limite, “aquele que limita a extensão de algo”³⁴ (tradução nossa) (REY, 1995, p. 16).

Segundo Dahlberg (1978), a definição não é necessariamente exclusiva e pode sofrer variações dependendo da(s) fonte(s) utilizada(s) para sua elaboração. É feita uma delimitação do termo ao se elaborar uma definição obedecendo aos critérios de conceituação da ideia.

Ainda sobre a forma de expressão do conceito, não se observa uma distinção muito grande entre os autores. Dahlberg (1978, p. 107) usa a definição aristotélica (gênero próximo, mais amplo, somado às diferenças específicas, as características especificadoras) e enumera que os conceitos têm características essenciais, ou seja, as necessárias, e acidentais, ou seja, as adicionais ou possíveis. Alain Rey (1995, p 42) afirma que a definição é “expressa na língua natural e carrega consigo todas as ambiguidades, polissemias e conotações da unidade de palavra de qualquer língua em particular”³⁵ (tradução nossa). Cabré (1993, p. 196), por sua vez, vê a definição como um enunciado com as características de um conceito concreto ou abstrato, que tem aspectos essenciais e complementares, intrínsecos ou extrínsecos e pode ser descrita por compreensão ou por extensão. Hardy-Vallée (2013, p. 56) lembra que o “critério é uma condição que nos permite julgar com certeza a presença de uma coisa”, enfatizando a necessidade de uma organização para a elaboração de conceitos.

Para Temmerman (1998-1999, p. 85), a definição da unidade de entendimento deve ser uma resposta a “o que é x?”, enfatizando que as informações essenciais variam conforme o tipo de unidade de entendimento e “as formas de entendimento abrangem, por exemplo, informações históricas, informações intracategoriais e intercategoriais, e informações procedimentais”.

³⁴ “that which limits the extent of anything”.

³⁵ “expressed in natural language, it carries with it all the ambiguities, polysemies and connotations of the word unit of any particular language”.

De acordo com a ISO 1087-1 de 2000, a definição é um “enunciado que descreve um conceito permitindo diferenciá-lo de outros conceitos” e pode ser formulada basicamente de duas maneiras diferentes: a definição por compreensão é aquela intencional, que compreende a menção ao conceito genérico mais próximo (superordenado) que já tenha sido definido anteriormente ou já seja conhecido, acrescido das características que o distinguem e delimitam o conceito; e a definição por extensão, a definição extensional, é aquela que descreve o conceito pela enumeração exhaustiva dos conceitos subordinados aos quais se aplica, que podem ser subdivididos.

Já Wüster entendia que o conceito precede o termo e que esse era criado deliberadamente para denominar aquele, ao que se denominou ‘etiquetar’. Ferreira (*apud* HARDY-VALLEY, 2013, p. 8), por sua vez, vê o conceito como a “faculdade de ligar as sensações graças a categorias” e finaliza seu entendimento afirmando que o conceito é a introdução (*op. cit.*, p. 12). Conceito como introdução sugere que há muito a ser dito além de um conceito que não está abarcado nele, mesmo porque o conceito está em constante desenvolvimento. Rey (1995, p. 8) lembra que “mesmo as ciências mais coerentes estão constantemente passando por reavaliações, pois os conceitos evoluem mais rápido do que os termos”³⁶ e que, para os Platonistas, eles são, por vezes, “vistos como algo que existe fora da linguagem e anteriormente a ela”³⁷. Hardy-Vallée, por sua vez, alerta para as várias “funções reconhecidas aos conceitos” (2013, p. 99-105), as gnosiológicas, por meio das quais conhecemos o mundo; as inferenciais, das quais fazem parte a dedução (tirar conclusões), a indução (generalização a partir do particular), e a abdução (criar regras a partir de um caso); além das linguísticas, que incluem a comunicação e o significado. No seu entendimento sobre o percurso adotado pelo terminólogo, Barros (2004, p. 67) observa que ele

parte do termo e procede a uma análise de seu conteúdo semântico. Seu percurso é, portanto, o do interpretante, percurso semasiológico. Ao redigir as definições, no entanto, parte do significado para chegar a um enunciado (percurso onomasiológico). O único momento em que o percurso onomasiológico é exclusivo dá-se na fase que precede a geração de neônimos destinados a designar novos elementos da realidade.

³⁶ “even the most coherent sciences are constantly undergoing reassessments, because concepts evolve faster than terms”

³⁷ “Concepts are sometimes seen as existing outside and prior to language”

Quanto à análise contextual da noção, ela é considerada por Dubuc (2002, p. 5) o elemento fundamental da pesquisa terminológica, e consiste na delimitação do contexto que circunscreve os elementos portadores de sentido que significam. Segundo esse autor, essa análise terminológica aprofundada deixará aparentes as carências de vocabulário (*op. cit.*, p. 5) com novas noções que não foram nomeadas ainda e cujas lacunas devem ser preenchidas. Entretanto, Dubuc (*op. cit.*, p. 6) alerta para o fato de o terminólogo não ser, em princípio, um criador de termos, com o que concordamos dado que ele não é o especialista na área e não tem autoridade para essa criação.

No nosso entendimento, existem várias distinções entre conceito e definição, a começar pelo conceito ser cognitivo, intelectual, referir-se ao pensamento e ao conhecimento, e a definição ser um enunciado normalmente escrito expresso em língua natural sobre esse conhecimento, intelecto. A definição serve para fins de aquisição de conhecimento e, portanto, para o aprendizado, e o conceito é a internalização desse conhecimento, aprendido individualmente. Um conceito, além de ser individual, pode ser aceito e adotado por um pequeno grupo específico, sendo, normalmente, utilizado para a discussão de assuntos teóricos; já a definição pertence a um grupo ou à coletividade e é utilizada na comunicação cotidiana (mesmo que apenas entre um grupo de especialistas). Ambos se referem à significação, não são unívocos, pois admitem que um termo tenha mais de um conceito/definição, nem monorreferenciais, uma vez que conceito e definição podem designar mais de um objeto. O conceito no intelecto do indivíduo não tem um formato específico, já a definição deve seguir certas regras (aristotélica, hierarquizada, taxonômica) para ser elaborada. A definição tem dois métodos principais: a definição aristotélica (por intenção), que parte do gênero próximo (hiperônimo) e é restringida com a apresentação das diferenças específicas da coisa/conceito a ser definido; ou a definição por extensão, na qual, como já mencionado anteriormente, se enumeram os itens que representam determinado termo a fim de se chegar à conclusão do que ele significa. A definição pode ainda ter características essenciais, necessárias para seu entendimento, e características complementares, que são as possibilidades para a definição de um termo. Tanto o conceito quanto a definição passam por reavaliações de acordo com a mudança e a evolução da ciência à qual estão ligados, ou da ideologia da pessoa, grupo, sociedade. O quadro 2 traz as distinções e similaridades entre conceito e definição:

Quadro 2 - Distinções e similaridades entre conceito e definição

Conceito	Definição
Cognitivo, intelectual, pensamento	Enunciado, normalmente, escrito
Internalizado no conhecimento, no aprendizado	Serve para fins de conhecimento e aprendizado
Aplica-se a indivíduos ou a pequenos grupos	Serve a um grupo ou coletividade
Usado para discutir assuntos teóricos	Usada na linguagem diária
Semântico (significação)	Semântica (significação)
Não há univocidade ou monorreferencialidade	Não há univocidade ou monorreferencialidade
Sofre mudanças diacrônicas (tempo) diastráticas (escala social), diafásica (variante linguística)	Sofre mudanças diacrônicas (tempo) diastráticas (escala social), diafásica (variante linguística)
Surge e partir do entendimento referente a um termo (processo onomasiológico)	O termo recebe uma definição (processo semasiológico)
Não tem um formato específico	Formatos: 1) Definição aristotélica (gênero próximo + diferenças específicas); 2) Definição por extensão: enumera itens que representam o termo. Pode incluir características essenciais (intenção) e complementares (possíveis) Pode incluir características intrínsecas e extrínsecas Categorização, hierarquização, taxonomia
Passa por mudanças em função das ideologias	Passa por reavaliações de acordo com a mudança na ideologia

Fonte: própria autora, baseada em Dahlberg (1978), Rey (1995), Hardy-Vallée (2013), Temmerman (1998), Dubuc (2002), ISO 1087 (2000) e Barros (2204)

Após essa sucinta apresentação dos entendimentos básicos necessários para a Terminologia, quais sejam: função, termo, conceito e definição, variação terminológica, delimitação de termos e coocorrentes em Linguística de Corpus, passamos a fazer considerações a respeito da Terminologia como atividade científica e justificar o seu estatuto de ciência.

2.1.7 Terminologia como atividade científica

Na introdução do seu livro *Essays on Terminology*, Alain Rey argumenta que os fundamentos das teorias da terminologia ainda precisam se fortalecer com as contribuições de descobertas modernas como a “lógica, a epistemologia, a história das ciências, a tecnologia e a análise do discurso” (REY, 1995, p. 8-9), e que a terminologia oferece aconselhamento linguístico para as demais ciências, que, para o desenvolvimento de suas terminologias, dependem dos especialistas (*idem*, p. 8). No prefácio desse livro, Bruno de Bessé (apud REY, 1995) lembra também que a

terminologia dispõe de um espaço especial na “arqueologia do conhecimento”, pois os termos portam histórias que estão ligadas a conceitos especializados, o que favorece o estudo da história do conhecimento e das ideias (*idem*, p. 2).

O próprio termo “terminologia” já foi interpretado de forma negativa, tendo sido considerado um “grupo de palavras difíceis, obscuras e inúteis”, de acordo com os dicionários franceses do século XIX. Essa ideia de que as terminologias são uma linguagem de difícil acesso para o público em geral se confirma, pois, são de fato destinadas aos especialistas de cada área. É nas publicações pseudocientíficas, de popularização da ciência, e na mídia que elas assumem uma linguagem mais acessível ao público e, então, passam a ser utilizadas na linguagem cotidiana. Com o tempo, a terminologia foi sendo reconhecida como o jargão das linguagens de especialidade e perdeu a conotação negativa. Entretanto, uma discussão mais atualizada na Terminologia é a respeito dela ser uma disciplina ou uma metodologia.

Corroborando a afirmação de Rey (1995, p. 18) de que “as teorias linguísticas em geral desenvolvem-se com a finalidade de justificar necessidades sociais”, não podemos deixar de reconhecer que o mesmo ocorreu com a Terminologia, que teve seu surgimento na necessidade linguística de denominar e conceituar termos das áreas de estudo específicas.

As terminologias e seus conceitos são essenciais para garantir a discussão entre os especialistas sem as confusões provocadas por entendimentos dúbios ou divergentes. Para tanto, é necessário o envolvimento dos verdadeiros conhecedores das ciências, os especialistas, na formulação de termos e conceitos de especialidade. De acordo com Rey (1995, p. 22), a Terminologia precisa contar com um “corpo indispensável de conhecimento” para o estabelecimento de termos, sua definição, documentação e tradução, ou seja, especialistas da área, terminólogos, documentadores.

A teoria da Terminologia, como afirma Rey (1995, p. 23), é o espaço comum (“*common ground*”) em que são localizados os problemas e soluções terminológicos de todas as ciências (física, biologia, matemática, engenharia) no que se refere a sua história, epistemologia (como atividade científica), análise semântica e lexicologia especializada. Por meio da teorização da Terminologia encontram-se as soluções para o tratamento das terminologias das ciências e técnicas, pois o que é observado em uma

pode auxiliar na elaboração de nomenclaturas (lista de termos de uma área específica), definições, conceitos, taxonomias de outras ciências ou técnicas.

Ainda segundo Rey (1995, p. 24), a terminologia se distingue do léxico por ter características de uma metalinguagem, e por haver a possibilidade de os termos serem apresentados em forma de um símbolo ou de uma expressão numérica, embora normalmente o sejam por palavras ou expressões (*idem*, p. 26).

Rey aponta que o estado inicial da Terminologia faz com que a pesquisa na área de denominação dos termos ainda seja dependente da epistemologia (que, a seu ver, ignora a linguagem e as funções sociais), da história das ideias, da teoria das ciências etc. Afirma também que os empréstimos se baseiam nos avanços de alguns sistemas linguísticos em relação a outros, que, por vezes, coincidem com as descobertas feitas nas ciências e, portanto, têm prioridade conceitual e de conhecimento (REY, 1995, p. 60). Ou seja, os países mais avançados na ciência e na indústria, com suas tecnologias e conhecimentos de ponta, lançam suas terminologias na língua vernácula, que, por sua vez, podem ser ou não adotadas pelos países importadores dessas tecnologias e conhecimentos. A terminologia tem um espaço a ocupar na conceituação dos termos que inclui a consideração da linguagem e das funções sociais em substituição ao caráter filosófico da epistemologia.

No entendimento de Rey (1995, p. 29), os terminólogos se interessam por signos (palavras e unidades maiores que palavras), pois são nomes que denotam objetos e indicam conceitos. Esses signos linguísticos incluem os substantivos comuns, expressões substantivadas, verbos que não possam ser substantivados, e adjetivos não oriundos de substantivos que denotam uma propriedade (aqueles terminados em -ismo, -ice e -idade, p. ex.: catolicismo, criancice, genialidade).

O sistema de nomeação dos termos na Terminologia, de acordo com Alain Rey (1995, p. 28), está relacionado ao “estudo de conjuntos estruturados de nomes que denotam conjuntos de objetos (referentes individuais, especificidades da lógica) agrupados e classificados por meio de critérios expressos nas suas definições”³⁸

³⁸ “studies structured sets of names denoting sets of objects (individual referents, the particulars of logic) grouped and classified by criteria expressed in their definitions.”

(tradução nossa). Assim, os sistemas são organizados conforme os temas a que se referem, seja na área científica, tecnológica, artística, lazer seja em outra, que reúnem toda a terminologia da especialidade e a classifica, digamos, em uma árvore temática.

Afirmando que o conceito é a base da atividade terminológica, Rey (1995, p. 35) lembra que a terminologia demorou muito para formalizar uma teoria de conceito. Ele considera que o conceito não pode ser visto apenas do ponto de vista nominalista, que se atém ao uso da palavra, ou a terminologia será sempre apenas um anexo da lexicologia; e entende que a visão mentalista, de Saussure, na qual o conceito forma uma imagem ou ideia das coisas quando elas não estão presentes, é uma abordagem ainda mais ilusória. Ele lembra também que a hipótese Sapir-Whorf sugere que os sistemas linguísticos organizam toda uma visão de mundo considerando as respectivas culturas, sendo essa a visão dos etnolinguistas. Para que as palavras se transformem em termos, é necessário que estejam sistematizadas e que sejam consideradas suas descrições e definições. Assim, ele entende que se corre o risco de cair na metafísica ao falar de conceitos, noções, universais, mas que ela é necessária para ultrapassar a descrição fenomenológica e nos preocuparmos com o sentido e o significado (ir além da linguística descritiva), se quisermos separar o que é uma ideia individual do que é uma noção coletiva e descrever as propriedades das coisas, sem entrar na ciência e na tecnologia (REY, 1995, p. 35-36).

Por fim, esse autor reconhece que a definição e a descrição são a essência da Terminologia e expõe sobre o estabelecimento de limites (delimitação) e o resultado (o termo) obtido com a denominação. Conclui que, para ser considerado um termo, este deve estar inserido em um grupo que possa ser distinguido de outros grupos, ou seja, numa terminologia, o que se atinge por meio da definição. Assim, segundo Alain Rey (1995, p. 46):

Na medida em que um sistema terminológico, mesmo tendo um sistema conceitual coerente correspondente, é incapaz de refletir suas relações internas, a terminologia é autônoma em relação à epistemologia. Na medida em que um sistema terminológico, mesmo se formado por palavras imotivadas e comuns da língua, denota um

sistema conceitual e existe apenas para denotá-lo, a terminologia é autônoma em relação à linguística.³⁹

A Epistemologia, conhecida como a teoria do conhecimento, busca explicar como as nossas opiniões e afirmações podem ser sustentadas por meio de justificativas convincentes que não ofereçam espaço para críticas (DUTRA, 2010, p. 11). Assim, a “crença verdadeira e justificada”, defendida por Platão, vale até os dias atuais para representar o que é o conhecimento (*idem*, p. 17). Mas existe a crença e a justificação validadas por uma pessoa e o que se pode comprovar como sendo verdadeiro, que é a realidade. A crença e a justificação não podem ser comprovadas, a realidade pode. A epistemologia se ocupa, portanto, de como saber se algo é ou não verdadeiro (*idem*, p. 32) e procura conhecer a veracidade de um conhecimento a partir dos dados empíricos que apoiam esse conhecimento e o comprovam. Ela procura mostrar que há várias maneiras de levantar hipóteses, por meio da justificativa, da explicação e da descrição, podendo a primeira ser uma percepção, um entendimento (subjetivo); a segunda ser uma causa para algo (experiência subjetiva) e a terceira ser um relato (objetivo), portanto, cada uma delas é defendida por uma abordagem epistemológica diferente.

No que se refere ao nosso trabalho de terminologia, essa atividade científica, feita por seres humanos racionais e que usam a consciência para adquirir conhecimento, pode ser realizada por meio de uma abordagem empirista, em que os dados contidos nos artigos coletados e organizados num *corpus* podem ser observados e analisados. Essa observação representa o que já foi escrito por autores a respeito de determinados assuntos, portanto, reflete a opinião dos autores num momento anterior ao da coleta dos dados, ou seja, não existe uma manipulação das opiniões, é simplesmente uma constatação do que já foi expresso pelos autores. Dessa forma, não é possível haver desvio na análise dos autores. Isso se compara à criação de frases quando se quer analisar determinada característica linguística, por exemplo, em que as frases não foram colhidas em documentos reais, mas criadas para fins da pesquisa, o que pode levar a tendências, preferências ou até defesas ideológicas, enquanto a recolha de frases de um

³⁹ “To the extent that a terminological system, even if it matches a coherent conceptual system, is incapable of reflecting its internal relationships, terminology is autonomous with respect to epistemology. To the extent that a terminological system, even if it is formed from unmotivated and common language words, denotes a conceptual system and exists only for denoting it, terminology is autonomous with respect to linguistics.”

corpus traz cientificidade para a análise linguística. Essas frases de um *corpus* trazem uma verdade, os fatos constatados na fala de uma determinada população e não algo criado para servir de exemplo.

A busca da verdade baseia-se no uso da Linguística de Corpus, uma coleta científica de dados pré-existentes, e não na elaboração de exemplos fictícios para análise de autores, teorias etc. Os dados palpáveis, originais – não aqueles coletados especificamente para determinado estudo – conferem cientificidade a uma investigação responsável. Para que haja um reconhecimento da cientificidade das disciplinas, é essencial que os dados sejam obtidos de forma sistematizada. Esse problema pode ser minimizado incluindo-se uma abordagem empirista, com foco no objeto de pesquisa em oposição ao foco racionalista, que enfatiza o sujeito pesquisador. No caso dos estudos das áreas humanas, antes do desenvolvimento dos programas de LC, os exemplos eram criados a partir da experiência do investigador; atualmente pode-se fazer estudos com dados reais, sem a interferência pessoal (e, quiçá, tendenciosa) do pesquisador. A observação é feita sobre dados reais, nos quais o aprendizado do pesquisador se dá por meio de dados colhidos na população escolhida por ele para ser investigada.

O estudo baseado em dados nos leva a conhecer o que estamos estudando por meio de fontes confiáveis e verídicas, obtidas de dados reais, por meio dos quais se pode justificar as afirmações feitas para as análises apresentadas. Esse tipo de estudo evita que se fale em crenças, pois apresenta a confirmação por meio de dados, apresenta interpretações fundamentadas e explicações comprovadas. Tradução e Terminologia podem se apresentar como áreas científicas nas suas limitações, com justificativas firmes e baseadas em estudos de *corpora* para as observações realizadas.

O estatuto de ciência da Terminologia se afirma por ela se apresentar como uma atividade científica, pois tem uma história evolutiva, tem as teorias com autores distintos e fases evolutivas nítidas, além de seus próprios conceitos delimitados e reconhecidos pelos estudiosos do assunto. A Terminologia tem uma relação estreita com a epistemologia das ciências, restabelecendo redes conceituais das diferentes áreas científicas. Portanto, a Terminologia é uma ferramenta indispensável para qualquer ciência que queira discutir sua epistemologia.

Após essas considerações sobre epistemologia e a necessidade da Terminologia se tornar uma ciência autônoma, para incluir tanto a linguagem quanto suas funções sociais, vamos abordar agora a terminografia.

2.1.8 Terminografia

Segundo Cabré (1993, p. 261), a terminografia é a “vertiente aplicada de la terminología encargada de la elaboración de diccionarios especializados”, sendo, portanto, uma atividade prática que vem da terminologia e caracteriza-se por ser interdisciplinar. No entendimento de Rey (1995, p. 8), a terminografia é a prática da terminologia, que se “inicia quando a origem espontânea e a padronização das terminologias não é mais adequada e quando a harmonização e padronização dos conceitos pode ser desenvolvida e controlada externamente”⁴⁰.

Para a terminóloga Marie Claude L’Homme (2004, p. 21), a terminografia “engloba uma série de atividades com o objetivo principal de descrever os termos nos dicionários especializados ou nos bancos terminológicos”⁴¹ (tradução nossa). Já Boulanger (2001, p. 13 *apud* KRIEGER e FINATTO, 2004, p.50) se alonga mais na sua definição de terminografia definindo-a como um “trabalho e técnica que consiste em recensear e estudar termos de um domínio especializado do saber, em uma ou mais línguas determinadas, considerados em suas formas, significações e relações conceituais (onomasiológicas), assim como em suas relações com o meio socioprofissional”.

Entendemos que a terminografia se ocupa do desenvolvimento de produtos terminográficos físicos ou virtuais, mono-, bi- ou plurilíngues, destinados a serem utilizados pelos profissionais da área em que foram desenvolvidos ou por outros de áreas afins ou interessados no assunto para a solução de dúvidas quanto ao conceito, tradução, relação de um termo com outros e com os usuários, bem como para a validação do entendimento de um termo em um produto cuja seriedade é reconhecida na área, caso dos glossários desenvolvidos junto aos especialistas.

A elaboração de um glossário terminológico foi descrita na minha dissertação de mestrado (MARINI, 2013), na seção “Metodologia de elaboração dos glossários”, em que as fases adotadas estão descritas com bastante detalhe. A fim de esclarecer de forma

⁴⁰ “only starts when the spontaneous origin and standardisation of terminologies proves inadequate, and when concept harmonisation or standardisation can be carried out and controlled externally.”

⁴¹ “regroupe un ensemble d’activités dont l’objectif principal est de décrire des termes dans les dictionnaires spécialisés ou les banques de terminologie”

abreviada a metodologia que adotamos, apresentamos aqui os principais itens a serem observados: compilação dos textos a serem usados na coleta de termos; coleta dos termos de forma automática com uso de programa de Linguística de Corpus; seleção dos termos pelos profissionais da área de especialidade junto com os terminólogos; elaboração da nomenclatura⁴² do futuro glossário; seleção de definições já existentes em textos da área de especialidade; reunião com os especialistas para a elaboração de uma definição comum, bem como das equivalências em tradução e, se assim for previsto no glossário, das remissivas, sinônimos e demais itens da microestrutura do verbete; revisão das definições pelo terminólogo e validação dessas junto à equipe de especialistas. Depois disso, é feita toda a parte de elaboração de paratextos, revisão por linguistas e preparação para impressão ou disponibilização em meio eletrônico, parte desenvolvida junto a uma gráfica ou editora.

Quanto ao âmbito de aplicação, a terminografia não se refere apenas a um produto como um glossário ou dicionário especializado, ela também pode se referir a glossários apresentados ao final de textos ou de livros que incluem os termos adotados em um produto gráfico específico. Pode ainda ser destinada a uma área (ex.: Saúde Suplementar), a um produto, a um programa eletrônico (Ex.: Banco de Preços em Saúde), a um equipamento de uma instituição, à instituição como um todo, ou a uma área de especialidade em geral. Pode, portanto, ser institucional ou profissional, científica ou técnica, de uma grande área ou de uma subárea do conhecimento. Sua aplicação se expande para todas as disciplinas, técnicas, artes e outras atividades.

Os produtos terminográficos são utilizados pelos profissionais especialistas de cada área, mas também por usuários indiretos como tradutores, intérpretes, documentalistas, jornalistas especializados, lexicógrafos e terminólogos, entre outras categorias de profissionais (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 27). Para seu uso eficaz, esses profissionais precisam confiar nos produtos terminográficos desenvolvidos e essa confiança será maior se tiverem a confirmação da participação de especialistas do assunto na elaboração desses instrumentos. Para isso, o uso de ferramentas e programas adequados é essencial a fim de dar confiabilidade ao produto, o que a Linguística de Corpus pode oferecer, como veremos na seção 3.

⁴² Nomenclatura refere-se à lista de termos a serem incluídos em um glossário.

2.2 TEORIAS DA TERMINOLOGIA

Dentre as teorias da Terminologia, elencamos duas que são mais representativas do pensamento desenvolvido nesta tese, para serem abordadas aqui. Assim, por seu amplo uso e aceitação, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de Maria Teresa Cabré, ganha espaço entre nossas discussões, bem como a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), de Rita Temmerman, devido a sua proposta de basear-se em textos indicados por especialistas da área estudada para desenvolver o seu método de análise terminológica, isto é, sua ênfase nos especialistas. Ambas fazem comparações com a Teoria Geral da Terminologia (TGT), que não detalharemos aqui por estar ultrapassada e por considerarmos que a discussão da Terminologia no estágio atual já entrou em uma nova fase de fazer propostas contemporâneas sem precisar voltar às recomendações de Wüster. Entretanto, pela importância desse teórico, a quem temos muito a agradecer pelas suas reflexões e pela TGT, apresentamos ao final deste capítulo, no quadro 3, uma comparação dessas três teorias: TGT, TCT e TST.

2.2.1 Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

Após estudar e considerar as colaborações deixadas pela Teoria Geral da Terminologia, de Eugen Wüster, Maria Teresa Cabré ofereceu diversas contribuições para auxiliar no entendimento da Terminologia e propôs a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Portanto, essa teoria surgiu como uma crítica à rigidez da TGT e é considerada mais ampla e flexível do que aquela. Algumas propostas da TCT são o entendimento do termo como poliédrico, a ênfase na comunicação, o acolhimento da variação e da sinonímia, a consideração do termo como sendo parte da linguagem natural, e o reconhecimento de que a terminologia é aplicada a temas específicos. Essa autora não entende a Terminologia como uma disciplina original, mas como uma que traz de outras disciplinas as bases para se desenvolver. Cabré defende ainda que a Terminologia envolve estudos relativos ao conhecimento, à comunicação e à linguagem, e é interdisciplinar, pois está incluída nas diversas atividades e profissões.

Maria Teresa Cabré expõe seu entendimento da poliedricidade do termo, pois o considera em três perspectivas: como unidade linguística (referindo-se à denominação do termo), como unidade cognitiva (quando atribui um conceito a um termo) e como unidade de comunicação (quando expõe que a situação de comunicação em que o termo

é utilizado é importante para sua conceituação). Esses são os três focos do seu trabalho: a linguística, a cognitiva e a social ou comunicativa, respectivamente.

Cabré defende que os termos fazem parte do sistema linguístico comum, ou seja, podem ser palavras quando usados na linguagem cotidiana, e termos, quando empregados por especialistas dentro da sua linguagem de especialidade. Além disso, a língua comum e a de especialidade contribuem uma com a outra com novos termos ou palavras. De acordo com essa autora, “a Terminologia, vista como uma disciplina linguística, deve dar conta da descrição dos códigos, da descrição dos atos comunicativos especializados reais, da explicação do funcionamento da terminologia dentro da linguagem natural e da elaboração de aplicações terminológicas diversas que satisfaçam necessidades comunicativas igualmente diversas” (CABRÉ, 1999, p. 133-134).

Segundo Cabré, a variação, uma característica das línguas naturais, também é admissível na linguagem de especialidade, pois essa não é um sistema dissociado da língua comum. Ao aceitar a variação, a TCT também acena com a possibilidade de sinonímia (dois ou mais termos referindo-se a um mesmo conceito), e de polissemia (um termo ter dois ou mais significados diferentes). Ao falar sobre a variação na linguagem de especialidade, Cabré (1993, p. 158-162) expõe que os termos sofrem variação diacrônica, com a alteração de conceitualização de determinada disciplina ao longo do tempo, diatópica, com as distinções de acordo com a região geográfica em que são usados, diastrática, com o discurso de banalização ou vulgarização, e fala da variação decorrente das finalidades comunicativas, que exigem alterações sintáticas, morfológicas e textuais na escrita especializada.

No entendimento da TCT, a terminologia é temática, os termos podem pertencer a campos diferentes e ser emprestados de uma área de conhecimento para outra, contribuindo com a modernização e a atualização do vocabulário das áreas. Os termos só podem ser compreendidos dentro de sua área de especialidade, visto que adquirem significados singulares em cada área de uso. Dessa forma, o uso que determinada comunidade faz dos termos especializados é mais relevante do que a padronização dos termos, e deve ser descrito nos produtos terminográficos em um processo semasiológico (do termo para o conceito).

Em artigos mais recentes, Cabré tem-se dedicado a analisar os termos, bem como as competências do terminólogo, *corpora*, poliedricidade, o que se entende por textos de especialidade, apresentando novas contribuições para a discussão de aspectos da terminologia.

Assim, ao falar sobre a constituição de *corpora* de especialidade, Cabré enfatiza a importância da Linguística de Corpus para aperfeiçoar a qualidade dos estudos de linguística descritiva. Ela traz o questionamento do que se entende por textos de especialidade, ao que oferece uma definição, “son las producciones lingüísticas, orales o escritas, que se producen em escenarios de comunicación profesional y sirven exclusivamente a uma finalidade profesional” (CABRÉ, 2007, p. 90), cujos cenários profissionais têm interlocutores específicos e um assunto determinado daquele domínio. No artigo “Constituir un *corpus* de textos de especialidad: condiciones y posibilidades” (2007), ela mostra as possibilidades de uso da LC, na terminologia, investigando o discurso especializado, termos e fraseologias; na tradução, com a constituição de dicionários; e no ensino, propondo formas de ensinar línguas de especialidade ou línguas para fins específicos. Por fim, apresenta uma lista de características dos textos de especialidade em espanhol, entre elas: predomínio de substantivos, predomínio do presente do indicativo, expansão adjetival dos substantivos, nominalização de formas verbais, predomínio da voz passiva, impessoalidade (uso de *nosotros* e *uno*), que também são observadas no português.

Já em entrevista publicada sob a autoria de Krieger, Santiago e Cabré (2013, p. 330), esta última fala que o terminólogo com amplas habilidades apresenta um conjunto de competências, como: saber propor, agir, dinamizar, divulgar o trabalho terminológico, entre outras coisas, e ser útil em várias áreas. Por outro lado, ela alerta que terminólogos só são contratados em empresas muito grandes, caso contrário, outro profissional terá que fazer o papel do terminólogo, como o tradutor, por exemplo. Assim, ela defende a “figura de um profissional polivalente. “[...] Porque es lo único rentable para los sectores productivos”, demonstrando a preocupação que se tem na Europa com a conexão entre os estudos e a aplicação na indústria, negócios, ou seja, no “setor produtivo”, como ela mesma denomina. Nesse mesmo artigo, Cabré expõe sobre a participação do terminólogo na criação de termos quando o especialista não tem uma solução firme. Nesse caso, o terminólogo busca no discurso dos especialistas e

cientistas as palavras usadas com determinado significado, para orientar os profissionais na escolha do termo (*op. cit.*, p. 331).

Em outro artigo, Cabré volta a discutir o princípio da poliedricidade e a apresentar argumentos para essa abordagem dos termos. Ela explica que o termo tem três funções: designativa, denominativa e significativa, sendo a primeira aquela que “aponta” para um referente, a segunda, aquela que dá um nome a um conceito, e a terceira, a que apresenta informações sobre o conteúdo que transmite (CABRÉ, 2011, p. 5). A respeito do termo, a autora o entende como uma unidade que não tem um valor em si mesma, mas que toda unidade do léxico pode potencialmente ser um termo em função do uso específico em um determinado contexto comunicativo (*idem*), proposta que denominou “Princípio do valor terminológico”. Ela explica ainda que são as necessidades dos contextos que levam as pessoas a verem os fenômenos de formas distintas, e exemplifica isso com a capacidade dos esquimós de diferenciarem mais de quarenta tons de branco. Quanto ao conceito, Cabré nos diz que ele está ligado a um discurso de um conhecimento específico, e que, portanto, o termo corresponde a um conceito na mente do especialista. Essa autora entende ainda que o especialista domina sua especialidade quando conhece os termos desse discurso, alerta que existe variação terminológica, ou seja, sinonímia, e que os especialistas usam o termo para um determinado conceito, mas também usam paráfrases para se comunicar, e que pode haver polissemia, ou seja, o uso de um termo associado a mais de um sentido. Ela conclui que o processo de terminologização se inicia com a categorização dos objetos em conceitos, passa pela sua projeção na mente do usuário e termina com a sua verbalização por meio de um termo, explicando assim os planos referencial, cognitivo e linguístico.

2.2.2 Teoria Sociocognitiva da Terminologia

No seu livro *Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach*, publicado em 2000, Rita Temmerman faz uma crítica enfática das teorias tradicionais de terminologia e apresenta sua proposta de terminologia sociocognitiva. A autora apresenta discussão das outras teorias, entretanto, resolvemos aqui resumir apenas as propostas da abordagem sociocognitiva, a fim de mostrar essa teoria e não repetir o que teorias tradicionais do século passado defendiam.

Temmerman faz uma exposição das teorias tradicionais e uma mais breve das teorias mais recentes, buscando nestas últimas os argumentos para a sua proposta de terminologia sociocognitiva. Ao refutar a perspectiva onomasiológica (que parte do conceito para o termo), a noção de que os conceitos são definidos de forma clara, a limitação de três formas de se fazer uma definição terminológica (intenção, extensão, parte-todo), a univocidade (um único termo definido por um conceito) e a sincronicidade (a língua não evolui ao longo do tempo) propostas pelas teorias tradicionais, Temmerman (2000, p. 4 a 17) apresenta as limitações dessas teorias e esmiúça esses aspectos ao longo do livro comparando-os com as suas propostas.

Por outro lado, ao apresentar outras escolas de Terminologia, Temmerman adota propostas de várias delas e as inclui na sua teoria. De Juan Sager ela usou a inclusão da dimensão comunicativa, que somou às dimensões cognitiva e linguística da Terminologia; a tipologia textual, que pode influenciar os significados na terminologia usada; a evolução dos conceitos como sendo acompanhada por estágios de denominação; e a relevância dos níveis de entendimentos dos públicos diferentes que necessitam de definições por vezes mais, por vezes menos detalhadas (ou enciclopédicas) (TEMMERMAN, 2000, p. 23-24). De Weissenhofer (*apud* TEMMERMAN, 2000), ela adota o fenômeno da prototipicidade (“um tipo de característica semântica – em oposição às características distintivas –, que é opcional, tem um certo peso e depende do contexto e/ou cotexto e, portanto, é adequado para expressar condições prototípicas”⁴³) (WEISSENHOFER *apud* TEMMERMANN, 2000, p. 26), e da indeterminação e indefinição (vagueza e variedade de categorias) das exigências dos campos de estudo (*idem*, p. 25-26). Em Zawada e Swanepoel (*apud* TEMMERMAN, 2000), busca o entendimento de que a teoria conceitual clássica (aristotélica) não é ideal para as definições nas ciências humanas e sociais e nem para as naturais e puras, uma vez que essa conceituação clássica impõe a existência de uma forma binária, com a apresentação de características necessárias e suficientes para pertencer ao campo de definição (*idem*, p. 28). Em Cabré, ela explica o conceito de diversidade (sem o qual a terminologia seria destituída da sua razão de ser) na Terminologia, da dinamicidade, ou seja, a evolução dos termos (denominação) e conceitos (categorização) observados nas ciências e nas técnicas (*idem*, p. 29-30). De

⁴³ “a type of semantic feature which – as opposed to distinctive features – is optional, weighted, dependent upon the context and/or cotext and therefore suitable for expressing prototypicality (sic) conditions”.

Meyer (*apud* TEMMERMAN, 2000), traz o entendimento de que tanto a definição enciclopédica (definição explicativa que resume os conhecimentos sobre o termo) quanto a léxico-semântica são importantes na terminologia, e comenta sobre a multidimensionalidade, que expõe a possibilidade de subclassificação dos tipos de conceitos de várias formas, e da diversidade do pensamento na pesquisa científica (TEMMERMAN, 2000, p. 31-32). Da Socioterminologia, principalmente de Gaudin e de Boulanger (*apud* TEMMERMAN, 2000), ela remete à abordagem descritiva que incorpora a sinonímia e a polissemia, enfatiza que a terminologia estudada por ela usa a língua real (*parole*), remete ao questionamento da existência de campos ou domínios nítidos (*clear-cut*), sobre o que ela critica a parcelização ou hiperespecialização dos domínios. Por fim, de Kyo Kageura (*apud* TEMMERMAN, 2000, p. 33) traz a possibilidade de negociação dos conceitos dentro de uma comunidade científica, e de o conceito só ser reconhecido numa área de especialidade quando recebe uma denominação.

Temmerman (2000, p. 36-37) entende, como sugerem Sager e Meyer (*apud* TEMMERMAN, 2000), que as definições intencionais são próprias para especialistas, mas que os não especialistas precisam de definições enciclopédicas, e que o estudo da terminologia nos textos informativos possibilita observar a evolução dos termos e dos significados. Propõe, então, que os princípios da prototipicidade, dos modelos cognitivos, do entendimento analógico e da análise diacrônica devem ser utilizados para elaborar princípios e metodologias da Terminologia (*idem*, p. 38).

Ao apresentar três novas proposições para a Terminologia, Temmerman pretende saber “como o termo x é entendido”. Sua primeira proposição é de que o protótipo deve ser visto como uma “perspectiva interpretativa” que nos auxilia no uso de uma palavra, na interpretação dos textos e do sentido do mundo (hermenêutica). Assim, ela mostra que a “hipótese de estrutura prototípica é viável para estruturar e entender uma categoria”⁴⁴ (TEMMERMAN, 2000, p. 43, tradução nossa) a partir de uma perspectiva semasiológica. Sugere que se pense em termos de essencialidade da informação oferecida, e não se a informação é definicional ou enciclopédica. Para tanto, ela arrola os níveis de essencialidade, que são: definição básica, informações históricas, faceta de conteúdo da unidade de entendimento e faceta da perspectiva pela qual essa unidade é vista. Na segunda proposição, ela discorre sobre a monosssemia, a polissemia

⁴⁴ “The prototype structure hypothesis is viable for the structuring and understanding of a category”.

e a sinonímia serem funcionais nas linguagens de especialidade, afirmando que a polissemia decorre da mudança das denominações no transcorrer do tempo (*idem*, p. 43). A terceira proposição, de modelos metafóricos, liga o sistema de linguagem ao mundo experiencial e ao funcionamento da mente (*idem*, p. 44) para entender como os termos e conceitos são criados a partir de metáforas que apontam para referentes já conhecidos.

Ao mencionar o triângulo semântico, Temmerman (2000, p. 59) utiliza os seguintes termos para denominar as relações desse modelo: a) um tipo de realidade (o mundo), ou seja, o referente; b) uma forma de comunicar e criar essa realidade (a língua), ou seja, a denominação; e c) o centro de raciocínio e entendimento sobre o mundo e a língua (a mente humana), ou seja, o conceito.

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia entende que o nosso conhecimento sobre o mundo é experiencial, pois aquilo que compreendemos sobre ele está incorporado em nós como resultado, em parte, das nossas percepções sensoriais (socio), em parte, de nosso raciocínio (cognitiva). Para essa teoria, o protótipo é o melhor exemplo de uma categoria, uma vez que a observação humana é determinada pelas possibilidades e restrições do corpo humano e pela cultura, sendo assim, a língua não pode ser separada do entendimento do mundo (TEMMERMAN, 2000, p. 61-62).

Quanto aos modelos metafóricos, Temmerman (2000, p. 68-71) argumenta que a linguagem figurativa faz parte da vida cotidiana, na língua, no pensamento e nas ações, e que o raciocínio metafórico proporciona um aumento de entendimento e de conhecimento, por meio de novas lexicalizações que são funcionais para o processo de entendimento.

Para Temmerman, as unidades de entendimento, e não os conceitos, precisam ser definidos na Terminologia. Essas unidades de entendimento são compreendidas por meio de informações enciclopédicas, bem como lógicas e ontológicas. Referente a essas últimas, deve-se considerar a gênese do entendimento, as facetas do entendimento, suas perspectivas e a intenção do emissor da mensagem (*idem*, p. 74). Assim, ela vai além das definições intencional e extensional que não são possíveis para todas as categorias, e apresenta o modelo da prototipicidade como mais uma opção para a definição. Essa autora enfatiza que a descrição das unidades de entendimento deve ser encontrada em informações textuais. A complexidade da unidade de entendimento requer que ela seja

definida por meio da definição básica, das informações históricas, da estrutura intracategorial (facetas que mostram graus, áreas de aplicação, cuja informação é fornecida por meio de proposições como “é parte de, é um tipo de, objetiva [algo], é usado para, aplica-se a”) e intercategorial (perspectiva do emissor da mensagem, domínios e intenções) (*idem*, p. 122).

Contra o isomorfismo entre a língua e o que ela precisa descrever, ou seja, contra a univocidade e a monossemita, Temmerman lembra que não é o mundo objetivo que está sendo discutido na Terminologia, mas como “esse mundo está sendo entendido, interpretado e criado pelos membros em uma comunidade de especialistas”⁴⁵. A polissemia é observada em três níveis: no entendimento da categoria (concepção), na mudança na categoria (percepção) e na forma de expressão (língua) (TEMMERMAN, 2000, p. 128-129). A univocidade é uma tendência em unidades de entendimento nítidas, claras, e é o desejo dos especialistas que tentam evitar a sinonímia. Entretanto, ocorrem transferências metafóricas de uma determinada denominação para outra situação, ou outra área, o que leva ao surgimento da polissemia, dentro de uma área ou entre áreas distintas. Conforme essa autora, “o progresso do entendimento força as palavras a fazerem adaptações flexíveis”⁴⁶ (*idem*, p. 154) (tradução nossa).

Os modelos metafóricos são usados para fazer comparações e portam ideias que seriam difíceis de expressar se ditas de outra forma (TEMMERMAN, 2000, p. 159). Temmerman propõe que, por meio do raciocínio metafórico (*idem*, p. 182), ocorra um crescimento do entendimento e do conhecimento.

Por fim, essa autora fala dos dois objetivos principais da Terminologia, ou seja, a teorização da disciplina e a busca de métodos e diretrizes para fazer terminografia; expressa sua proposta de que não o conceito, mas a unidade de entendimento deve ser o foco principal da Terminologia; e relembra que são três as perspectivas para descrever a informação: a nominalística (denominação), a mentalística (conceito) e a realística (comunicação). Alerta que o entendimento se refere à categorização e que as categorias estão relacionadas à língua, sendo organizadas em estruturas prototípicas. Para a Teoria Sociocognitiva da Terminologia, tanto a sinonímia quanto a polissemia são funcionais, e

⁴⁵ “but the world as it is being understood, interpreted and created by a member of a community of specialists”.

⁴⁶ “the progress of understanding forces words into flexible adaptation”

os modelos cognitivos estão constantemente em transição, sendo necessária uma análise diacrônica relacionada à área estudada.

O que se observa nesse livro e em artigos de Rita Temmerman é que ela ainda está concentrada em fazer críticas às teorias tradicionais (do século passado) da Terminologia, apresentando seus trabalhos sempre muito comparativos e julgando fortemente as primeiras teorias que nos auxiliaram a chegar onde estamos atualmente na Terminologia. Se não fossem os primeiros teóricos, Wüster e sua Teoria Geral da Terminologia (TGT), as escolas de Praga e Soviética, não teríamos uma base sobre a qual elaborar melhorias nessa disciplina. Assim, parece até uma insistência a postura de Temmerman de criticar as teorias tradicionais ao expor as propostas delas. Procuramos aqui nos concentrar nas propostas de Temmerman e não trazer suas contraposições às teorias tradicionais. As colaborações originais de Temmerman para a Terminologia referem-se, principalmente, à pesquisa empírica, baseada em textos de especialidade, no estudo diacrônico dos termos e conceitos, ou seja, na evolução dos termos e conceitos, e na definição poder assumir formas variadas, o que depende do conceito a ser definido.

Com o intuito de apresentar algumas distinções e principais características das teorias mais mencionadas na terminologia e que se aplicam a este trabalho, desenvolvemos o quadro 3, para uma breve comparação:

Quadro 3 – Comparativo das Teorias Tradicional, Comunicativa e Sociocognitiva da Terminologia

<p>Teorias tradicionais da Terminologia Eugen Wüster (Escola de Vienna), Escola de Praga e Escola Russa</p>	<p>Teoria Comunicativa da Terminologia Maria Teresa Cabré</p>	<p>Teoria Sociocognitiva da Terminologia Rita Temmerman</p>
<p>Terminologia é uma atividade (e não uma ciência) que transita entre várias disciplinas.</p>	<p>Serve à ciência, à técnica e à comunicação. Terminologia como disciplina de estudo autônoma. Terminologia é uma metodologia. Terminologia é parte da lexicologia. Terminologia aperfeiçoa a comunicação. Aplicações diversas da terminologia por serem também diversas as necessidades comunicativas.</p>	<p>São vagas as características consideradas para entender a Terminologia como ciência, quais sejam: ter escolas de Terminologia e as diversas formas de definir o que seja disciplina científica. Baseia-se em textos indicados por especialistas.</p>

<p>Conceito antes do termo (onomasiológico). Conceitos são nítidos.</p>	<p>Conceito é uma paráfrase ou definição que contempla o conjunto de características do termo. Por meio do conceito se apreende a realidade.</p>	<p>Conceitos e termos evoluem com o tempo, não são imutáveis nem universais. Conceitualização vem da experiência e do entendimento.</p>
<p>Um termo para um conceito permanente (univocidade). Não admite polissemia e sinonímia. Designação – atribuir um termo a um conceito.</p>	<p>Admite polissemia e sinonímia.</p>	<p>Polissemia e sinonímia são necessárias.</p>
<p>Termo é a unidade de designação de elementos do universo percebido ou concebido e raramente se confunde com a palavra ortográfica.</p>	<p>Termos e conceitos em constante evolução (dinâmicos). Termo – unidade poliédrica (cognitiva, linguística, comunicativa). Termo faz parte do sistema linguístico. Admite variação.</p>	<p>Termo antes do conceito (semasiológico). Muitas unidades de entendimento (termo) das ciências da vida têm estruturas prototípicas.</p>
<p>Prescritivista e normatizadora</p>	<p>Não faz referência a essa questão.</p>	<p>Pesquisa empírica começa com os fatos e não com a utopia.</p>
<p>Padronização (unificar os conceitos)</p>	<p>Objetiva a padronização.</p>	<p>Não faz referência a essa questão.</p>
<p>Estudo sincrônico dos termos e conceitos.</p>	<p>Não faz referência a essa questão.</p>	<p>Estudo diacrônico</p>
<p>Uso da definição tradicional aristotélica (gênero próximo + características específicas).</p>	<p>Definição como um enunciado incluindo as características de um conceito concreto ou abstrato, essenciais ou complementares, intrínsecas ou extrínsecas.</p>	<p>Tipo de definição depende do conceito a ser definido. Definições de três tipos: intencional, extensional ou parte-todo. Nem sempre é possível a definição intencional. Definição responde a “o que é x?” Unidades de entendimento (e não conceito) devem ser definidas. A definição aristotélica não é ideal para as ciências humanas e sociais, nem para as naturais e puras. Raciocínio metafórico melhora o entendimento e o conhecimento.</p>
<p>Relações diretas – lógicas, ontológicas e de relacionamento de efeito.</p>	<p>Categorização e denominação são dinâmicas.</p>	<p>Algumas categorias são confusas e não podem ser classificadas de forma lógica e ontológica.</p>
<p>Língua tratada como um objeto,</p>	<p>A variação é uma característica</p>	<p>A língua tem um papel na</p>

um produto. Não estuda o desenvolvimento e a evolução da língua.	das línguas naturais. Termos fazem parte do sistema linguístico comum.	concepção e comunicação de categorias. A linguagem figurativa faz parte da vida cotidiana.
---	---	---

Fonte: Própria autora, baseada em Wüster (*apud* TEMMERMAN, 2000), Cabré (1993, 1999, 2007, 2011, 2013) e Temmmerman (2000).

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA E INSTRUMENTOS DE PESQUISA EM LINGUÍSTICA DE CORPUS

A Linguística de Corpus (LC) é uma área de estudo que, por meio de uma metodologia de pesquisa, observa uma perspectiva da linguagem e é fundamental para a elaboração de glossários e produtos terminográficos, pois disponibiliza ao usuário programas de LC (Sketch Engine, é um deles) com inúmeros recursos de compilação de *corpora*; seleção de termos simples e complexos candidatos a serem incluídos em um glossário; localização de definições; comparação com *corpora* de tradução para identificação de equivalentes. A LC entende a língua como um sistema de probabilidades e desenvolve pesquisas quantitativas com os programas da área, a partir dos quais se pode fazer análises qualitativas. A LC possibilita ainda que os usuários localizem os contextos em que os termos são usados, possíveis sinônimos ou variantes e permite que os usuários descubram suas outras funcionalidades.

Atualmente não é possível imaginar a elaboração de produtos terminográficos sem o uso de programas de LC, dado que, ao reunir os textos da área a ser contemplada com um glossário, a LC nos permite, se não esgotar a seleção dos termos específicos da área, pelo menos garantir que os principais, ou seja, aqueles utilizados com maior frequência, sejam inseridos nesse produto. Além disso, com o seu auxílio pode-se buscar as definições que já foram dadas para determinado termo a fim de ajudar na redação de uma definição que preveja o que o grupo de estudiosos necessita e outras definições ainda não abordaram de forma suficiente.

A Linguística de Corpus tem-se mostrado muito promissora no trabalho, ensino e pesquisa de tradução. Como parte inicial do presente trabalho, foi necessária a compilação (montagem) dos *corpora* a serem utilizados na pesquisa. O programa escolhido para aplicação deste estudo, o Sketch Engine, é muito amigável, tendo a desvantagem de ser pago. Inúmeras são as utilidades desse programa e de outras ferramentas disponibilizadas pela LC que se aperfeiçoam no fornecimento de dados e informações, se simplificam na forma de uso e têm seu custo reduzido, o que as torna mais acessíveis àqueles que delas podem se beneficiar tanto pelas formas básicas já conhecidas quanto pelas mais elaboradas ainda desconhecidas dos usuários iniciantes.

Não é exagero dizer que a LC nos oferece um mundo de oportunidades e possibilidades e, de acordo com Biber, Conrad e Reppen (2006, p. 240), “o número de estudos baseados em *corpora* está explodindo”⁴⁷ (tradução nossa). Devido à inclusão de bancos de dados e *softwares* para auxílio na tradução, tais como dicionários e glossários mono- ou multilíngues disponíveis *online*, corretores ortográficos e gramaticais, ferramentas de tradução assistida ou mesmo de tradução automática, o estudo e o ensino de tradução vêm passando por uma mudança para se adaptar a esses novos recursos. Assim, é preciso saber utilizar esses *softwares* bem como a LC para solucionar e dirimir dúvidas e melhorar cada vez mais nosso desempenho como tradutores.

O *corpus* Cadernos de Tradução engloba vinte anos da revista. Dividimos este *corpus* em quatro partes com número igual de anos (cinco) para estudar os autores e seus termos preferidos em cada período separadamente. Os quatro *subcorpora*, armazenados no Sketch Engine, são: Cad trad 1996 a 2000, Cad trad 2001 a 2005, Cad trad 2006 a 2010 e Cad trad 2011 a 2016. Observe na figura 2 que esses *corpora* têm tamanhos bastante diferentes; entretanto, como decidimos nos manter fieis ao que o texto diz, ou conforme Sinclair (2004), “trust the text” – ou seja, se é isso que está sendo retratado, é com isso que vamos trabalhar –, não alteramos o tamanho deles para não influenciar nos resultados.

Figura 2 - Imagem do Sketch Engine, com os *subcorpora* da Cadernos de Tradução

Portuguese	Cad trad 1996 a 2000	208,017
Portuguese	Cad Trad 2001 a 2005	148,634
Portuguese	Cad Trad 2006 a 2010	196,054
Portuguese	Cad Trad 2011 a 2015	292,786

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Antes de apresentar a revista escolhida e explicar a metodologia e os instrumentos de pesquisa utilizados no trabalho, entendemos ser importante caracterizar o *corpus* estudado como específico da área de tradução.

⁴⁷ “the number of *corpus*-based studies is exploding”.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS COMO TEXTO ESPECIALIZADO

O texto de especialidade é normalmente reconhecido como aquele produzido por especialistas de determinada área, seja ela técnica, científica. Entretanto, é necessário estabelecer parâmetros a serem seguidos para a caracterização de um texto ou de um *corpus* como específico de uma área.

Assim, baseado em estudos de autores como L'Homme, Dubuc e Riediger, propomos os seguintes itens a serem considerados para caracterizar um texto como de especialidade:

1. Ser um texto escrito por especialista(s) de uma área ou que se dirige a um grupo de especialistas/conhecedores de um ramo do saber ou atividade específica. Essa é uma questão básica, uma vez que os termos de determinada área de especialidade são utilizados pelos especialistas em contextos e textos científicos ou técnicos.
2. Ter termos específicos que se repetam em textos de especialidade com uma frequência maior do que se encontrados em textos de divulgação geral. Assim, essas unidades terminológicas são mais significativas para a área em estudo do que para o público leigo. Como L'Homme (2004, p. 57) enfatiza, “se essa frequência é observada em diversos textos de especialidade diferentes, a unidade corre um alto risco de ser significativa para a terminografia”⁴⁸ (tradução nossa). A frequência é um grande indicador da importância de um termo dentro de uma área, mas não é um critério suficiente para localizar um texto como sendo característico de uma especialidade. Segundo L'Homme (idem, p. 185), a técnica estatística faz o levantamento de acordo com a frequência dos termos, e a técnica linguística considera as informações gramaticais nesse levantamento.
3. Ter termos precisos, unívocos (ou primordialmente biunívocos) e concisos. Riediger (2012, p. 6) entende que a linguagem de especialidade “responde à exigência de compreensão optimal a nível especializado e fornece uma garantia de precisão, univocidade e concisão”⁴⁹ (tradução nossa). Destrinchando o que ele diz, entendemos que, embora também possam ser usados em ambiente

⁴⁸ “si cette fréquence s’observe dans plusieurs textes spécialisés différents, l’unité risqué fort d’être significative pour la terminographie”.

⁴⁹ “risponde alle esigenze di comprensione ottimale a livello specialistico e fornisce garanzie di precisione, univocità e concisione”.

externo ao de especialidade, os termos apresentam uma precisão terminológica na área a que se referem. Na grande maioria das vezes, há uma biunivocidade do termo dentro daquela especialidade, ou seja, o termo se refere a uma única noção e essa noção tem apenas esse termo (DUBUC, 2002, p. 36). Além disso, o termo oferece uma concisão, isto é, por resumir o entendimento de uma técnica, um equipamento, uma teoria, ele os representa da forma mais abreviada possível. Poucas vezes essa concisão se revela na forma de um termo simples, sendo muito mais provável ser expressa por um termo complexo. Por vezes a concisão propicia a criação de termos extensos (5, 6, 10 palavras), que, por serem longos, e considerando a finalidade de serem mais concisos e objetivos, acabam produzindo siglas. Pelo uso repetido de termos dentro da linguagem também se busca criar siglas para abreviar a redação, como ocorre ainda com termos curtos usados proficuamente nos textos. Ou seja, a intenção é facilitar o entendimento, e, se o termo é extenso ou de uso muito frequente, acaba virando uma sigla que o resume e representa.

4. Ter coocorrentes específicos daquela linguagem de especialidade (coocorrentes no sentido da Linguística de Corpus, conforme explanado em 2.1.4, ou seja, palavras que ocorrem junto aos termos). A fraseologia utilizada junto aos termos específicos de cada área é, por vezes, muito particular a uma determinada ciência, técnica ou atividade. Esses coocorrentes também representam a área, embora não sejam exatamente um termo específico.

Como forma de exemplificar as propostas apresentadas e caracterizar o *corpus* aqui estudado como sendo da área de Tradução, apresentamos a seguinte análise:

- 1) os textos estudados foram coletados de uma revista científica específica da área de Tradução e foram escritos por especialistas, inclusive tendo sido os textos aprovados pela revista por uma avaliação por pares;

- 2) foram localizadas no *corpus* muitas ocorrências de termos específicos da Tradução, como, por exemplo: ‘tradutório’, ‘intraduzibilidade’, ‘equivalência’, ‘transcrição’, ‘processo tradutório’, ‘texto de partida’, ‘língua de chegada’, ‘obra original’, ‘correspondência formal’, ‘tarefa do tradutor’, ‘cultura de chegada’, ‘processo de interpretação’. Esses termos são encontrados com muito maior frequência em textos de tradução do que naqueles de fora dessa área e, dentro da Tradução, têm significados específicos;

3) os termos mostram-se específicos da área, como ‘intraduzibilidade’, usados por diferentes teóricos da Tradução (Berman, Derrida), unívocos, como em ‘transcrição (firmemente relacionado a um teórico da Tradução, Haroldo de Campos), ‘estrangeirização’ e ‘domesticação’ (ambos relacionados aos teóricos Schleiermacher e Venuti), e concisos, como em ‘texto de partida’ ou ‘TP’, ‘língua de chegada’ ou ‘LC’;

4) coocorrentes (no sentido de palavras que ocorrem junto ao termo) específicos da tradução são apresentados, como em ‘língua e cultura de chegada’, ‘papel do tradutor’, ‘relações de equivalência em tradução’, ‘tradução propriamente dita’, ‘traduzir o sentido do texto’ (exemplos obtidos no *corpus* estudado).

Assim sendo, com a Terminologia e a Linguística de Corpus embasando o discurso da Tradução, fica caracterizado o *corpus* estudado como sendo específico dessa área, com o que enfatizamos a delimitação da área de Tradução a partir de seus autores, textos, termos, coocorrentes, bem como pela precisão, univocidade e concisão dos termos.

3.2 A REVISTA *CADERNOS DE TRADUÇÃO*

A revista escolhida, *Cadernos de Tradução*, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é classificada como Qualis A1 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), recebe artigos, entrevistas e resenhas relacionados à Tradução, elaborados no Brasil ou no exterior, e preza pelo ineditismo, originalidade, clareza e relevância dos textos dessa área. Ela se propõe ainda a ter uma periodicidade quadrimestral (janeiro, maio e setembro), o que não tem sido seguido de forma tão estrita. Conforme o *site* da revista, seu público-alvo é formado principalmente por alunos de graduação e pós-graduação, editores, tradutores, professores, pesquisadores da área de tradução, escritores e afins, estrangeiros e brasileiros. A maioria dos artigos está escrita nos idiomas português e inglês, mas a revista também aceita artigos em francês, italiano, alemão, espanhol. Esta é uma das revistas mais antigas de Tradução no Brasil e com o maior número de artigos publicados com continuidade regular desde 1996.

Os números elencados da revista *Cadernos de Tradução* (1996 a 2015) para este estudo têm 191 artigos, em português brasileiro, o que perfaz um total de 1.045.692 ocorrências (*tokens*) ou 842.460 palavras ou formas (*types*), sendo, portanto, um *corpus*

de tamanho médio, segundo Sardinha (2004, p. 26). Foram excluídos os textos em outros idiomas, bem como os números especiais, estes últimos porque um conjunto de artigos sobre um assunto específico distorceria, aumentando consideravelmente, as frequências das terminologias.

Sardinha sugere uma classificação dos *corpora* por tipologia que inclui aspectos como modo, tempo, seleção, conteúdo, autoria, disposição interna, finalidade. Assim, o *corpus* estudado nessa tese classifica-se da forma apresentada no quadro 4:

Quadro 4 - Tipificação do *corpus* estudado

Tipologia	Tipos segundo Sardinha (2004)	Tipo deste <i>corpus</i>
Modo	Falado ou escrito	Escrito
Tempo	Sincrônico, diacrônico, contemporâneo, histórico	Diacrônico (1996 a 2015) e contemporâneo (duas últimas décadas)
Seleção	Amostragem (<i>sample corpus</i>), monitor, dinâmico ou orgânico, estático, equilibrado (<i>balanced</i>)	Estático – o <i>corpus</i> não será aumentado
Conteúdo	Especializado, regional ou dialetal, multilíngue	Especializado em português – textos de revista científica da área de Tradução
Autoria	De aprendiz, de língua nativa	De língua nativa – os autores dos artigos escolhidos são falantes de português brasileiro
Disposição interna	Paralelo, alinhado	Não se aplica
Finalidade	De estudo, de referência, de treinamento ou teste	De estudo – estamos descrevendo esse <i>corpus</i> na tese

Fonte: Sardinha (2004, p. 20-22) e classificação desta autora.

Dos 191 artigos, 66,9% foram escritos por mulheres, que constam como autoras, e 33,1% por homens, sendo que vários artigos têm mais de um autor. O Quadro 5 traz a origem dos autores mais citados na revista estudada, no qual se observa um caráter endógeno nos primeiros anos de publicação, por trazer uma quantia considerável de artigos de pesquisadores da UFSC (todos os oito artigos em 2016 e 13 dos 15 artigos em 2017), característica que se diluiu ao longo dos demais períodos. Houve também uma participação que pode ser expressiva de tradutores autônomos não vinculados a instituições, uma vez que oito enviaram artigos para publicação na revista ao longo desse período, perfazendo um total de 3,2% de autoria.

Quadro 5 – Principais instituições que publicaram na *Cadernos de Tradução*

Universidade	Número de autores	Percentual
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	69	28%
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	23	9,4%
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio	16	6,5%
Universidade de Brasília – UnB	13	5,3%
Universidade Estadual Paulista-Júlio de Mesquita – Unesp	13	5,3%
Universidade de São Paulo – USP	11	4,5%
Universidade de Campinas – Unicamp	10	4%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	6	2,4%
Universidade Federal do Ceará – UFCE	5	2%

Fonte: a própria autora, com base no corpus *Cadernos de Tradução* no *Sketch Engine*.

Foram 55 os artigos (correspondendo a 331.125 ocorrências e 265.756 formas) escritos em inglês para a revista em 20 anos de sua existência, ou seja, um número significativo. Os 46 homens (40,7%) e as 67 mulheres (59,3%) que participaram da elaboração destes artigos eram provenientes principalmente de universidades como UFSC (37 – 33,6%), UFMG (15 – 13,6%), UFRGS (4 – 3,6%). Portanto, embora os artigos tenham sido escritos em inglês, os autores eram, em sua maioria, brasileiros. Esses artigos não constam do *corpus*.

No recorte desses anos da revista, excluindo-se os números especiais, também localizamos dez artigos em francês, três em italiano, três em alemão, seis em português europeu e 27 em espanhol, que não foram incluídos na nossa análise pela complexidade de lidar com vários idiomas diferentes e pelos artigos em português europeu não serem representativos da realidade do Brasil.

A investigação proposta refere-se apenas à área de Tradução, motivo pelo qual montamos um *corpus* que retratasse o periódico científico escolhido, a revista *Cadernos de Tradução*. Essa tarefa provou ser demorada e repetitiva, devido ao volume de textos a serem compilados, limpos e carregados no programa *Sketch Engine*. Entretanto, foi necessária, pois, segundo Biber, Conrad e Reppen (2006, p. 246), “a construção adequada de um *corpus*, [...], depende do que ele deve representar”⁵⁰ (tradução nossa). Por ser um *corpus* muito específico, precisamos compilá-lo com os artigos adequados para a investigação em pauta.

⁵⁰ “the appropriate design of a *corpus* [...] depends upon what it is meant to represent”

A montagem dos *corpora* deste estudo foi feita a partir dos volumes de 1996 a 2015. Os *corpora* foram criados no *software* Sketch Engine, uma ferramenta para linguistas, lexicógrafos, tradutores, que serve para fins de pesquisa e de aprendizado, e que oferece *corpora* prontos para serem usados, mas também possibilita a criação de *corpora* próprios. É um programa fácil de usar que, utilizando algoritmos, fornece os resultados das pesquisas solicitadas. São inúmeras as possibilidades de pesquisa a partir das quais podemos esclarecer dúvidas, confirmar dados ou nos surpreender com resultados inesperados, o que poderá ser verificado ao longo das análises.

Coletamos dados fornecidos pelo programa Sketch Engine por meio das ferramentas *word list*, *word sketch*, *sketch diff*, *thesaurus*, além de *corpus info* e *search*. A *word list* é a relação das palavras de maior frequência no *corpus* em estudo e inclui todas as classes de palavras. O *word sketch* é um resumo do comportamento de uma palavra quanto a sua gramática e suas colocações (palavras próximas à esquerda e à direita), que mostra a relação sintática da palavra com seus objetos ou sujeitos, com palavras que ela modifica ou que a modificam. O *sketch diff* mostra a diferença/semelhança de uso entre duas palavras quanto aos seus objetos, sujeitos, palavras que elas modificam ou pelas quais são modificadas. O *Thesaurus* é uma ferramenta com a qual se pode solicitar a busca de uma palavra para a qual serão mostradas as sessenta outras palavras que mais ocorrem junto a ela, atribuindo uma frequência e pontuação a elas. O *corpus info* traz informações gerais sobre o *corpus*, como: número de ocorrências, palavras, sentenças, frases, parágrafos, documentos; idioma do *corpus*; etiquetas (classificação) das classes de palavras. A ferramenta *search* nos permite fazer inúmeras buscas de dados simples ou compostos, com expressões e operadores diversos, para tirar dúvidas ou aprofundar os questionamentos.

3.3 COMPILAÇÃO DOS *CORPORA*

A definição de *corpus* tem-se concentrado em algumas das suas principais características que, segundo Shepherd (2009, p. 151), envolvem “uma coletânea de textos em linguagem natural, escritos ou falados, geralmente armazenados de forma organizada e informada, além de serem digitalizados a fim de que possam ser lidos por computador.” Desse modo, utilizando um *corpus*, podemos observar dados genuínos levantados de fontes específicas e organizados eletronicamente para, com isso, termos

um acesso rápido por meio do qual possamos selecionar dados levantados de forma (semi-) automatizada.

A compilação⁵¹ dos *corpora* a partir da recolha dos textos da *Cadernos de Tradução* tomou cerca de três meses de trabalho praticamente mecânico, mas fundamental para que os *corpora* organizados tenham confiabilidade. O espectro de seleção dos artigos abrange desde o volume 1, número 1, publicado em 1996, até o volume 35, número 2, de 2015. Assim, foi feito um corte no último número regular de 2015, quando já haviam sido publicados 39 números no total. Desses, 10 são edições especiais (Libras (2), *Corpora* (2), Formação de Tradutores, Lexicografia pedagógica, Tradução Assistida, Literatura Comparada, Babel, Literatura Infanto-juvenil) que, por fazerem parte de *corpora* específicos, não serão analisados neste estudo para não distorcer as análises com muitas menções específicas de um único assunto. Os demais números foram organizados em dois *corpora* maiores com artigos escritos em português brasileiro e em inglês por brasileiros, pois a pesquisa nos *corpora* deve ser estatisticamente anotada com relação aos dados coletados no número de artigos de cada idioma, a fim de não distorcer o entendimento da frequência. O *corpus* em inglês não foi utilizado na pesquisa. Posteriormente foram criados quatro *subcorpora*, conforme Figura 2, para o estudo diacrônico a que nos propusemos aqui.

Para podermos fazer uma análise mais fidedigna dos artigos, resolvemos separar os textos das edições temáticas, para que não influenciassem as ocorrências relativamente ao total de textos trabalhados, pois, conforme Biber, Conrad e Reppen (2006, p. 249), “se muito poucos textos forem incluídos (sobre determinado assunto) um único texto pode exercer uma influência indevida nos resultados da análise”⁵² (tradução nossa). Os mesmos autores argumentam que “todo *corpus* tem suas limitações, mas um *corpus* bem elaborado será útil para pesquisar uma série de aspectos linguísticos”⁵³ (tradução nossa) (*op. cit.*, p. 250).

Após baixar os artigos do *site* da revista, esses foram organizados em um arquivo sob o título principal de *Cadernos de Tradução*, que continha todos os números e volumes da revista, dentro dos quais estavam os respectivos artigos em português ainda com a

⁵¹ Para quem nunca compilou um *corpus*, essa metodologia pode ser utilizada como um manual, uma vez que apresenta um passo a passo dos procedimentos adotados.

⁵² “If too few texts are included, a single text can have an undue influence on the results of an analysis”.

⁵³ “Every *corpus* will have limitations, but a well-designed *corpus* will still be useful for investigating a variety of linguistic issues”.

numeração fornecida automaticamente pelo programa de inserção de dados no *site* da revista. Esses arquivos estavam em .pdf.

Em seguida esses artigos foram convertidos para word (.doc), tipo aceito pelo programa Sketch Engine e muito mais simples para proceder às modificações necessárias antes de fazer o *upload* no programa. A conversão de .pdf para .doc foi feita utilizando-se o programa gratuito disponibilizado na internet PDFtoDOC (<http://pdf2doc.com/pt/>). De uso amigável, os arquivos são convertidos rapidamente por esse programa e, quando baixados, são salvos em WinRAR.zip, para compressão e economia de espaço em disco. A partir deste ponto, foram copiados e, por precaução, salvos em um novo conjunto de arquivos nomeados como anteriormente, porém em .doc. Dessa forma, mantivemos dois conjuntos de arquivos com artigos, um em .pdf e outro em .doc, para dirimir dúvidas recorrendo ao arquivo em .pdf para resolvê-las. Nessa fase, os artigos ainda estavam com a denominação fornecida automaticamente pelo *site* da revista *Cadernos de Tradução*.

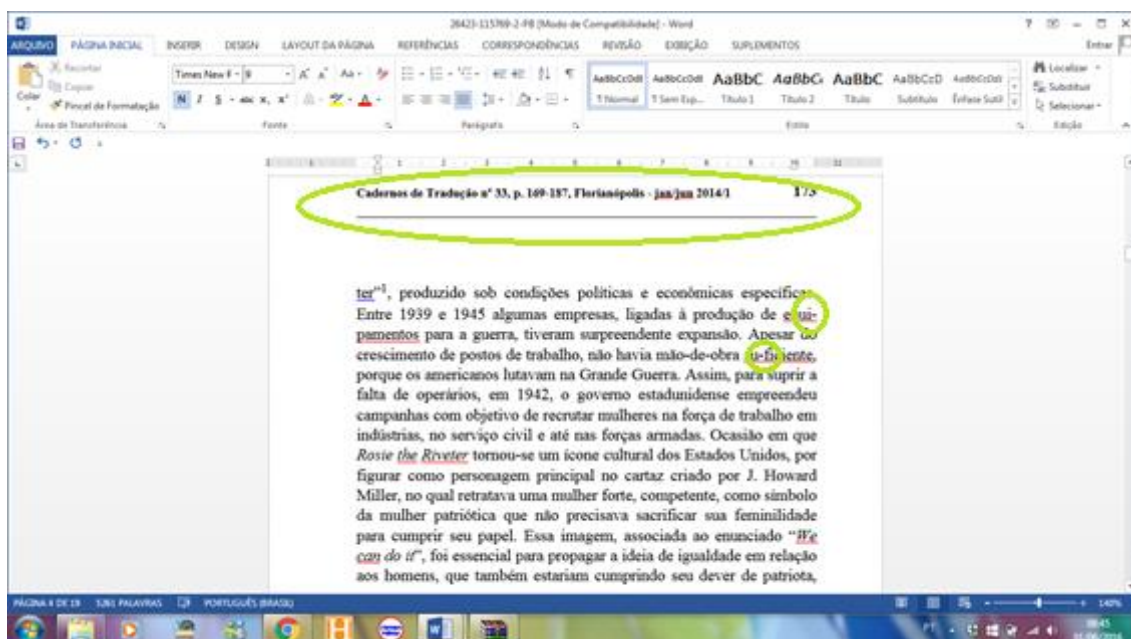
Em seguida, fizemos a limpeza dos artigos para que pudessem ser melhor analisados pelo programa de Linguística de Corpus Sketch Engine. A limpeza consistiu na retirada de:

- espaços desnecessários, para unir partes do título que estavam separadas, ou divisões de páginas que pudessem influenciar na leitura corrida do documento;
- cabeçalhos e rodapés e as linhas que os acompanhavam, pois continham informações repetidas como nome do(s) autor(es) e título do artigo, ou irrelevantes para esse levantamento, como número de página;
- DOI (*Digital Object Identifier* ou Identificador de Objeto Digital), que identifica os artigos (do número 21 da revista em diante);
- data de recebimento e aceitação do artigo (inserida no original apenas a partir do número 29);
- mini Curriculum Vitae dos autores (inserida no original apenas a partir do número 33);
- agradecimentos, que apareciam em alguns poucos artigos;
- fundo colorido (inserido no original apenas a partir do número 34);
- referências bibliográficas, pois falseariam os dados;

- notas ao final do artigo, pois muitas eram referências, agradecimentos, citações e, dessa forma, entendemos ser melhor retirar todas;
- figuras, fotografias e tabelas, pois não poderiam ser lidas pelo programa;
- hífens utilizados na separação silábica, o que atrapalharia a busca por dividir as palavras.

Os anexos foram mantidos, pois, muitas vezes, trazem as traduções e os originais aos quais os trabalhos se referem. Anexos com tabelas ou figuras foram retirados. A retirada da hifenização foi feita em duas etapas, primeiramente por localização visual enquanto se fazia a limpeza dos demais itens e, logo em seguida, por meio da busca conforme mostrado nas figuras 3 e 4, respectivamente. A limpeza com busca foi feita observando-se os hífens um a um, pois aqueles usados na menção a páginas ou a datas, contidos em nomes próprios, separando verbos de pronomes oblíquos, constantes em palavras compostas ou mesmo inseridos propositalmente pelos autores, como, por exemplo, na separação da prefixo ‘re’ antes de palavras como ‘re-tradução’, ‘re-significação’ entre outras, foram mantidos. Não foi feita correção dos artigos conforme a nova ortografia, uma vez que são artigos em sua maioria anteriores à última reforma ortográfica de 2009, já publicados nessa revista e que não devem ser alterados mesmo com a mudança ortográfica atualmente em vigor.

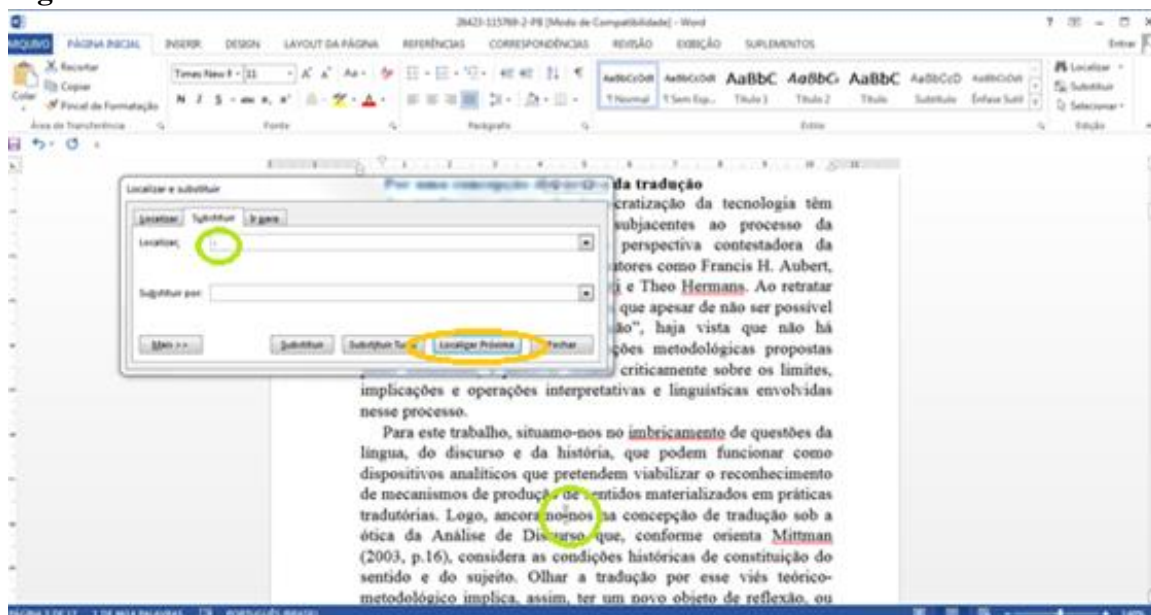
Figura 3 – Limpeza dos artigos de forma manual



Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Obs.: Em verde os itens retirados: hífens, cabeçalho e linha.

Figura 4 - Retirada de hifens utilizando a busca automática



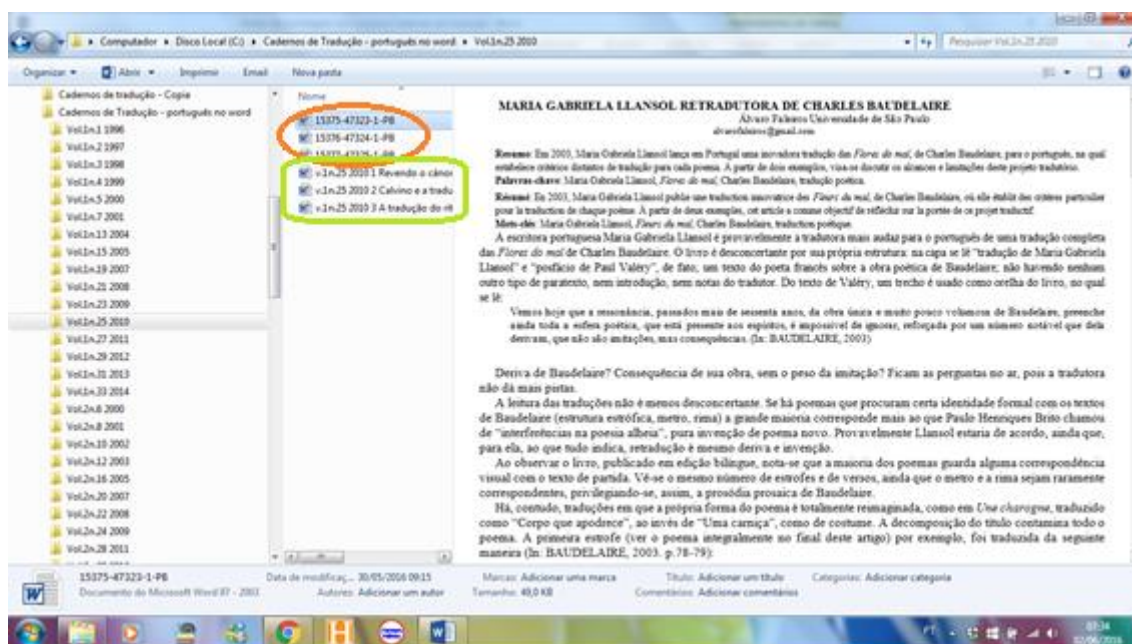
Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Obs.: Foi usada a busca por 'localizar' e 'substituir por' no *Word*. Em laranja, a tecla 'localizar próximo', que permite encontrar um a um os itens solicitados.

O passo seguinte foi renomear os artigos nos arquivos do computador. A denominação seguiu um mesmo modelo para todos os artigos, nos quais podemos verificar volume, número e ano da revista de onde foram retirados, a localização dentro da revista específica, ou seja, se é o primeiro, segundo, terceiro artigo que aparece no sumário (para melhor localização quando fosse necessário voltar à revista para tirar dúvidas) e as palavras iniciais do título, o que também facilita a identificação do assunto e a localização na revista. A figura 5 mostra a fase de renomeação dos artigos. Os três primeiros aparecem com os números automáticos gerados pela revista e os três últimos já renomeados conforme o padrão estabelecido. A renomeação foi feita comparando o título que aparece à direita na figura 5 com o título no sumário da revista, dado que a numeração original nem sempre estava de acordo com a ordem no sumário. O mesmo procedimento foi feito para os textos em inglês.

Passamos, então, para a fase de *upload* dos artigos no programa de Linguística de Corpus, Sketch Engine. São muitas as funcionalidades desse programa, que serão explicitadas a seguir ao discorrer sobre elas.

Figura 5 – Processo de renomeação dos artigos



Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Obs.: Na coluna da esquerda, a revista na qual estão inseridos os artigos; circulado em laranja, na coluna do meio, os artigos com numeração automática; em verde, os renomeados conforme o padrão estabelecido e; à direita, o título, autoria e conteúdo inicial do artigo.

A partir deste ponto, falamos do programa Sketch Engine e seu uso. Para utilizar o programa, é necessária uma assinatura para obtenção da licença, que deve ser renovada anualmente e depende do tamanho de espaço que se pretende utilizar. Após o pagamento, o programa fica imediatamente disponível para uso. Para fazer o *upload* dos artigos escolhidos, foi necessário *logar* no sistema, criar um *corpus* e inserir os artigos. Foram criados dezesseis *corpora* (Figura 6) correspondentes às edições com temáticas especiais com artigos em inglês e em português, e aos dois *corpora* maiores gerais (Cadernos de Tradução e Cadernos de Tradução Inglês, aos quais, posteriormente, foram adicionados os quatro *subcorpora* obtidos do *corpus* Cadernos de Tradução em português.

Figura 6 – Página o Sketch Engine com os *corpora* criados neste programa

Language	Name	Words
English	Cad Trad After Babel	4,450
English	Cad Trad English Tradução e Corpora	16,664
English	Cad Trad English Tradução e Libras	13,076
English	Cadernos de Tradução Inglês	265,756
English	Crisco English	13,827
Portuguese	Cad trad Tradução e Libras	154,442
Portuguese	Cad trad 1996 a 2000	208,017
Portuguese	Cad Trad 2001 a 2005	148,634
Portuguese	Cad Trad 2006 a 2010	196,054
Portuguese	Cad Trad 2011 a 2015	292,786
Portuguese	Cad Trad Depois de Babel	52,432
Portuguese	Cad Trad Formação de tradutores	48,877
Portuguese	Cad Trad Lit Comparada e Tradução	25,488
Portuguese	Cad trad Tradução Assistida	46,152
Portuguese	Cad Trad Tradução e Corpora	18,386
Portuguese	Cad Trad Tradução e lexicografia pedagógica	51,118
Portuguese	Cadernos de Tradução	842,460
Portuguese	Corpus didático parcial	236,404

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Obs.: Nos retângulos verdes estão os principais *corpora* em português e em inglês, em laranja, os *subcorpora* representativos dos quatro períodos da pesquisa.

Os artigos foram carregados no *corpus* individualmente. Ao selecionar o ícone *Add new file*, escolhe-se o arquivo que se deseja inserir no *corpus*, clica-se em *next* e, quando muda a página de *upload*, se seleciona o ícone *finish*. Após feito esse procedimento para os artigos que se deseja colocar no *corpus*, ainda é necessário clicar em *compile corpus* para que todos os arquivos carregados se incorporem ao *corpus*. A figura 7 mostra o momento da inserção dos artigos no *corpus*, por meio da qual se pode acompanhar o título do artigo, a fase de *upload* e a página inicial do artigo para confirmação do processo. Nessa figura, em verde claro está o nome do artigo, em verde escuro, o botão *finish* para concluir o *upload* e, em laranja, uma amostra do artigo carregado para verificar se está correto. Se for necessário ver o artigo inteiro, é preciso deslizar a barra de rolagem para baixo.

Figura 7 - Upload de artigos no Sketch Engine



Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Para melhor acompanhar o processo de compilação dos *corpora*, sem perder o controle do que já havia sido feito, visto que esse processo levou mais de três meses para ser concluído, fizemos uma tabela, da qual se pode ver um excerto no Quadro 6. A primeira coluna traz, individualmente, todos os volumes da revista que foram inseridos em pastas. Na segunda coluna, as informações se referem aos artigos de determinado volume que foram organizados dentro da pasta desse volume. Na terceira coluna, estão marcados os arquivos que foram convertidos de .pdf para .doc, utilizando o conversor PDFtoDOC (<http://pdf2doc.com/pt/>). Na quarta coluna, estão anotados os arquivos que foram salvos em uma pasta apenas com arquivos convertidos para .doc. Na quinta coluna, pontuou-se os artigos que foram limpos conforme descrição já apresentada. Alguns arquivos não puderam ser limpos por estarem truncados, fato mencionado em frente ao arquivo. Na penúltima coluna, indicamos quantos arquivos de determinado volume foram renomeados e, na última coluna, estão indicados, individualmente, os arquivos que foram carregados (*uploaded*) e compilados no programa Sketch Engine.

Quadro 6 – Acompanhamento do processo de montagem dos *corpora*

Artigos baixados do site da <i>Cadernos de Tradução</i>	Organização dos artigos por volume e número da revista	Conversão PDF em DOC	Inserção dos artigos em arquivo só em .doc	Limpeza dos artigos	Renomeação dos arquivos referente a cada artigo	Upload e compilação no Sketch Engine
Vol.1 n.27 2011	1	1	1	0124	1	1
Vol. 35 n.1 2015	8	8	7	0565/0572(truncado) /0567/0568/ 0573/0639/ 0571/0574	7	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7
Número dos volumes da revista	Quantos artigos foram inseridos no arquivo	Quantos artigos foram convertidos	Quantos artigos foram inseridos no novo arquivo	Individualmente, quais foram limpos (arquivos truncados não foram inseridos no <i>corpus</i>)	Quantos artigos foram renomeados	Anotação individual do <i>upload</i>

Fonte: própria autora.

Após a montagem e compilação dos *corpora* em português e inglês, foi possível iniciar as pesquisas para as quais eles foram criados. Apesar do procedimento ter sido feito nos dois idiomas, observamos que, para os fins propostos aqui, não seria necessário trabalhar com o *corpus* em inglês.

A seguir esclarecemos algumas funcionalidades do programa da LC usado.

3.4 AS PRINCIPAIS FUNCIONALIDADES EM LINGUÍSTICA DE CORPUS

Além de permitir a criação de *corpora* ou o uso daqueles já existentes, o Sketch Engine disponibiliza inúmeras ferramentas que possibilitam uma análise dos dados fornecidos de forma automatizada. Com esses dados, pode-se proceder a um entendimento das relações existentes entre os termos, de sua frequência, da coocorrência de palavras e termos no *corpus* desejado, entre outras informações.

3.4.1 Informações sobre o *Corpus*

Com o *corpus* pronto, iniciamos a pesquisa para a obtenção dos dados pretendidos. Inicialmente, pode-se obter os dados sobre o próprio *corpus* na janela ‘*corpus info*’, que fornece informações como tamanho do *corpus* em ocorrências e em palavras, número de sentenças e de documentos, idioma dos documentos, data e hora de compilação, número de palavras, legendas de rotulação do *corpus*, entre outros. A figura 8 mostra a página com as informações do *corpus*:

Figura 8 – Página do Sketch Engine com dados do *corpus* Cadernos de Tradução

The screenshot shows the Sketch Engine interface for the corpus 'Cadernos de Tradução'. The 'Corpus info' tab is selected in the left sidebar. The main content area displays the following data:

Counts		General info		Lexicon sizes		Tags legend		Lempos suffixes	
Tokens	1,045,692	Language	Portuguese	word	68,316	adjective	A.*	adjective	-j
Words	842,460	Encoding	UTF-8	tag	372	adverb	R.*	adverb	-r
Sentences	22,092	Compiled	12/13/2017 12:05:32	lempos	48,176	determiner	D.*	conjunction	-c
Documents	190	Tagset	Description	lemma	45,577	interjection	I	noun	-n
		Word sketch grammar	Definition	lempos_lc	48,176	noun	N.*	numeral	-m
				lemma_lc	45,577	verb	V.*	preposition	-i
				lc	61,160	pronoun	P.*	pronoun	-p
						conjunction	C.*	verb	-v
						preposition	S.*		

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Como se pode observar na figura 8, esse *corpus* tem 842.460 palavras (*words*) e, segundo Sardinha (2004, p. 26), é classificado como médio (entre 250 mil a 1 milhão de palavras). Foi compilado no dia 13 de dezembro de 2017 e seus arquivos estão em português.

Esta classificação do tamanho dos *corpora* está defasada, pois atualmente, na Linguística de Corpus, fala-se nos *corpora* 1010 (lê-se, *ten-ten*), aqueles que têm mais de 10 bilhões de palavras, uma vez que o volume de dados inserido nos *corpora* aumentou significativamente ao longo dos últimos anos. Entretanto, como estamos falando de um *corpus* de especialidade (Tradução), entendemos que esta classificação pode ser utilizada para localizá-lo num tamanho médio. Propomos que a classificação de Sardinha seja utilizada para *corpora* de especialidade que ainda tenham o tamanho que ele considerou em seu livro *Linguística de Corpus* e que seja criada uma nova classificação para os *corpora* 1010, o que requer a participação de terminólogos que trabalham com *corpora* desse tamanho.

3.4.2 Lista de palavras - *Word list*

A funcionalidade *Word List* disponibilizada pelo Sketch Engine apresenta uma série de maneiras de se criar listas das palavras que aparecem no *corpus*. Ela pode ser selecionada para mostrar palavras que têm um mínimo de x ocorrências (o padrão é 5) ou absolutamente todas as palavras que aparecem no *corpus* e pode-se fazer buscas por palavras simples ou termos complexos (com até 6 palavras). Como se pode observar na Figura 9, e como esperado em qualquer *corpus*, as palavras que mais ocorrem são as gramaticais⁵⁴, sendo as primeiras palavras lexicais a forma verbal ‘é’ e o substantivo ‘tradução’, respectivamente em 11^a e 13^a posições (em verde na Figura 9). Entretanto, conforme Rey (1995, p. 29), os terminólogos estão interessados tanto em palavras quanto em unidades maiores que elas, ou seja, expressões, que denominam objetos e são indicadores de um conceito. Para esse autor, o que interessa ao terminólogo são os substantivos, as expressões, verbos e adjetivos, pois funcionam como símbolos conceituais e têm uma denotação classificatória. Para isso, precisamos buscar termos complexos, pois apresentam mais conteúdo semântico do que determinados termos simples.

Ao fazer uma busca na *word list* dos principais lemas⁵⁵ do *corpus* em português, encontramos os seguintes lemas significativos (entre parênteses a frequência): tradução (6.925), texto (3.009), língua (2.341), tradutor (2.114), original (1.409), sentido (1.190), traduções (1.007), textos (1.005), autor (1.000), palavras (967).

⁵⁴ Palavras gramaticais são as preposições, artigos, conjunções, numerais, pronomes, interjeições e, para alguns autores, advérbios; e palavras lexicais são os substantivos, verbos, adjetivos e, para alguns autores, advérbios.

⁵⁵ Segundo Welker (2004, p. 33), lematizar “significa ‘arrolar no dicionário como lema, como entrada’, o que implica, ao mesmo tempo, dar ao lexema a forma que ele costuma ter como palavra-entrada”, ou seja, no caso dos verbos, o infinitivo, no caso dos substantivos, o masculino singular.

Figura 9 – Primeiras palavras da *Word list* do *corpus* Cadernos de Tradução

Sketch Engine Cadernos de Tradução

Home
Search
Word list
Word sketch
Thesaurus
Sketch diff
Keywords/terms
Corpus info
Manage corpus
My jobs
User guide ↗

Save
Change options

Word list
Corpus: Cadernos de Tradução
Total number of items: 13,896
Total frequency: 761,772
Page [Next >](#)

<u>word</u>	<u>frequency</u>
de	39.332
a	26.537
e	21.559
que	21.143
o	19.168
da	13.026
do	12.900
em	10.736
uma	8.563
um	8.354
é	7.329
como	6.997
tradução	6.925
se	6.488
para	6.396
não	5.847

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

A *word list* mostra 100 palavras por página e, seguindo-se até o final numa busca de todos os termos, encontram-se os *hapax legomena*, as palavras que aparecem uma única vez no *corpus*. O *corpus* Cadernos de Tradução tem 663 páginas de palavras, das quais 348 páginas (52,5%) mostram palavras de ocorrência única. Sardinha (2002, p. 344) afirma que “em qualquer *corpus*, as formas de frequência 1 (também conhecidas como ‘hapax legomena’) são a maioria”. Da mesma forma, Biderman (1998, p. 175), citando Richman et al. (1971) sobre a pesquisa dele a respeito da língua inglesa, intitulada *American Heritage Word Frequency Book*, confirma esse fenômeno, em que os *hapax legomena* somam mais de 40% do *corpus*. Nosso entendimento é que, em um *corpus* como este, em que aparecem textos em diversos idiomas, o número de *hapax legomena* é ainda mais expressivo.

Após uma análise mais atenta, observou-se que as palavras que aparecem uma única vez são: palavras estrangeiras (*Versammler*, ἀκούσῆς), autores que publicaram um único artigo (Eyben, Emmel), autores citados uma única vez (Battersby, Ebraico), variedades de assuntos ou personagens abordados (sambas, Teobaldo, nheengatu), palavras grafadas incorretamente (Herói), palavras raras (quadrívio, acatalético), palavras muito específicas da tradução poética (quiasmos, metricistas), palavras típicas

do gênero acadêmico (oswaldianamente, petrarquescos), verbos com conjugação antiquada (usados em traduções - trazei, deixes, tê-lo-ia), siglas (PNLD, DHSA), códigos (F1278, A-PB), expressões hifenizadas (formal-semântico-emocional), palavras não esperadas nesse tipo de publicação dada a sua informalidade (xixi), palavras cuja hifenização não foi corrigida por mim na preparação do *corpus* (dis-seminação), números sobrescritos que aparecem junto à palavra antecedente (equânimes²) (também problema de limpeza do *corpus*), entre outras. Segundo Tagnin (2015, p. 33), “as palavras de ocorrência única podem indicar tanto termos de uma área de especialidade quanto vocábulos usados criativamente”, ambos observados nesses exemplos.

3.4.3 Extração de termos e palavras-chave

Extracted keywords/terms é uma funcionalidade acessada por meio do menu *Search corpus*, no submenu *keywords/terms*. Ela extrai automaticamente duzentas sugestões de termos simples (100 palavras) e complexos (100 termos, com duas, três e quatro palavras) que devem ser analisados pelo pesquisador quanto à relevância para o trabalho desenvolvido. Os grupos polilexicais (sintagmas) são também denominados n-gramas (SHEPHERD, 2009, p. 157) e, nesse programa, podem ser buscados conjuntamente com 2 a 6 palavras (qualquer combinação desejada nesse limite) ou separadamente com somente 2 palavras ou apenas de 3, 4, 5 ou 6 palavras. Há programas que possibilitam uma busca por n-gramas bem maiores do que esse, o que é útil para localizar termos extensos (9, 10, 11 palavras), como não é incomum em linguagens de especialidade. Entretanto, esse número de n-gramas é suficiente para localizar termos complexos, que podem ser ampliados pelo especialista se necessário.

Numa primeira análise, nota-se que os termos apresentados na Figura 10 são bastante consistentes com o assunto do *corpus*, entretanto, algumas “impurezas” devem ser descartadas antes de se fazer uma pesquisa mais aprofundada. Essas “impurezas” são aqueles termos que não se referem ao assunto abordado e, por não interessarem para a pesquisa, são descartados.

Figura 10 – Exemplo de extração automática de terminologia

Cadernos de Tradução: Extracted keywords / terms ?

[Change extraction options](#) Download singlewords: [TBX CSV](#). Download multiwords: [TBX CSV](#).

Singlewords and multiwords are ordered by [keyness score](#). The score and corpus frequency (leading to the respective concordance) are displayed in parentheses. Highlighted words were used as seeds in a previous WebBootCaT run within this corpus.

[<< Back to corpus files](#) Use WebBootCaT with selected words

Single-word	Score	F	RefF	Multi-word	Score	F	RefF
<input type="checkbox"/> tradutor (W) 414.87 (2,172) 18,548				<input type="checkbox"/> texto de partida (W) 141.34 (50) 102			
<input type="checkbox"/> translation (W) 394.64 (534) 1,372				<input type="checkbox"/> processo tradutório (W) 136.52 (44) 78			
<input type="checkbox"/> tradutores (W) 274.69 (754) 7,535				<input type="checkbox"/> língua de chegada (W) 101.68 (09) 162			
<input type="checkbox"/> tradução (W) 269.99 (7,593) 119,819				<input type="checkbox"/> tradução literária (W) 93.51 (03) 300			
<input type="checkbox"/> tradutório (W) 248.55 (271) 216				<input type="checkbox"/> of translation (W) 81.09 (84) 17			
<input type="checkbox"/> traduções (W) 192.44 (1,023) 18,918				<input type="checkbox"/> texto original (W) 79.40 (35) 8,528			
<input type="checkbox"/> tradutória (W) 165.96 (180) 200				<input type="checkbox"/> tradução literal (W) 65.45 (96) 1,934			
<input type="checkbox"/> venuti (W) 128.46 (135) 59				<input type="checkbox"/> texto de chegada (W) 61.77 (64) 37			
<input type="checkbox"/> derrida (W) 125.66 (227) 3,403				<input type="checkbox"/> língua de sinais (W) 57.17 (05) 3,582			
<input type="checkbox"/> meschonnic (W) 106.46 (111) 30				<input type="checkbox"/> crítica de tradução (W) 54.34 (56) 20			
<input type="checkbox"/> leopardi (W) 95.51 (108) 425				<input type="checkbox"/> cadernos de tradução (W) 52.27 (54) 33			
<input type="checkbox"/> translator (W) 82.93 (116) 946				<input type="checkbox"/> processo de tradução (W) 51.45 (59) 539			

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Entre os principais termos fornecidos, pode-se ver que vários são verdadeiros candidatos a termos simples (uma única palavra) como: ‘tradutor’, ‘tradução’ bem como suas variantes; ‘Venuti’, ‘Derrida’, ‘Meschonnic’, entre os que estão à esquerda na figura 10; e ‘equivalência’, ‘*corpora*’, ‘intersemiótica’, ‘Lefevere’, ‘multilíngue’, ‘lexicografia’, ‘intraduzibilidade’, ‘paratextos’, ‘Arrojo’, que não aparecem na figura. Os termos que podem ser descartados neste caso são: ‘*translation*’ e variantes em inglês, ‘*keywords*’ e ‘*abstract*’ (em inglês em todos os documentos), ‘*was*’, ‘*it*’, ‘*which*’, ‘*sprache*’, ‘*und*’ e ‘*wajãpi*’ (em outros idiomas).

Entre os termos complexos (duas ou mais palavras separadas sem hífen), podemos citar como possibilidades: ‘texto de partida’, ‘processo tradutório’, ‘língua de chegada’, ‘tradução literária’, ‘crítica de tradução’, que aparecem à direita na figura 10, e ‘ensino de LE’, ‘Haroldo de Campos’, ‘língua pura’, ‘Walter Benjamin’, que não são mostrados na figura. Nesta coluna, as sugestões que devem ser excluídas são: ‘a tradução’, ‘de tradução’ (por não serem termos), ‘oj pj qj’ e ‘cj op pj qi’ (por serem

códigos), ‘of translation’, ‘*éditions du seuil*’ (por serem em outros idiomas), ‘*this article*’, ‘*this paper*’ (traduções que aparecem nos *abstracts* de quase todos os artigos).

Esta ferramenta do *Sketch Engine* foi muito útil para a localização dos principais termos a serem estudados neste trabalho. Ela mostrou-se mais relevante do que a *Word list* por apresentar termos específicos da área com grande acerto na seleção e mostrar termos simples e complexos.

3.4.4 Comportamento gramatical e colocações

A ferramenta *Word Sketch* mostra o comportamento gramatical e as colocações de determinada palavra, com exemplos de uso. Essa funcionalidade (Figura 11) traz um resumo dos padrões recorrentes das palavras no *corpus* apresentado e os organiza para que o usuário possa aproveitar melhor o programa (KILGARRIFF et al., 2014, p.10). Ela mostra ainda a palavra usada como objeto de outra, como sujeito de outra ou como sendo modificada ou modificando outra. Aqui pode-se ver também exemplos de uso das palavras relacionadas àquela pesquisada. Observe que, na figura 11, a expressão ‘via tradução’ (em vermelho) pode ter sido mal analisada pelo programa e, portanto, requer uma verificação no concordanciador. Na figura, circulados em verde, estão os coocorrentes com essa palavra usada como objeto; em laranja, como sujeito e; em azul, modificada (terceira coluna) ou modificando (quarta coluna) um substantivo:

Figura 11 - *Word Sketch* com a palavra ‘tradução’

object of	subject of	n_modifier	modifies
8.33	9.61	20.17	14.30
fazer 40 9.80	ser + 271 11.12	literal + 108 10.86	crítica 64 10.56
realizar 20 9.63	a tradução é	tradução literal	crítica de tradução literária
analisar 18 9.43	poder 55 10.27	literário + 112 10.56	cadernos 54 10.43
ser 93 9.42	a tradução pode	de tradução literária	Cadernos de Tradução ,
é a tradução	dever 38 10.08	texto 84 10.34	trabalho 53 10.10
ver 19 9.33	a tradução deve	tradução de textos	trabalho de tradução
via tradução	ir 42 9.92	intersemiótica 55 9.97	processo 61 10.08
definir 14 9.16	ter 33 9.61	tradução intersemiótica	o processo de tradução
pensar 12 8.95	parecer 14 8.90	poético 40 9.30	concepção 45 10.03
ler 12 8.90	a tradução parece	tradução poética	concepção de tradução
produzir 12 8.78	estar 16 8.77	obra 30 9.04	prática 45 9.94
envolver 11 8.76	a tradução está	traduções de obras	prática de tradução
considerar 12 8.63	apresentar 12 8.70	técnico 27 8.88	teoria 42 9.91
apresentar 13 8.57	servir 9 8.42	tradução técnica ,	teoria de tradução
haver 17 8.50	deixar 8 8.20	livre 25 8.82	tipo 39 9.59

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

3.4.5 Busca de termos - *Search*

Search é a ferramenta utilizada para obter as concordâncias, uma lista de todos os exemplos em que aparece a palavra ou expressão buscada com algum contexto à direita e à esquerda (KILGARRIFF et al., 2014), observáveis no *corpus*. Ao inserir o termo simples ou complexo a ser buscado e selecionar quantos *tokens* se deseja à esquerda e à direita dele, clica-se em *make concordance* para obter o resultado. O termo solicitado é disponibilizado em uma fileira central com as concordâncias dos lados. A busca considera tanto palavras em caixa alta quanto em caixa baixa ou só iniciada em maiúscula, procura pela palavra (que pode ser especificada por substantivo, verbo, adjetivo) ou pelo lema e mostra uma sequência de palavras separadas por um espaço (KILGARRIFF et al., 2014, p.11).

Na Figura 12, na coluna à esquerda, em azul, é fornecido o número do documento de onde foram extraídas as concordâncias, que pode ser observado para acompanhar se as diversas ocorrências vêm de um mesmo documento ou se de vários. O termo pesquisado aparece em vermelho no centro e, clicando-se nele, o programa fornece, numa janela inferior, um contexto maior ao redor do termo, que pode ser expandido novamente, tanto à direita quanto à esquerda, caso seja necessário ler um texto maior.

O concordanciador nos possibilita aprofundar a pesquisa em determinada palavra ou termo para visualizar os dados dentro de cada arquivo no *corpus*. Dessa forma, para checar o uso de ‘via tradução’ sugerido pelo *word sketch* (Figura 11), obtemos a seguinte pesquisa que soluciona nossas dúvidas quanto ao uso de ‘via’ como preposição (significando ‘por meio de tradução’, grifado em azul) e não como pretérito imperfeito do verbo ‘ver’, como o programa sugeriu. Esse modelo de disposição de informações, em que a palavra vem destacada no centro, se chama *Key Word in Context* (KWIC ou palavras chave no contexto):

Figura 12 – Concordâncias da expressão ‘via tradução’

Sketch Engine Cadernos de Tradução

Query 19 (18.17 per million)

file328313...	sua voz o fizeram, de algum modo, via tradução	Nas letras hispânicas os grandes renovadores
file329882...	a ser atacadas por estudiosos que viam a tradução	a partir de uma perspectiva contextualizada e
file328304...	da preocupação dominante com o primeiro, vê a tradução	como a construção de um novo texto ou
file330062...	as correntes teóricas se difundem, ou não, via tradução	de seus manifestos e textos-chave. Assim, não é
file330139...	, não tem impedido que continuemos a ver a tradução	como sombra. Creio que podemos entender sem
file330139...	que nos assombram e são reatualizadas via tradução	Finalmente concluamos com Flusser. O que esse
file330264...	antropofágico, objeto deste artigo, é ver a tradução	como subversão e assim subverter esse
file330264...	quanto à função da crítica - e da crítica via tradução	como nutrimento do impulso criador" (CAMPOS,
file330290...	divulgadores da literatura estrangeira via tradução	a apropriação de características dessa
file330290...	damas sentimentais" (1981, p. 195). Daí, via tradução	pode-se explicar os temas e o estilo do romance
file328305...	da sua própria língua. Aqui ele consegue ver a tradução	assim como Goethe, como uma tarefa (Aufgabe)
file328306...	um profundo transformador de sua arte via tradução	A tipologia bipartite apenas indiretamente
file328306...	de um provável centro cultural, vê tradução	e original como concorrentes, em vez de
file328306...	nos chegar, como num cont(r)ato amoroso, via tradução	qua penetração sem violação, qua transação
file328306...	menos pós-moderno, o estrangeiro nos chega via tradução	qua violação. Ou seja, uma topologia da
file328311...	, os estudantes de língua estrangeira vêm a tradução	como um exercício de língua estrangeira.
file328311...	com uma alto grau de profissionalismo e vêm a tradução	como uma atividade de responsabilidade e não
file331937...	quanto à função da crítica - e da crítica via tradução	como 'nutrimento do impulso' criador" (
file331939...	moderno", pois "instituiu a crítica via tradução	Recriou a poesia do passado e elevou a tradução

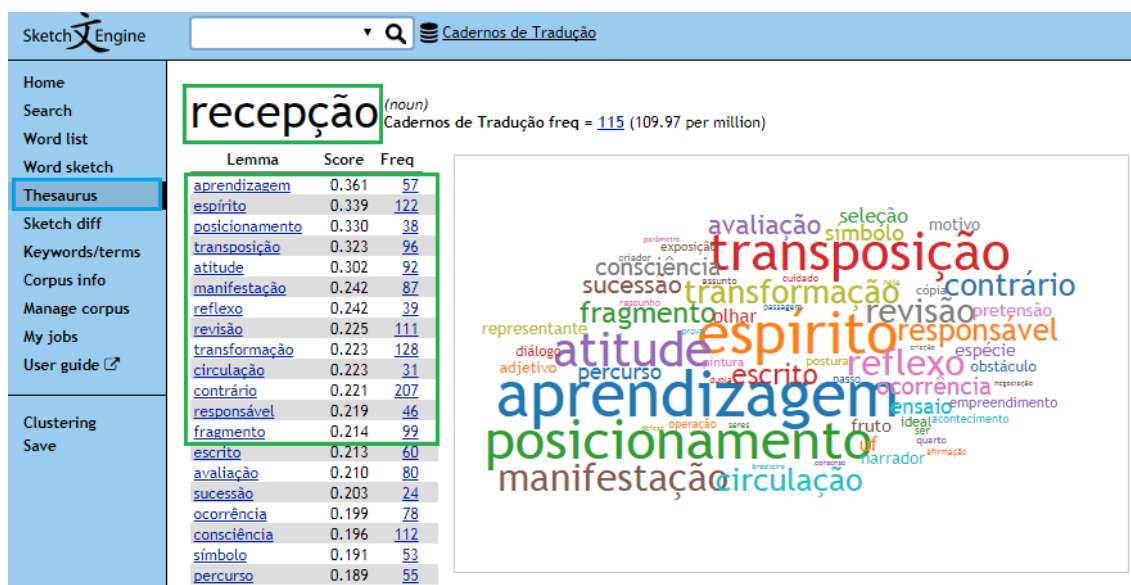
Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Ao clicar no nome do arquivo (escrito em azul na figura 12), pode-se ver o nome que o usuário deu para o arquivo, uma vez que o número em azul é atribuído pelo Sketch Engine no momento do *upload*. Na figura, escrito em vermelho, está o termo pesquisado, com suas colocações à direita e à esquerda, e, em azul (file328306..., por exemplo), os arquivos onde estão as ocorrências; no quadrado verde claro está um exemplo de artigos repetidos. Observe que a pesquisa está lematizada, ou seja, os resultados contemplam várias formas verbais (*viam*, *via*, *vê*, *ver*, *vêm*) na busca por ‘via tradução’.

3.4.6 Associação de palavras - *Thesaurus*

O *Thesaurus* é uma funcionalidade que apresenta os lemas que mais ocorrem em colocações relacionadas a determinada palavra. Se as palavras compartilham o mesmo colocado, estarão inseridas nos *thesauri* uma da outra. A partir do *thesaurus* é possível observar os principais lemas-colocados e pesquisá-los para verificar como ocorrem associados, bem como sua maior ou menor frequência juntos, fazer pesquisas um a um no concordanciador para verificar como ocorrem em coocorrência (qual deles aparece mais como objeto, sujeito, verbo, substantivando ou substantivado por outro). As opções são várias, dependendo do objetivo da análise pesquisada.

Figura 13 – A funcionalidade *Thesaurus* do Sketch Engine



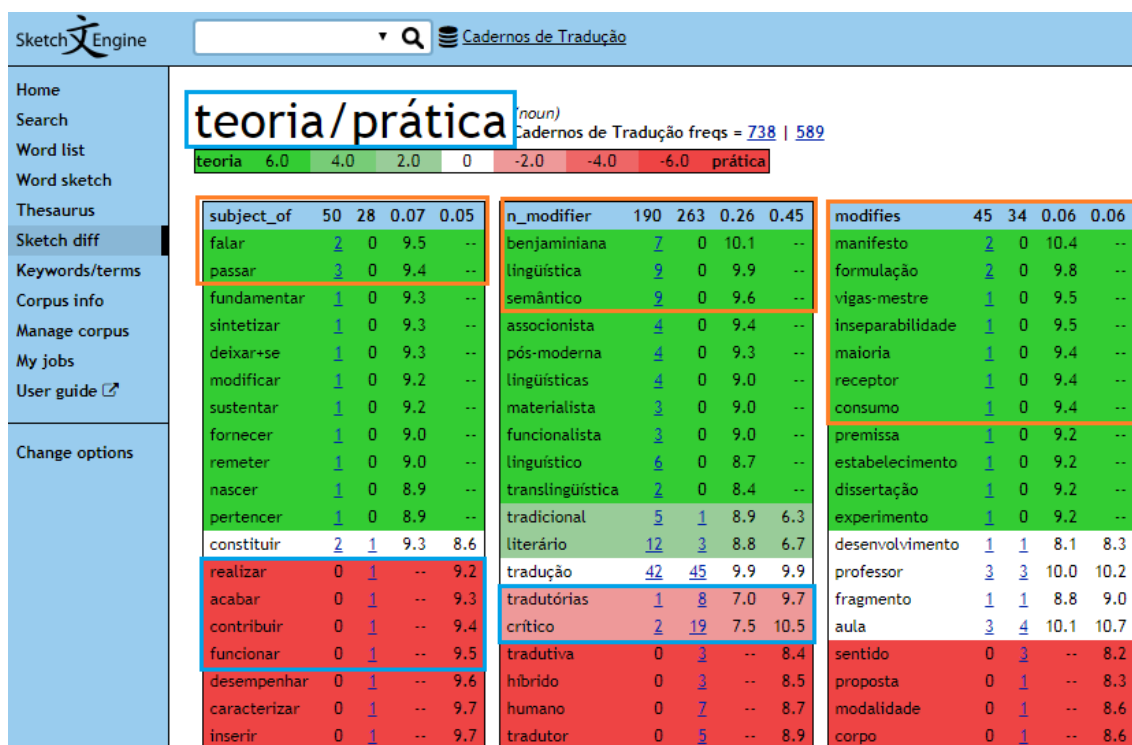
Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

A Figura 13, uma imagem do *Thesaurus* da palavra ‘recepção’, mostra as palavras mais associadas a ela, e, clicando-se em uma delas, o usuário é direcionado para o *Sketch diff*, detalhado em 2.4.7. No *Thesaurus* são apresentadas as palavras com coocorrência mais próxima. Esse é um recurso visual apreciado para a apresentação de palavras relacionadas a uma outra.

3.4.7 *Sketch diff*: estudo comparativo de duas palavras

A ferramenta *Sketch diff* faz um cruzamento de duas palavras com um resumo das ocorrências mais usuais encontradas no *corpus*, que mostra como as palavras diferem ou se assemelham nos seus contextos e comportamentos. Apresenta, em fundo verde, dados da primeira palavra fornecida e, em vermelho, da segunda. Os dados na faixa em branco mostram que não há tendência de uso para a primeira ou para a segunda palavra, pontuando as semelhanças. A Figura 14 mostra como são fornecidos os dados sobre a ocorrência dos termos, como sujeito de determinados verbos, dos substantivos que os modificam e dos substantivos que eles modificam, além das situações em que aparecem como objeto de determinados verbos. Pode-se então observar a relação das palavras solicitadas nessas situações e fazer as devidas comparações e análises.

Figura 14 – Comparação das palavras ‘teoria’ e ‘prática’ no *Sketch diff*



Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Na primeira coluna à esquerda, observam-se os verbos dos quais os termos ‘teoria’ e ‘prática’ são sujeitos; no centro, os termos que os modificam e; à direita, os que eles modificam. As cores mais fortes revelam uma maior tendência de uso com uma das palavras, as esmaecidas, uma maior aproximação entre as palavras buscadas. Quando é necessário fazer uma comparação entre duas palavras simples (essa funcionalidade não admite a comparação entre termos com 2 ou mais n-gramas) é essa a melhor opção de pesquisa. A pesquisa gera resultados com substantivos, verbos, artigos, adjetivos, mas não com pronomes, por exemplo.

3.4.8 Concordâncias e colocados

Uma ferramenta do *Sketch Engine* que possibilita a pesquisa de palavras para solucionar dúvidas quanto às relações estabelecidas por elas com outros termos é o concordanciador. Essa ferramenta lista os exemplos da palavra ou expressão buscada, acompanhada do contexto que aparece tanto à sua direita quanto à sua esquerda, colocando a palavra/expressão buscada em vermelho ao centro e uma quantidade de texto determinada pelo usuário nos lados. Um exemplo de concordância foi mostrado nos termos acima, entretanto, essa ferramenta pode ser associada àquela que aponta as principais colocações relacionadas à palavra buscada. Primeiramente, a partir da opção

Search corpus, busca-se o termo de interesse usando o concordanciador, depois procura-se a opção *collocates* para verificar quais são as palavras que mais aparecem relacionadas a ele. Uma colocação é uma sequência de palavras que coocorre com frequência, isto é, que têm uma grande probabilidade de serem mencionadas juntas.

Segundo Sardinha (2004, p. 201), para as coocorrências atestarem o grau de associação entre as palavras, usa-se a relação observado/esperado, na qual a observação no *corpus* de especialidade supera a expectativa de ocorrência em um *corpus* não específico. Há ainda que se verificar a informação mútua (*mutual information* ou MI, em inglês) (*idem*, p. 203), ou seja, quando uma palavra ocorre, a possibilidade de outra específica também ocorrer é grande, o que leva ao cálculo do Escore T (*idem*, p. 204), que aponta a ocorrência não aleatória entre as palavras. MI e Escore T são exemplos de medidas de significâncias utilizadas pelos programas de LC.

Para exemplificar esse uso, citamos o caso de uma busca por ‘poesia’ no concordanciador e, posteriormente, no *collocates* (colocados), que gerou as 10 principais palavras relacionadas: ‘prosa’ (comparada a poesia), ‘Dickinson’ (sobrenome de autora muito estudada), ‘grega’, ‘chinesa’ e ‘clássica (todas lembradas nos estudos poéticos), Emily (autora muito estudada), traduzir (assunto tratado nesse *corpus*), Campos (irmãos - Haroldo e Augusto - tradutores e poetas muito estudados, que podem ser mencionados juntos ou individualmente), da (preposição).

Pode-se, a partir daí, observar as situações em que a palavra coocorrente tem uma ocorrência positiva, é mencionada próxima à palavra buscada, ou aquelas em que essa segunda palavra tem uma ocorrência negativa, ou seja, não aparece no contexto próximo à palavra buscada. Assim, caso se pretenda observar todos os contextos em que as palavras aparecem próximas, busca-se no positivo (Figura 15) e, caso se pretenda obter aqueles contextos em que as palavras não estão citadas juntas, busca-se no negativo (Figura 16). Essa funcionalidade é útil para a observação de termos e seus coocorrentes.

Figura 15 – Lista parcial das coocorrências positivas de ‘poesia’ e ‘chinesa’

The screenshot shows the Sketch Engine interface with a search for 'poesia'. The results are filtered to show positive co-occurrences with 'chinesa'. The search bar contains 'poesia' and the filter bar shows 'Query poesia 456 > Positive filter (excluding KWIC) chinesa 13 (12.43 per million)'. The main content area displays a list of text snippets with the terms 'poesia' and 'chinesa' highlighted in red. The left sidebar contains navigation options like Home, Search, Word list, etc.

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Figura 16 – Lista parcial das coocorrências negativas de ‘poesia’ e ‘chinesa’

The screenshot shows the Sketch Engine interface with a search for 'poesia'. The results are filtered to show negative co-occurrences with 'chinesa'. The search bar contains 'poesia' and the filter bar shows 'Query poesia 456 > Negative filter (excluding KWIC) chinesa 443 (423.64 per million)'. The main content area displays a list of text snippets with the terms 'poesia' and 'chinesa' highlighted in red. The left sidebar contains navigation options like Home, Search, Word list, etc.

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Ao descrever essas ferramentas, queremos mostrar como o uso de *corpora* permite não apenas diversas análises quantitativas, mas também qualitativas. Os resultados estatísticos oferecidos pelo programa de forma automatizada devem ser verificados posteriormente pelo pesquisador, para tirar uma conclusão qualitativa dos dados. São inúmeras as possibilidades de pesquisa, motivo pelo qual é necessário nos concentrarmos para não extrapolar o objetivo do trabalho. A pesquisa com *corpora* diacrônicos traz a preocupação adicional de ter que comparar dados ao longo do tempo, os quais devem ser devidamente calculados para não distorcer a informação. Entretanto, não se deve desistir de buscar o que se deseja e o programa nos estimula com senso de humor a persistir na nossa busca. Após consulta na documentação sobre o *Sketch Engine*, cujo resultado não encontrou informações, o sistema gerou uma resposta bastante engenhosa que representa a persistência necessária nessa pesquisa, a frase de

Winston Churchill: “Sucesso é a capacidade de ir de um fracasso a outro sem perder o entusiasmo”⁵⁶ (tradução nossa).

A seguir, relaciono algumas pesquisas feitas com termos frequentes nos *corpora* estudados para verificar as coocorrências e sua importância para a teoria da tradução no período estudado.

⁵⁶ “Success is the ability to go from one failure to another with no loss of enthusiasm”.

CAPÍTULO 4 - COLETA E ANÁLISE DOS TERMOS

Foi nesse instante que uma melancolia momentânea comprimiu-me o coração: refleti sobre as palavras ‘acabamento’ e ‘perfeição’, que contêm em si a palavra fim. (Memórias de Adriano - Marguerite Yourcenar)

O levantamento de termos é a primeira pesquisa que se obtém dos *corpora*, e por meio dele se pode tirar conclusões, fazer inferências e análises quanto a diversos aspectos das colocações. É a partir da análise dos principais termos (de maior frequência) que pretendemos entender as relações dos autores com suas teorias, palavras-chave, conceitos, bem como dos termos mais utilizados na área de tradução para constatar quais são os termos significativos para a área e apresentar as pesquisas em tradução no Brasil.

4.1 PRINCIPAIS TERMOS NAS *KEYWORDS/TERMS* DO *CORPUS*

As palavras significativas de um *corpus* podem ser simples, compostas ou complexas. Barros (2007, p. 399) classifica os termos simples como aqueles que têm um único lexema, independente do seu processo de formação; como complexos, um grupo de lexemas e morfemas gramaticais não ligados por hífen; e como compostos, aqueles que têm dois ou mais lexemas não autônomos (unidos por hífen).

A fim de verificar a maior ocorrência de termos utilizados pelos autores, fizemos uma busca deles no *corpus* de artigos em português. As onze palavras simples significativas que ocorrem mais de 1000 vezes no *corpus* são apresentadas no quadro 7. Entre essas primeiras, duas se repetem (no singular e plural) e podemos agrupá-las em lemas. Assim, ‘tradução’ e ‘traduções’ têm suas ocorrências somadas, bem como ‘texto’ e ‘textos’. Portanto, tradução fica com 7.932 ocorrências e texto, com 4.014. As demais palavras também aparecem na lista no plural ou no feminino (tradutora), e também podem ser somadas. Entretanto, como isso não alterará a classificação dessas palavras por ocorrência, não fizemos esse cálculo.

Quadro 7 – Lista de palavras simples com mais de 1.000 ocorrências

	Palavra	Número de ocorrências
1	Tradução	6.925
2	Texto	3.009
3	Língua	2.341
4	Tradutor	2.114
5	Original	1.409
6	Forma	1.362
7	Sentido	1.190
8	Obra	1.052
9	Traduções	1.007
10	Textos	1.005
11	Autor	1.000

Fonte: a própria autora, baseada no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Apesar de apresentarem uma frequência grande, restringiremos a análise de termos simples por entendermos que, nesse caso, eles têm uma representatividade menos específica da terminologia da área. Justificamos isso a respeito de ‘texto’, por exemplo ser menos representativo do que ‘texto de partida’, ‘texto de chegada’, ‘texto fonte’, ‘texto meta’ e ‘texto alvo’, da mesma forma como ‘original’ é menos representativo da terminologia da tradução do que ‘texto original’. Certamente, todas as lexias mostradas, e outras mais, são importantes para a tradução, mas os termos complexos se mostraram mais significativos da terminologia da área, como vamos demonstrar. Nos termos com mais de um n-grama, algumas palavras podem ser significativas e outras não, como ocorre em ‘processo tradutório’; ‘processo’, utilizado isoladamente, não é especificamente significativo para a tradução, mas ‘tradutório’ é um termo significativo para a área.

Os termos selecionados pelo *Sketch Engine* por meio da opção *Keywords/Terms* geram resultados com base na pontuação de chavicidade (*Keyness score*) calculada, utilizando-se algoritmos baseados no tamanho do *corpus*, no número de ocorrências da palavra-chave em todo o *corpus* (tamanho da concordância), no número de ocorrências do colocado em todo o *corpus* e no número de ocorrências do colocado na concordância (número de coocorrências). Assim, o primeiro termo apresentado pelo programa pode não ser aquele com mais ocorrências, mas o que obteve a maior pontuação considerando-se esses parâmetros de chavicidade. Essa seleção considera a importância desses termos para o *corpus* Cadernos de Tradução, em comparação com a relevância desses mesmos termos para outro(s) *corpus* (*corpora*) de tamanho muito maior.

Figura 17 - Keywords/Terms (palavras simples e múltiplas)

Single-word				Multi-word			
	Score	F	RefF		Score	F	RefF
<input type="checkbox"/> tradutor	399.19	3,051	29,201	<input type="checkbox"/> texto de partida	141.34	150	102
<input type="checkbox"/> translation	394.64	534	1,372	<input type="checkbox"/> processo tradutório	136.52	144	78
<input type="checkbox"/> tradução	267.48	8,603	137,693	<input type="checkbox"/> língua de chegada	101.68	109	162
<input type="checkbox"/> tradutório	248.55	271	216	<input type="checkbox"/> tradução literária	93.51	103	300
<input type="checkbox"/> tradutória	165.96	180	200	<input type="checkbox"/> of translation	81.09	84	17
<input type="checkbox"/> venuti	128.46	135	59	<input type="checkbox"/> texto original	79.40	235	8,528
<input type="checkbox"/> derrida	125.66	227	3,403	<input type="checkbox"/> tradução literal	65.45	96	1,934
<input type="checkbox"/> meschonnic	106.46	111	30	<input type="checkbox"/> texto de chegada	61.77	64	37
<input type="checkbox"/> lexical	102.16	247	6,116	<input type="checkbox"/> língua de sinais	57.17	105	3,582
<input type="checkbox"/> leopardi	95.51	108	425	<input type="checkbox"/> crítica de tradução	54.34	56	20
<input type="checkbox"/> translator	92.91	116	947	<input type="checkbox"/> cadernos de tradução	52.27	54	33
<input type="checkbox"/> dans	83.37	131	2,381	<input type="checkbox"/> processo de tradução	51.45	59	539
<input type="checkbox"/> schleiermacher	78.24	85	239	<input type="checkbox"/> tradução intersemiótica	51.36	54	120
<input type="checkbox"/> equivalência	77.96	383	17,168	<input type="checkbox"/> haroldo de campos	51.23	77	2,116
<input type="checkbox"/> lexicográfico	77.64	90	562	<input type="checkbox"/> augusto de campos	50.73	71	1,659
<input type="checkbox"/> that	77.39	355	15,729	<input type="checkbox"/> tradutores profissionais	48.94	51	82
<input type="checkbox"/> calvino	76.95	181	5,840	<input type="checkbox"/> ambiente multilíngue	46.90	48	1
<input type="checkbox"/> traduction	75.68	79	53	<input type="checkbox"/> língua de partida	46.16	48	77
<input type="checkbox"/> catford	74.46	77	11	<input type="checkbox"/> emily dickinson	45.95	52	483
<input type="checkbox"/> dolet	73.36	76	20	<input type="checkbox"/> ensino de le	45.27	47	71
<input type="checkbox"/> keywords	73.10	125	3,002	<input type="checkbox"/> língua estrangeira	43.38	149	10,679
<input type="checkbox"/> was	72.74	212	8,332	<input type="checkbox"/> translation studies	42.95	44	16

Fonte: Corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Obs: Nos retângulos em verde, estão os termos simples e complexos considerados para pesquisa e naqueles em laranja, os termos que são nomes de teóricos, tradutores e autores traduzidos.

Na Figura 17, observamos os principais termos simples e complexos elencados pelo programa como sendo os mais significativos para o assunto do *corpus* e de maior ocorrência. Excluindo as palavras gramaticais em outros idiomas (*dans*, *that*), os termos em inglês como ‘*translation*’, ‘*of translation*’, ‘*translation studies*’, ou francês (*traduction*), aqueles não específicos da tradução como ‘ensino de le’, ‘lexicográfico’ (mais voltado para a linguística), bem como os nomes próprios de teóricos (‘Venuti’, ‘Haroldo de Campos’) tradutores (‘Augusto de Campos’) e autores estudados (‘Leopardi’, ‘Emily Dickinson’), os demais se enquadram perfeitamente nos candidatos a termos na área de tradução. Entretanto, demos preferência aos termos complexos que entendemos ser mais especificadores dos termos da tradução do que termos simples como ‘tradução’, ‘tradutório’, e escolhemos da lista de termos simples apenas o termo ‘equivalência’ para ser analisado. Da lista de termos complexos foram elencados para

análise os primeiros cinco termos que aparecem na lista, quais sejam, ‘texto de partida’, ‘processo tradutório’, ‘língua de chegada’, ‘tradução literária’, ‘crítica de tradução’, ‘tradução intersemiótica’ e ‘texto de chegada’, alguns dos quais foram comparados com suas variantes.

4.2 PROCESSO DE COLETA DOS COCORRENTES

O processo de coleta, salvamento e pesquisa das principais lexias ou termos que ocorrem ao lado de outros termos – usado para localizar as lexias junto aos autores neste trabalho – foi inicialmente feito utilizando a funcionalidade *Concordance* do programa. Entretanto, como os resultados às vezes não apresentavam muitas palavras lexicais, sendo a maioria gramaticais, procuramos desenvolver uma metodologia de busca de coocorrentes (termos que ocorrem ao lado de outro) sem o auxílio do programa. Essa metodologia gerou os resultados esperados com mais palavras lexicais e sem palavras gramaticais. O levantamento foi feito da forma explicada no Quadro 8:

Quadro 8 – Metodologia de coleta, salvamento e pesquisa de lexias e termos

	Procedimento	Programa
1	Pesquisar o termo no Sketch Engine (p. ex.: Texto de partida)	Sketch Engine
2	Clicar em ‘save’ e depois em ‘save concordance’, salvar todos os resultados no bloco de notas	Word
3	Salvar o resultado no Word	Word
4	Retirar o número do arquivo (ex.: file 2300998)	Word
5	Excluir o termo pesquisado desse arquivo (nesse caso, apagar todas as ocorrências de ‘Derrida’) e suas ocorrências com pontuação (p. ex.: ‘Derrida.’)	Word
8	Excluir toda a pontuação (exclamação, interrogação, ponto, vírgula, ponto e vírgula, aspas, parênteses) e classes de palavras que julgar irrelevantes (preposições, artigos, conjunções, pronomes)	Word
6	Substituir os espaços em branco por asterisco (*) (ou outro caractere especial)	Word
7	Limpar os asteriscos (*) que aparecem repetidas vezes (por exemplo, substituindo ***** por *)	Word
9	Substituir o asterisco por quebra de linha manual (na opção ‘especial’ de ‘substituir’) para obter uma única e longa coluna com todas as lexias	Word
10	Transferir todas as lexias para o Excel	Excel
11	Classificar em ordem alfabética	Excel

12	Anotar numa segunda coluna o número de ocorrências repetidas em todo o arquivo	Excel
13	Classificar do maior para o menor na segunda coluna, para mostrar as lexias com maior ocorrência em primeiro lugar	Excel
14	Observar quais são os resultados mais expressivos para a pesquisa e colar no trabalho	Excel para Word

Fonte: própria autora

Esse procedimento foi necessário para preparar os artigos para serem inseridos no programa Sketch Engine sem problemas de espaçamento, hifenização, repetição de bibliografia etc.

4.3 ANÁLISE DOS TERMOS

Os termos⁵⁷ e, no caso dos autores, seus coocorrentes levantados da forma descrita anteriormente foram analisados quantitativa e qualitativamente. Os passos desta pesquisa são basicamente três: observar, descrever e explicar. Assim, após a seleção dos termos, constatamos quais são os mais frequentes, descrevemos o comportamento das lexias que coocorrem com o termo, analisamos outros termos variantes daqueles principais e explicamos o que isso significa para a área. A seguir, analisamos os termos, suas variantes e seus coocorrentes.

4.3.1. ‘Equivalência’

Segundo artigos do *corpus*, ‘equivalência’ é um termo amplo usado para estabelecer o sentido ou uma relação de igualdade entre dois textos (o original e a tradução), que sugere um mesmo valor, um intercâmbio ou relações entre trechos iguais, deve ser contextualizada e pode oferecer mais de uma solução possível. Dependendo da teoria adotada, ‘equivalência’ é adjetivada por dinâmica, funcional, semântica, textual, formal, sintática e, por vezes, faz um contraste com correspondência. Os diversos tipos de equivalência provocam expectativas diferentes nos tradutores. Por exemplo: a equivalência dinâmica é aquela que causa a mesma sensação no receptor da mensagem da tradução que aquela provocada no receptor da mensagem do original. Segundo

⁵⁷ Os termos e as citações de excertos levantados no *corpus* e analisados aqui são mostrados entre aspas simples, dessa forma os diferenciamos dos termos em outros idiomas que são mostrados em itálico, e das citações que estão em aspas duplas.

Oliveira (2007, p. 111), a equivalência “dá aos profissionais e especialmente aos alunos uma certa segurança, pelo menos para iniciar suas pesquisas”.

O termo ‘equivalência’ está entre os mais expressivos devido ao número de ocorrências nos *corpora* estudados, conforme justificado na figura 17, que mostra os principais termos simples e complexos na funcionalidade *keywords/terms*. Foram 383 ocorrências de ‘equivalência’ ao longo de todo o *corpus*. Assim, dada a sua importância para os estudos da Tradução, é relevante fazer uma análise do termo nesta pesquisa. O quadro 9 traz o número de ocorrências, bem como uma amostra diacrônica das principais formas como ele é modificado ou modifica outras palavras nos *corpora*:

Quadro 9 – Dados sobre ‘equivalência’ nos quatro *subcorpora* estudados

<i>Subcorpora</i>	1º período 1996 a 2000	2º período 2001 a 2005	3º período 2006 a 2010	4º período 2011 a 2015
Ocorrências no <i>corpus</i>	87	38	145	113
Modificado por⁵⁸	Textual (5)	Tradutória (3)	Total (6)	Tradutória (2)
		Idiomática (3)	Semântica (6)	
Modifica⁵⁸	Quebra de (7)	Problema de (2)	Relação de (5)	Relação de (22)
	Noção de (4)	Definição de (2)	Conceito de (4)	Conceito de (5)

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Com base no quadro acima, observamos uma distribuição desigual do termo ‘equivalência’ ao longo dos períodos estudados, com uma concentração maior nos dois últimos períodos. No entanto, as lexis que modificam ‘equivalência’ giram em torno de ‘textual’ e ‘tradutória’, principalmente.

No primeiro período, o adjetivo ‘textual’ remete à dicotomia entre ‘equivalência textual’ e ‘correspondência formal’, de Catford.

Nos períodos 2 e 4, o foco de atenção dos autores quanto às referências à equivalência textual voltam-se para discussões de outros autores, como Mason e Toury,

⁵⁸ Os termos “modificado por” e “modifica” são utilizados pelo programa Sketch Engine. O primeiro significa “adjetivado” pelo termo que o segue, e o segundo, “adjetiva” o termo antecessor.

como no seguinte trecho em que Mason sugere uma nova interpretação para o enunciado de Toury, qual seja:

A equivalência tradutória ocorre quando um texto (ou item) na LF (língua fonte) e um texto (ou item) na LA (língua alvo) são relacionáveis a (a maior parte) das mesmas características relevantes. Tenho consciência de que "a maior parte" é uma expressão vaga, mas penso que esta é uma vagueza com a qual teremos que conviver (MASON, 1984, p. 209).

Há ainda menção a Menéndez, como em “o significado de equivalência tradutória é deslocado para uma suposta equivalência, segundo a qual, o sentido do texto traduzido nunca é idêntico ao do texto original”, e a Catford e Matthiesen, como no resumo que explicita o estudo que o artigo apresenta:

Este artigo investiga as relações de tradução dos sistemas interpessoais da gramática do português brasileiro e do inglês e seu comportamento no ambiente multilíngue, objetivando estabelecer as relações de equivalência tradutória do estrato gramatical no ambiente multilíngue para modelar recursos gramaticais (FIGUEREDO, 2015)

Ao longo dos períodos, houve uma alteração da menção à comparação de equivalência com correspondência (de Catford) para uma análise do sentido ou gramatical de outros autores.

No período 3, há um intervalo desses dois momentos de reflexão teórica da equivalência tradutória em que os autores se expressam a respeito da impossibilidade da equivalência total, como em “a equivalência total é inatingível” e “considerando que o sentido literal não existe, a equivalência total é impossível”. Nesse mesmo período, há uma discussão a respeito da tradução semântica, que relativiza a equivalência, não esperando que ela seja absoluta, o que está coerente com o argumento de inatingibilidade da tradução total. O argumento de que “essa corrente aborda a paráfrase em termos de semelhança, de proximidade, de equivalência semântica, e não em termos de identidade absoluta” mostra a relativização da equivalência.

No segundo período, há uma abordagem da equivalência idiomática, que se refere às culturas dos idiomas envolvidos na tradução. Veja no seguinte excerto a preocupação dos autores com a cultura nesse artigo sobre tradução de idiomatismos de Xatara, Riva e Rios, neste *corpus*:

Dessa maneira, na tradução de idiomatismos, procuramos encontrar o máximo número de elementos que sustentassem nossas escolhas sem,

contudo, esquecermo-nos de limites, muitas vezes intransponíveis. Por outro lado, ainda que encontrar uma equivalência idiomática pressuponha tais escolhas, é imprescindível que esta seja apoiada e cerceada pela cultura da comunidade interpretativa na qual o lexicógrafo/tradutor se insere e para a qual ele destina seu trabalho (XATARA; RIVA; RIOS, 2001).

No que se refere aos termos modificados por equivalência, enquanto os períodos 1 e 2 estão mais envolvidos em falar sobre os aspectos de quebra de equivalência e de problema de equivalência, os períodos 3 e 4 estão mais preocupados em debater teoricamente as relações de equivalência.

Assim, observamos que no 1º e 2º períodos “quebra de” e “problema de” são coocorrências mais enfatizadas, como em “Aurélio e Rónai incorrem numa quebra de equivalência parecida com outra já comentada neste trabalho, ao traduzirem ‘she looked like a clairvoyante’ por ‘olhava como uma clarividente’”, no qual o autor do trabalho mostra o que ele mesmo avalia como um erro na tradução, e não apenas como uma quebra de equivalência. Esse trabalho refere-se a uma análise de duas traduções de um mesmo original. O autor baseia-se nos critérios de Walter Carlos Costa para avaliar traduções, em que ele argumenta que ‘quebras de equivalência textuais: [são] omissões, inserções e erros’.

Quanto a ‘problema de equivalência’ no 2º período, fica clara a intenção de distinguir equivalência, como uma noção geral, de equivalência textual, sendo que o primeiro parece ter recebido mais atenção. Nos dois períodos finais, como modificadora de ‘relações de’, a equivalência demonstra uma volta a Catford e às distinções que ele faz de equivalência e correspondência, como em ‘empregou-se a tradução como ferramenta metodológica na investigação do contraste linguístico, utilizando as relações de equivalência em tradução, correspondência formal e mudança na tradução’.

Como ponto convergente de todos os períodos, observamos a preocupação em tratar da noção, definição ou conceito de equivalência, ou seja, para começar a falar do tema, é necessário definir o que se entende a seu respeito. Aqui houve uma evolução na forma de apresentar os estudos, das primeiras limitadas a poucos autores às últimas com uma visão mais ampla de conceitos de equivalência a partir de vários teóricos. O primeiro período baseia-se em dois autores: José Paulo Paes e Laranjeira. Apresenta as noções de Paes de que equivalência com o original ‘é o estado possível noutro idioma que não aquele em que foi concebida por seu autor’; bem como as de Laranjeira e Paes

de que a equivalência ‘rejeita, com as ilusões da transparência e da identidade absoluta, as do “estado estável do original” e da “oposição entre criador e tradutor”’.

No segundo período, observa-se apenas um autor (Toury), cuja definição considera o texto alvo e não o texto fonte como objetivo das pesquisas e diz que a “equivalência tradutória ocorre quando um texto (ou item) na LF (língua fonte) e um texto (ou item) na LA (língua alvo) são relacionáveis às mesmas características relevantes (ou pelo menos a algumas dessas características)”.

Por outro lado, nos dois últimos períodos, os autores dos artigos se preocupam em fazer um apanhado de opiniões de diversos autores (Nida, Labov, Menéndez, Catford, Oliveira) para emitir suas conclusões sobre os diversos conceitos de equivalência.

Assim, observa-se uma mudança na abordagem de ‘equivalência’ diacronicamente ao longo dos períodos, em que se passa de uma comparação dos termos ‘equivalência’ e ‘correspondência’, baseado em Catford, para uma análise do sentido de ‘equivalência’ por outros autores.

4.3.2 ‘Texto original’, ‘texto de partida’, e ‘texto fonte’

‘Texto original’, ‘texto de partida’ e ‘texto fonte’ são termos para o texto que serve de base para a elaboração de uma tradução. Referem-se ao texto a ser traduzido, sobre o qual o tradutor se debruça para iniciar o processo de tradução, sendo que texto original e tradução devem ter os mesmos valores linguísticos e culturais para que a tradução seja considerada representativa do original. Todos esses termos são variantes conceituais.

Foram 261 as ocorrências de ‘texto original’, 161 as de ‘texto de partida’ e 29 as de ‘texto fonte’ ao longo de todo o *corpus*. Elencamos, no quadro 10, o número de ocorrências desses termos, que analisamos a seguir:

Quadro 10 - Dados sobre ‘texto original’, ‘texto de partida’ e ‘texto fonte’

<i>Subcorpora</i>	1º período 1996 a 2000	2º período 2001 a 2005	3º período 2006 a 2010	4º período 2011 a 2015	Total de ocorrências
Texto original	75	64	68	54	261
Texto de partida	29	26	58	48	161
Texto fonte	3	11	9	6	29

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Diacronicamente, ‘texto original’ mostra-se leve e constantemente decrescente no uso ao longo dos quatro *subcorpora*, enquanto ‘texto de partida’ tem uma marcada ascensão e ‘texto fonte’, que nunca foi muito usado, apresenta uma variação de alta no segundo período em relação ao primeiro e de queda constante nos dois últimos períodos.

O decréscimo do uso de ‘texto original’ e o aumento do uso de ‘texto de partida’ deve-se ao entendimento que se faz deles. Há uma alteração do entendimento do que representa o texto do qual se parte para realizar uma tradução. Para Benjamin, a tradução é uma cópia, uma réplica, deve ser transparente e não bloquear a luz do original. Benjamin valoriza o original, e chega a dizer que o original não deve ser ocultado pela tradução, como no excerto do *corpus* ‘Walter Benjamin, que diz que "[...] a tradução literal é transparente, não oculta o original; não rouba sua luz".’ Para Benjamin, há um ponto de origem para a tradução e a maioria dos seus intérpretes entende que:

o conceito de origem designaria um lugar privilegiado no qual se dá uma negação da modernidade, porque nele convergem tanto o impulso restaurador como o desejo vanguardista que caracterizam a filosofia benjaminiana de história. O conceito de origem, como o entende Benjamin, exige tanto um retorno a uma harmonia anterior como uma reconsideração utópica deste momento perdido (VIEIRA, 1996).

No seu livro *A linguistic theory of translation*, Catford menciona uma ‘source language’ e uma ‘target language’ e suas siglas ‘SL’ e ‘TL’ e se refere muito pouco ao ‘original’. Da mesma forma, Nida preocupa-se em quanto do texto fonte o leitor ou tradutor entende e como faz uma representação eficaz do seu significado na outra língua (NIDA, 2001, p. 113). Esses autores, portanto, quando citados, carregam a menção a ‘texto fonte’ e ‘língua fonte’, ou ‘texto de partida’ e ‘língua de partida’, ambas traduções utilizadas para ‘source text’ e ‘source language’. A tradução literal de ‘source’ é ‘fonte’ e ‘língua de partida’ seria preferencialmente uma ‘starting language’ ou ‘originating language’, que não são usadas em inglês. Com esses autores, passa-se a utilizar mais ‘texto de partida’, ‘texto de chegada’. A preferência por esses termos em detrimento de ‘texto fonte’ e ‘texto meta’ não foi esmiuçada aqui, sendo necessário um estudo mais a fundo das traduções para elaborar sobre esse aspecto.

Assim, as opções de uso de um termo ou outro dependem da abordagem adotada pelo autor de cada artigo e mostram uma tendência a adotar mais ‘texto de partida’ quando se faz essa distinção de importância entre um texto (de partida) e outro (de chegada), e mais ‘texto original’ quando o autor se incomoda menos com essa (des)valorização de um em relação ao outro.

Os entendimentos dos termos ‘texto original’ e ‘texto fonte’ portam um sentido de que o texto traduzido deve algo a sua origem, a sua fonte, a partir da qual ele foi produzido. Da mesma forma, a tradução não consegue trazer uma equivalência com o original, pois os valores das leixias e termos das línguas em que são escritos, por mais semelhantes que pareçam, são diferentes. Essa dicotomia original/tradução é portadora de um entendimento de inferioridade da tradução em relação à superioridade do original.

Por outro lado, as denominações ‘texto de partida’/‘texto de chegada’ e ‘texto fonte’/‘texto meta’ buscam romper com essa desigualdade de valoração dos produtos e entender a tradução como uma transformação do original, nem inferior nem superior a ele. Pym (2011, p. 92) sugere que utilizemos o termo ‘texto de início’ (*start text*) para aquele do qual se começa uma tradução, argumentando que um “termo mais lógico, infelizmente nunca utilizado, seria ‘texto de início’ (TI), que pelo menos indica que estamos apenas falando sobre o texto a partir do qual o processo de tradução começa.”⁵⁹ (tradução nossa).

Quanto ao número de ocorrências, observa-se um maior uso de ‘texto original’ do que das seus concorrentes ‘texto de partida’ e ‘texto fonte’. Entretanto, o programa Sketch Engine fornece um *score* mais alto para ‘texto de partida’ (144,44) do que para ‘texto original’ (139,25), sendo que ‘texto fonte’ recebeu *score* 27,78, bem abaixo dos dois primeiros. Esse *score* maior para ‘texto de partida’, embora tenha 100 ocorrências a menos do que ‘texto original’, deve-se à comparação feita pelo programa com as ocorrências desses termos em *corpora* de língua geral em língua portuguesa. Assim, ‘texto de partida’ é um termo muito mais raro em *corpora* de português do que ‘texto original’, sendo, portanto, mais específico da linguagem de especialidade da Tradução do que este último. Ou seja, ‘texto original’ se usa na língua comum para se referir a um texto não traduzido, mas ‘texto de partida’ se usa basicamente na área de Tradução para

⁵⁹ “A more logical term, unfortunately never used, would be “start text” (ST), which at least indicates that we are only talking about the text from which a translation process begins.”

se referir ao mesmo conceito. Já ‘texto fonte’, também típico da área de Tradução, é bem menos utilizado em ambos os ambientes, de língua comum e da área de especialidade da Tradução.

Qualitativamente, pode-se comentar sobre a relação de cada um desses termos com seu correspondente na outra ponta da tradução, ou seja, no texto que produziu a tradução. ‘Texto de partida’ coocorre muito mais comparado a ‘texto de chegada’ e poucas vezes a ‘texto traduzido’, enquanto ‘texto original’ se relaciona com ‘texto traduzido’, e ‘texto fonte’ contrapõe-se a ‘texto alvo’ ou ‘texto meta’. Pode-se, ainda, observar que o termo ‘tradução’, quando posposto aos termos trabalhados nesse item, adquire o sentido de texto de chegada, traduzido ou alvo.

Para fins de exemplificação, apresentamos a frase abaixo (de 1998, portanto, do primeiro período estudado) que traz, além dos termos apontados, menção a ‘relação’, ‘texto’, ‘contexto’, ‘texto-fonte’ e ‘texto-alvo’ e é representativa da terminologia adotada na tradução quando se faz a comparação dos textos envolvidos nesse trabalho: ‘A relação entre o texto de partida e o texto de chegada implica também um estudo sobre a relação entre texto e contexto, tanto no que se refere ao texto-fonte, como ao texto-alvo.’

No seguinte exemplo, ainda do primeiro período (1997), a palavra ‘relação’ ocorre duas vezes, uma junto a ‘texto original’ e ‘texto traduzido’, e outra se referindo às expressões numa língua e o referente dessa expressão na outra. Observa-se, dessa forma, a constante correlação entre os textos original e traduzido, como no excerto: ‘Quanto à questão da relação entre o texto original e o texto traduzido, também aqui recaímos sobre um fato pesquisado na Linguística, ou seja, qual é a relação entre as diferentes expressões em uma língua com aquilo que elas expressam?’ para o que o próprio texto dá uma resposta, ao dizer que se ‘faz uma interessante explanação: para que se possa esclarecer a relação entre os meios de expressão de duas línguas precisamos de um terceiro elemento (*tertium comparationis*) que viria a ser exatamente a significação a ser mantida constante’, explicação que continua ao longo do parágrafo.

Ao longo do tempo, houve uma leve alteração da menção às principais lexias em coocorrência com os termos estudados nessa sessão: ‘relação’, ‘fidelidade’ e ‘fiel’. Ao se tratar de ‘texto original’ e ‘texto de chegada’ e suas variantes, é impossível não mencionar a ‘relação’ entre eles, entretanto, observou-se um maior interesse na fidelidade nos três últimos períodos, o que não se observou, nenhuma vez, no primeiro.

‘Fidelidade’ e ‘fiel’ não são termos representativos do primeiro período em coocorrência a texto original, de partida e fonte.

Já no segundo período (2001 a 2005), ‘fidelidade’ ocorre cinco vezes e ‘fiel’ três vezes sempre junto a ‘texto original’, mas não ocorre junto aos outros dois termos. As ocorrências referem-se a ser fiel, a não ser fiel ou a não se preocupar em ser fiel, como se pode ver nos seguintes excertos: ‘manter máxima fidelidade ao texto original’, ‘nenhuma tradução é totalmente “fiel” ou “infiel” ao texto original’, e ‘explica também por que nesses dois casos a fidelidade ao texto original não o preocupava em absoluto’. Entre 2006 e 2010, terceiro período, ‘fidelidade’ está presente e é alternada com ‘literalidade’, ‘integralmente’, ‘palavra-por-palavra’ e ‘identidade absoluta’ para expressar o quão fiel o ‘texto traduzido’ e suas variantes são ao ‘texto original’ e suas variantes. Os seguintes exemplos demonstram essas ocorrências e questionam a imperatividade, a necessidade ou a impossibilidade de ser fiel: ‘Como haver uma identidade absoluta (fidelidade) entre o texto fonte e o texto traduzido...’, ‘a necessidade de ser fiel ao texto original’ e ‘o tradutor deve se preocupar em: [...] interpretar rigorosa e integralmente o texto de partida, palavra por palavra, vírgula por vírgula, frase por frase...’.

Quanto ao último período, apenas no que se refere a ‘texto de partida’ houve ocorrências com ‘fidelidade’ e ‘fiel’, como no seguinte exemplo: ‘Não cabe à tradução ser fiel ao texto de partida, mas, por assim dizer, elevá-lo a um estágio mais definitivo da língua’. Junto aos demais termos, voltou a haver mais coocorrências com ‘relação’, como em ‘as outras concepções consistem em qualidades opostas da relação entre o texto fonte e o texto alvo.’ Além disso, a necessidade de criar formas de expressão diferentes para se referir a (in)fidelidade se mostra também presente, como nas expressões ‘descompassos sutis’ e ‘semanticamente desiguais’ no excerto: ‘Uma leitura atenta do texto de partida e de sua tradução desvenda descompassos sutis. De fato, percebem-se como semanticamente desiguais.’.

De uma forma geral, observou-se que, tanto se referindo a ‘relação’ quanto a ‘(in)fidelidade’ ou a ‘fiel’, a temática na comparação dos termos ‘texto de partida’, ‘texto original’ e ‘texto fonte’ envolve seus respectivos opostos ‘texto de chegada’, ‘texto traduzido’ e ‘texto alvo’ ou ‘texto meta’ e a discussão que se estabelece sobre eles.

4.3.3. ‘Processo tradutório’ e ‘ato tradutório’

‘Processo tradutório’, e sua variante conceitual menos utilizada, ‘ato tradutório’, referem-se ao que o tradutor faz ao traduzir e envolve desde uma análise do objeto a ser traduzido (o original) e sua compreensão até a escritura final (e criativa) da tradução, bem como todas as operações entre esses dois momentos para a produção de sentido no discurso. O processo tradutório envolve a gramática, o léxico, o texto original como um todo e o texto final traduzido, bem como o autor do texto original e o tradutor, as estratégias cognitivas, o conhecimento de idiomas, as habilidades do tradutor, entre outros.

Como exemplos da semelhança do entendimento sobre processo e ato tradutórios temos os seguintes excertos do *corpus*: ‘o processo tradutório não se atém no ato individual do tradutor, mas é um processo “de relação de sentidos e de produção de discursos, que surge a partir de condições sócio-históricas de produção”’ (de 2014) e ‘dentre as complexidades que o ato tradutório envolve, estão questões referentes à manutenção do sentido, dos efeitos e da mensagem e também o papel ativo do tradutor’ (de 2007).

‘Processo tradutório’ tem 147 ocorrências ao longo de todo o *corpus* e ‘ato tradutório’ tem 62, distribuídos ao longo dos quatro *subcorpora*, conforme o quadro 11:

Quadro 11 - Dados sobre ‘processo tradutório’ e ‘ato tradutório’

<i>Subcorpora</i>	1º período 1996 a 2000	2º período 2001 a 2005	3º período 2006 a 2010	4º período 2011 a 2015	TOTAL
Processo tradutório	53	18	27	49	147
Ato tradutório	19	10	15	18	62

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Inicialmente observa-se uma ocorrência muito maior de ‘processo tradutório’ do que de ‘ato tradutório’, sendo que no primeiro período ocorre mais do que o dobro de vezes do que no segundo. Isso já demonstra uma preferência por ‘processo’ em detrimento de ‘ato’. Há, entretanto, uma maior menção a ambos os termos no primeiro período, seguida de uma redução no segundo e uma leve retomada da discussão sobre eles no terceiro período. No quarto período do *corpus*, observamos que ‘processo tradutório’ tem quase o dobro de menções do terceiro período e é bem mais mencionado

do que ‘ato tradutório’, o que demonstra haver uma grande preferência por esse termo. Entretanto, também se vê um leve crescimento da menção a ‘ato tradutório’.

Quanto à análise qualitativa, primeiramente, devemos notar a mudança de abordagem da tradução de uma que a vê como resultado para outra que a entende como processo (ato), cujo momento não pudemos identificar no *corpus* estudado (pode ter ocorrido antes do período desse *corpus*). Pode-se perceber essa mudança por meio de excertos do *corpus*, como na sentença a seguir, de 2007 (terceiro período), que demonstra a mudança de discussão sobre a tradução, que passa de entendê-la como ‘resultado’, para uma análise de todo o processo ou ato tradutório: ‘Também é possível identificar, nessas primeiras resenhas, indícios de uma distinção entre duas perspectivas críticas: uma que se volta para a discussão do texto traduzido em si, como resultado do trabalho do tradutor; e outra que se volta para a discussão do projeto de tradução.’.

Da mesma forma, estudos realizados estão interessados em observar os resultados de traduções com base nos processos de tradução de profissionais e de estudantes, como indica o seguinte trecho do segundo período: ‘Seu objetivo era a comparação do processo da tradução do tradutor profissional com os resultados obtidos do processo da tradução de estudantes de língua estrangeira de um estudo anterior’. Nesse segundo período, os termos apresentam a relação mais próxima de todo o *corpus*.

Abordagens diferentes do estudo da tradução foram denominadas de ‘processo’ (que demonstra um aspecto durativo, ou seja, ocorre ao longo de etapas) e de ‘ato’ (que apresenta um aspecto pontual). Observamos semelhanças entre eles, como se pode ver nesse excerto do *corpus*, de 2007 (OLIVEIRA, 2007), que descreve o processo de tradução enfatizando as interferências cultural e pessoal do tradutor, bem como as situações pelas quais o tradutor passa, e as manipulações que o texto sofre, até chegar ao texto final traduzido que tem “vida própria”:

O conhecimento toma uma roupagem mais flexível, que admite interferências culturais e pessoais.

Nessa linha, a ênfase é dada à recepção do texto traduzido e às situações que envolvem o tradutor durante o processo tradutório. A manipulação do texto pelo tradutor é tida como característica da atividade e, portanto, algo que deve ser reconhecido. O texto traduzido ganha vida própria, rompe as barreiras que o limitavam a texto secundário e torna-se fato histórico por si só (OLIVEIRA, 2007).

Para demonstrar como processo e ato se mesclam na sua correspondência, trazemos o excerto do texto de Rodrigues (2002), que apresenta ambos os termos:

A análise evidencia da mesma forma que o processo da tradução tem uma complexidade muito grande e pode ser analisado de diversas formas, como fizeram os inúmeros autores que investigaram o processo da tradução. Tal complexidade confirma a tese principal da abordagem processual da tradução que o tradutor é uma figura principal na construção do ato tradutório.

Essa variação de uso de ‘processo tradutório’ e de ‘ato tradutório’ denota que o principal termo utilizado é o primeiro e que o segundo é mencionado como variação ou um termo alternativo àquele, embora tenham aspectos diferentes. Alguns artigos têm como parte de seu título o termo ‘processo tradutório’ como em: ‘*O processo tradutório na campanha “Rosie the riveter”: a questão da visibilidade do sujeito com deficiência*’ (quarto período) e ‘*Investigando o processo tradutório*’ (primeiro período), mas não se encontrou um título com ‘ato tradutório’, o que já demonstra uma ênfase na opção pelo primeiro e menos pelo segundo.

Além disso, alguns textos, embora não tragam esses termos no título, utilizam mais ‘processo tradutório’ do que ‘ato tradutório’, como nos artigos “*Investigando o processamento cognitivo de tradutores profissionais em tradução direta e inversa no par linguístico inglês-português*” e “*Heterogeneidade e função do tradutor*” e, em alguns outros, em que predomina o uso de ‘ato tradutório’, como em “*Por uma topologia da tradução ou por re-constelações tipológicas*” (primeiro período) e “*A abordagem processual no estudo da tradução: uma meta-análise qualitativa*” (segundo período).

Em texto de 1997, que aborda os processos mentais que ocorrem ao longo da tarefa de tradução, o autor defende que ‘seria de muita utilidade que tradutores em formação fossem conscientizados a respeito das etapas mentais durante o ato tradutório para que dessa forma possam tomar decisões de tradução coerentes com o funcionamento de seus mecanismos cognitivos’.

Quando se observam no processo tradutório ou ato tradutório os papéis semânticos de L’Homme (ver item 2.1.2.1), percebe-se a seguinte menção a eles, como no quadro 12:

Quadro 12 – Papéis semânticos, segundo L’Homme e exemplos no *corpus*

Papel semântico segundo L’Homme	O que representa, de acordo com L’Homme	Exemplo com ‘processo tradutório’ no <i>corpus</i>	Exemplo com ‘ato tradutório’ no <i>corpus</i>
Agente	Ator que origina a ação expressa pelo termo ou o papel semântico responsável pela existência de uma unidade. Nesse caso, o papel semântico é o tradutor.	“é possível discutir pontos como a posição política do <u>tradutor, seu papel social, sua melancolia</u> e o próprio processo tradutório” (quarto período). “O <u>tradutor</u> não é um intermediador, é mais um sujeito envolvido no processo e, assim como o autor e o leitor, é um lugar social, que está presente e transformado pelas formações imaginárias no discurso produzido durante o processo tradutório, que se materializa no texto da tradução.” (primeiro período).	“Ao contrário de <u>tradutores profissionais</u> que possuem uma alto grau de confiança e auto-estima durante o ato tradutório, <u>tradutores em formação</u> apresentam muitas vezes um comportamento ingênuo.” (segundo período).
Paciente	Ator que submete uma ação, sobre a qual a ação acontece. O paciente é o texto original.	“O processo tradutório começa com uma análise profunda sobre o <u>objeto a traduzir</u> (compreensão do sentido, do autor, e conhecimento da matéria)” (terceiro período)	“aborda alguns aspectos instigadores do ato tradutório relacionado à <u>obra desta autora</u> ” (quarto período)
Destinação	Papel para o qual uma atividade é destinada, para o qual se projetou uma atividade. A destinação é o texto final.	“O tradutor não é um intermediador, é mais um sujeito envolvido no processo e, assim como o autor e o leitor, é um lugar social, que está presente e transformado pelas formações imaginárias no <u>discurso produzido</u> durante o processo tradutório, que se materializa no texto da tradução. (primeiro período).	Derrida usa o termo em francês seguido de <i>Destruktion</i> entre parênteses (cf. Derrida, 1987, p. 35 e 41), ou seja, desde o início, a <u>desconstrução é o resultado</u> de um ato tradutório. (quarto período)

Instrumento	Papel que retorna ao elemento necessário para realizar uma atividade. O instrumento, no nosso caso, é o processo em si.	“que o processo tradutório <u>vai muito além</u> de converter palavras” (quarto período) “aumento no número de investigações sobre o processo tradutório a partir do uso de softwares capazes de <u>monitorarem</u> todo o processo de produção do texto de chegada” (quarto período) O processo tradutório <u>princípio</u> na adoção de um modelo conceptual de tradução, <u>passando</u> por um correspondente processo de leitura-tradução, e na prática da tradução, até à recriação na língua de chegada de um texto que <u>servirá</u> para interpretações posteriores. (primeiro período)	“Não somente Krings (1986) identificou e classificou as <u>estratégias produzidas</u> durante o ato tradutório, mas também outros autores, como por exemplo Lörcher (1991)” (primeiro período) “O trabalho de Königs (1987) serviu para trazer ao debate científico algumas reflexões sobre <u>processos mentais</u> que seriam automatizados durante o ato tradutório e determinados processos mentais que não se encaixam dentro dessa rubrica.” (primeiro período)
-------------	---	---	--

Fonte: própria autora, com base em L'Homme (2004).

Quanto aos coocorrentes com ‘processo tradutório’, observou-se grande presença do advérbio de negação ‘não’ (o que não ocorreu junto a ‘ato tradutório’), principalmente, em dois tipos de referências, uma sobre o processo tradutório em si e outra sobre o tradutor nesse processo. Assim, no primeiro caso, do processo tradutório em si, os autores falam de ‘não explicar o’, ‘não existir no’, ‘não reflexão sobre’, ‘não menos crucial no’, ‘ferramentas não visam desempenhar o’ processo tradutório, apresentando um questionamento sobre o processo, apontando o que não se espera dele. Há ainda a percepção de que esse processo tradutório ‘não começa, nem termina’, e tem ‘lugar não entre duas línguas, mas no meio delas’, o que mostra uma percepção continuada do processo tradutório. Já na segunda referência, sobre o tradutor nesse processo, os autores citam o processo tradutório como uma influência no comportamento do tradutor, de modo que esse ‘não pode deixar de atentar’, ou o tradutor não ver o processo tradutório como ‘um ato de transferência’, focando no que se espera do tradutor e na sua visão do processo, suas limitações frente a esse processo.

Em pesquisas paralelas, observamos que Dolet foi um teórico de tradução que usou apenas ‘processo tradutório’ já no século XVI, mas, considerando-se que o entendimento dos termos não apresenta contraste e que houve uso de ambos os termos, ‘processo tradutório’ e ‘ato tradutório’, dentro dos textos como variação conceitual, não se tem conhecimento, neste *corpus*, de uma teoria de tradução que sugira o uso de um com argumentos contrários ao outro. Sendo esses termos concorrentes, visto que há predominância de ‘processo tradutório’, ele se mostra mais relevante do que ‘ato tradutório’, que serve como um variante para uma redação mais *rica*.

4.3.4 ‘Língua de chegada’, ‘língua meta’ e ‘língua alvo’

Língua de chegada é a língua para a qual uma tradução é feita. É a língua da tradução que se contrapõe, para fins de processo tradutório, à língua de partida ou original. Apresenta como termos de variação conceitual ‘língua meta’ e ‘língua alvo’.

Observa-se, no quadro 13, que ‘língua de chegada’ é o termo preferido em 75,4% dos usos, ficando ‘língua alvo’ com 15,7% e ‘língua meta’ com 8,7%. Além disso, houve pouca variação de uso desse termo preferencial, com um decréscimo no segundo período e apresentou-se maior equilíbrio em número de ocorrências diacronicamente.

Quadro 13 – Variação de denominação das línguas para os quais se traduz

	1º período 1996 a 2000	2º período 2001 a 2005	3º período 2006 a 2010	4º período 2011 a 2015	Total
Língua de chegada	28	19	32	30	86
Língua meta	1	0	8	1	10
Língua alvo	2	8	2	6	18

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Numa análise diacrônica, vê-se que a frequência de uso de ‘língua de chegada’ é maior em todos os períodos, sendo as suas variantes pouco utilizadas. Em uma análise mais detalhada, observa-se que os outros dois termos utilizados como opção terminológica para ‘língua de chegada’ são usados basicamente como variação, mas em menor frequência. Entretanto, em textos referentes a ‘língua de sinais’, há uma clara preferência pelas variantes ‘língua meta’, no terceiro período, e ‘língua alvo’, no quarto período.

No segundo período, houve uma frequência maior do uso de ‘língua alvo’ devido ao seu emprego em um texto referente a Elizabeth Bishop, no qual o autor utilizou também ‘língua de chegada’ e ‘língua receptora’ como variantes do seu termo preferido. Nesse caso, evidencia-se a opção do autor do texto para uso de ‘língua alvo’.

No texto sobre interpretação interlíngua de língua de sinais, no terceiro período do *corpus*, o autor utilizou ‘língua meta’ quatro vezes e não usou as suas variantes. Um exemplo desse uso é o excerto do *corpus* de 2008: “Pode-se dizer que a tradução é o termo geral que se refere a transformar um texto a partir de uma língua fonte, por meio de vocalização, escrita ou sinalização, em outra língua meta.”. Outros termos com a lexia ‘língua’ nesse texto foram ‘língua de sinais’, que ocorreu 50 vezes, por ser o assunto do artigo, mas também ‘línguas vocais’, a contraposição a ‘língua de sinais’ na linguagem oral, bem como ‘língua portuguesa’, seu contraponto no que se refere à língua de sinais escrita, e uma única vez ‘língua fonte’. O termo ‘língua portuguesa’ foi utilizado para representar a língua original também.

No último período, a autora do artigo sobre língua de sinais preferiu utilizar ‘língua alvo’ para se referir à ‘língua de sinais’, e não utilizou ‘língua meta’ nem ‘língua de chegada’. Os termos ‘língua fonte’ e ‘língua portuguesa’ foram utilizado três e quatro vezes, respectivamente, para se referir à língua da qual se parte para fazer a tradução em ‘língua de sinais’. Com esses dois exemplos, pode-se pontuar que ‘língua meta’ e ‘língua alvo’ são os termos preferenciais quando se fala de ‘língua de sinais’. Assim, dentro desse assunto, observa-se variação de uso apenas com esses dois termos em detrimento de ‘língua de chegada’.

A concorrência do uso dos termos fica mais evidente ao nos referirmos a determinados autores que demonstram preferência por um termo ou outro, como Susan Bassnett, que usa ‘*source language*’ e ‘*target language*’, traduzidos em português por ‘língua fonte’ e por ‘língua meta’ ou ‘língua alvo’, respectivamente, e Vinay e Darbelnet, com ‘*langue de départ*’ e ‘*langue d’arrivée*’, traduzidos por ‘língua de partida’ e ‘língua de chegada’. Ao se referir a Benjamin, fala-se de ‘*Original*’ e ‘*Übersetzung*’ (‘original’ e ‘tradução’, em português), preferências também de Barbosa. Os tradutores de Nida para o português preferiram dizer que “a tradução consiste em produzir na língua de chegada o equivalente natural mais próximo da mensagem da língua de partida, primeiramente quanto à significação, depois quanto ao estilo”, portanto, utiliza-se ‘língua de partida’ e ‘língua de chegada’ para falar desse autor.

Conforme se pode observar no quadro 14, o termo ‘língua de chegada’ foi provavelmente traduzido de textos oriundos do francês, uma vez que em inglês e alemão, ‘*target*’ e ‘*Ziel*’ são, literalmente, traduzidos por ‘alvo’ (com variação para ‘meta’). Assim, é uma preferência dos autores brasileiros utilizar ‘língua de chegada’ e não as variantes ‘língua meta’ e ‘língua alvo’, que seriam as traduções mais literais do inglês.

Quadro 14 - Comparativo de ‘língua de chegada’ em quatro idiomas

Português	Inglês	Francês	Alemão
Língua alvo	<i>Target language</i>	<i>Langue cible</i>	<i>Zielsprache</i>
Língua meta			
Língua de chegada		<i>Langue d’arrivée</i>	

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Além disso, deve-se mencionar que há coerência na combinação do par, nos artigos estudados, no uso de ‘língua de chegada’, com seu respectivo termo ‘língua de partida’, para citar o texto do qual se origina a tradução. Da mesma forma, quando se utiliza ‘língua meta’ ou ‘língua alvo’, seu correspondente da língua que origina a tradução é ‘língua fonte’ para ambos os termos.

4.3.5 ‘Texto de chegada’, ‘texto meta’ e ‘texto alvo’

“Texto de chegada’ é aquele produzido pelo tradutor a partir de um original e apresenta como variação os termos ‘texto alvo’ e ‘texto meta’. Esses termos são variantes conceituais, uma vez que dependendo do autor citado, se dá preferência por um ou outro termo. Entendemos que o transmitir o texto original para a nova língua, o texto de chegada passa por considerações semânticas, morfológicas, sintáticas entre outras, mas também deve se adequar às normas da língua de chegada.

Um trecho do *corpus*, de 2007, traz o entendimento de que “o papel do tradutor é compreender, interpretar e produzir o significado das palavras, fazendo com que o texto de chegada produza a mesma idéia e o mesmo efeito que o texto de partida.” Outro excerto de 2003, ainda, mostra a diferença entre a perspectiva dos tradutores romanos e a de São Jerônimo quanto ao foco no texto de partida ou de chegada:

Uma grande diferença entre o método de tradução dos romanos e o de São Jerônimo é a perspectiva. Enquanto aqueles enfocavam prioritariamente o texto de chegada, São Jerônimo põe a atenção no

texto de partida, no original, insistindo no respeito à *ueritas*, "con el sentido de mensaje exacto del texto de partida" (FURLAN, 2003).

Quanto ao número de ocorrências dos termos abordados aqui, temos que ‘texto de chegada’ é o que apresenta maior prevalência em todos os quatro *subcorpora*, sendo 87% (69) das menções no *corpus* total, e suas variantes, de ‘texto alvo’ e ‘texto meta’ têm, respectivamente, 17% (15) e 3,44% (3) de ocorrências, conforme o quadro 15:

Quadro 15 – Variação de denominação dos textos que produzem uma tradução

	1999 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015	Total
Texto de chegada	12	17	29	11	69
Texto meta	0	0	2	1	3
Texto alvo	1	4	1	9	15
Total	13	21	32	21	87

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Numa análise diacrônica, ao longo dos períodos, também se observa a maior ocorrência de ‘texto de chegada’ em todos os períodos, com um pico no terceiro (2006 a 2010), sendo que este termo nunca foi suplantado pelos demais. Pode-se notar que ‘texto alvo’ foi bastante mencionado no último período, chegando bem próximo ao número de ocorrências de ‘texto de chegada’, e a participação de ‘texto meta’ é pouco relevante no *corpus* como um todo.

Em todos os períodos, os autores que utilizam um dos termos, normalmente, não utilizam os demais, com algumas exceções em que empregam mais de um desses termos, como em Oliveira (2007 no *corpus*), que usa ‘texto de chegada’ ao falar sobre autores como Catford e Nida (em oposição a ‘texto de partida’), e ‘texto meta’ ao mencionar Toury (em oposição a ‘texto fonte’).

Em texto de 2005 (segundo período), ao se referir a Toury, o autor do artigo usa apenas ‘texto alvo’ e sua sigla ‘TA’ em oposição a ‘texto fonte’, em ‘Uma das mais completas é a de Toury, teórico da tradução conhecido por sua insistência em considerar o TA (texto alvo), ao invés do TF (texto fonte), como o foco das pesquisas em tradução’. Pode-se entender essa diferença da menção a Toury pela autora do excerto de 2007, como uma variação de tradução de ‘*target text*’, que pode ser traduzido tanto por ‘texto alvo’ quanto por ‘texto meta’.

Como exemplo do uso de ‘texto alvo’, trazemos a reflexão sobre o papel do tradutor, presente no excerto do *corpus*, de 2011, que mostra os dilemas desse

profissional situado num mundo moderno que tem o deslocamento como característica: o tradutor ‘é o profissional no entre-lugar, [...]: entre línguas, entre uma cultura e outra, entre o texto fonte e o texto alvo, entre o conhecimento e a intuição, entre ser o criador ou o canal, entre uma postura nacionalista ou estrangeirizadora’.

No último período, os artigos que se referem a ‘texto de chegada’ não mencionam ‘texto alvo’ ou ‘texto meta’ e vice-versa, exceto por um que não faz distinção entre dois termos, alternando as citações, e que apresentou três menções de cada um dos termos ‘texto de chegada’ e ‘texto alvo’, mas não citou ‘texto meta’.

Um texto de 2015 do *corpus* traz o entendimento sobre o melhor modo de traduzir para Calvino, que ‘sugere aqui que seu ideal tradutório é uma tensão (e atenção) constante à literariedade, alimentada por uma espécie de obsessão, capaz de levar a um texto de chegada vestido de trajes locais, sem rasgos capazes de revelar-lhe a origem.’ E outro texto, de 2014, fala da essência que deve ser traduzida para o ‘texto alvo’:

De forma abrangente, pode se dizer que, para os Estudos da Tradução, a equivalência consiste na base da relação entre um texto fonte, escrito num determinado idioma, e um texto alvo, escrito em outra língua para a qual o tradutor deve verter a essência do primeiro texto (PONTES e FRANCIS, 2014).

Esse tipo de variação encontrada entre as diversas formas de se falar de texto em tradução depende da preferência de teórico citado pelo autor do artigo. Há, portanto, uma propensão a utilizar um termo ou outro de acordo com os teóricos nos quais os autores dos artigos baseiam seus textos acadêmicos. Assim, dependendo da orientação do autor do artigo e dos termos utilizados pelo teórico sobre o qual estiver dissertando, os termos variarão.

Por exemplo, ao falar sobre Catford, utilizam os termos ‘texto fonte’ e ‘texto meta’ e respectivas línguas, da mesma forma como ao citar Susan Bassnett e Vinay e Darbelnet usam ‘*source language*’ e ‘*target language*’ e ‘SL text’ e ‘TL text’. Ao se referir a Benjamin, fala-se de ‘*Original*’ e ‘*Übersetzung*’ (original e tradução, em alemão), preferências também de Barbosa. E, quanto à tradução de ‘*target text*’ ocorre a variação de ‘texto alvo’ e ‘texto meta’, com clara preferência pelo primeiro.

4.3.6 ‘Tradução Literária’, ‘Tradução técnica’ e ‘Tradução científica’

Tradução literária é a tradução para outra língua de obras da literatura, sejam elas em prosa ou em verso. Conforme excerto de 1996:

G. N. Devy, que nos lembra que a tradução literária age em dois sentidos: como trabalho literário, para aqueles que não conhecem a obra original (a tradução ganha força de original); e como exercício de

tradução, para aqueles que têm acesso ao idioma no qual a obra foi concebida (MELLER, 1996).

E são muitos os aspectos a serem considerados nessa tradução, como se vê no trecho de 2012 desse *corpus*:

A tradução literária, ao lidar com todas as diferenças inerentes ao intercâmbio cultural e linguístico, se depara com inúmeros problemas ou dificuldades para o tradutor, quer sejam os relacionados à sugestividade do título, aos nomes próprios, à composição dos personagens e suas características em relação à cultura de chegada, dentre outras questões (FARIA; HATJE-FAGGION, 2012).

Tradução técnica e tradução científica referem-se a trabalhos de tradução de textos como manuais, relatórios, discursos, livros técnicos etc., para o primeiro tipo, e teses, artigos, livros científicos etc., para o segundo grupo e tem uma forte relação com a Terminologia, como atenta o excerto do *corpus* de 2013: ‘conforme observaram Krieger & Finatto (2004), “[...] a Terminologia mantém uma relação estreita e de longa data com a tradução técnico-científica, por isso a troca de experiências entre ambas é algo quase natural”.’ Esses três tipos podem trazer características comuns, mas são distintos na atividade tradutória por exigirem conhecimentos diferentes.

Foram as seguintes as ocorrências de ‘tradução literária’, ‘tradução técnica’, ‘tradução científica’ e ‘tradução técnico-científica’ nos quatro *corpora* estudados (Quadro 16):

Quadro 16 – Dados sobre ‘tradução literária’, ‘tradução técnica’, ‘tradução científica’ e ‘tradução técnico-científica’

<i>Subcorpora</i>	1º período 1996 a 2000	2º período 2001 a 2005	3º período 2006 a 2010	4º período 2011 a 2015	Total
Tradução literária	11	8	73	22	114
Tradução técnica	15	0	11	0	26
Tradução científica	1	0	0	0	1
Tradução técnico-científica	0	0	1	1	2

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Nota-se uma menção bem mais significativa de ‘tradução literária’ do que de ‘tradução técnica’ nesse *corpus* e uma menção irrisória de ‘tradução científica’ e de

‘tradução técnico-científica’. Diacronicamente, percebe-se que no terceiro período houve um salto nas citações de ‘tradução literária’ e que o período mais promissor para ‘tradução técnica’ foi o primeiro. Há, portanto, uma desvalorização de estudos de tradução técnica ou científica e uma nítida preferência por tradução literária.

As duas únicas citações de ‘tradução técnico-científica’ em todo o *corpus* estudado resumem-se aos dois últimos períodos. No terceiro período, o termo refere-se a um estudo a respeito das disciplinas ofertadas no curso de tradução da PUC-Rio. Há uma única menção ao termo, que não é reproduzido nem mesmo como ‘tradução técnica e científica’, opção que buscamos pesquisar para verificar se havia alguma variação. Nesse estudo, o autor analisa a mudança ocorrida no curso de Tradução com o acréscimo de Introdução à Tradução, Tradução Técnico-Científica, Tradução de Ficção e Teorias de Tradução, bem como de outras três disciplinas optativas.

Já no quarto período, a menção à ‘tradução técnico-científica’ vem da área da Terminologia com a sugestão de que tradução técnica e tradução científica têm uma estreita relação. Aqui também não se observou a menção a ‘tradução técnica e científica’ como variação desse termo.

Com tão poucas menções ao termo, não se pode falar de uma evolução diacrônica dele nesse *corpus*, visto que apenas duas citações nos últimos períodos, comparadas a nenhuma nos dois primeiros e, mesmo assim, sem foco na análise desse tipo de tradução, nos mostram que o interesse não está relacionado a esse assunto.

A única citação de ‘tradução científica’ no *corpus* está no primeiro período e relaciona-se à tentativa de sistematização de estudo da Tradução, em que a autora propõe vários critérios lógicos para a organização do estudo nesse curso: por tradutores, por épocas, por funções e por tipologias. A autora cita a tradução científica como uma das possibilidades, conforme se pode ver no excerto:

Pode-se organizar a tarefa usando os critérios de: tipologias de texto (tradução de prosa literária, tradução de poesia, tradução técnica, tradução científica, etc.); tradutores (Cícero e Horácio, São Jerônimo, Etienne Dolet, Sir John Denham, Dryden, Tytler, Hülderlin, Schleiermacher, Goethe, etc.); épocas (a tradução na Antiguidade, na Idade Média, no Neo-classicismo, no Romantismo, no Modernismo, no Pós-Modernismo); funções (enriquecimento da língua e literatura vernáculas, inclusive através da introdução de inovações quanto a gênero e estilo); evangelização e difusão no estrangeiro de uma

determinada cultura; contato com o cânone universal, etc. (MARTINS, 1996).

No primeiro período, das quinze ocorrências de ‘tradução técnica’, onze são de um único artigo de Azenha Júnior, de 1996, que escreve especificamente sobre o estudo e as considerações desse tipo de tradução. O autor propõe discutir o *status* desse tipo de tradução e suas características para melhor entendê-la, bem como a sua importância e seu papel social, questionando o pouco estudo desse tipo de tradução e os equívocos cometidos na área, que fica muito restrita a discussões terminológicas e semânticas. É uma pena que, mesmo com esse denso artigo de reflexão, não se tenham produzido outras análises e discussões a respeito da tradução técnica por mais de uma década nesta revista. Os próximos artigos que citaram esse termo vieram apenas em 2007 (terceiro período do nosso *corpus*).

Como exemplo da desvalorização da tradução técnica, apresentamos essa frase de Azenha Jr.: ‘Até bem recentemente, as aulas de tradução técnica – e incluo aqui minha própria formação ao longo da década de 80 –, quando não eram vistas como um “mal necessário” na formação de tradutores, ocupavam uma parte pouco significativa da carga horária dos cursos’, o que revela há quanto tempo a tradução técnica recebe menos consideração do que a literária nos cursos de Tradução no Brasil.

Das onze citações de ‘tradução técnica’ no terceiro período, sete referem-se a um único artigo que analisa os cursos de tradução no Brasil e cita as disciplinas ofertadas. Assim, esse artigo traz referências ao termo citando as modalidades de tradução abordadas no curso da PUC-Rio, mas não fala da tradução técnica em si. A autora deixa claro que o principal foco do ensino de tradução nessa Universidade era a área literária.

Nesse artigo de 2007 do *corpus* (terceiro período), a autora Maria Paula Frota enfatiza que

Para concluir os meus breves e parciais comentários sobre essa área tão complexa, creio que cabe dizer que, a continuarmos operando em nossa disciplina com a distinção tradução literária/tradução técnica, essa última vem há muito merecendo de nós maior atenção (FROTA, 2007),

o que se pode ratificar por meio do quadro 16, ao observar que todas as menções a ‘tradução técnica’ (26), ‘científica’ (1) ou ‘técnico-científica’ (2) mal chegam a um quarto das menções a ‘tradução literária’ (114).

Quanto à análise diacrônica do uso de ‘tradução técnica’ nesse *corpus*, temos a dizer que não se pode considerá-la como alvo de pesquisas constantes, muito menos relevantes, uma vez que o único artigo com ênfase nesse assunto foi aquele de 1996.

Já no que se refere ao número de ocorrências de ‘tradução literária’ nos *corpora*, observamos que no terceiro período há uma grande menção a ele, os dois primeiros mostram uma ocorrência menor e o último período tem um decréscimo em relação ao terceiro, mas um grande aumento se comparado aos dois primeiros.

A grande citação de ‘tradução literária’ no terceiro período deveu-se a um artigo que reporta sobre crítica de tradução literária. No quarto período, também se observam mais ocorrências de ‘tradução literária’ devido a artigos sobre crítica e prática desse tipo de tradução, o que não ocorreu nos dois primeiros períodos. Esse excerto de artigo sobre as disciplinas de curso de tradução mostra que ‘Introdução aos Estudos da Linguagem, Prática de Tradução de Ficção de Consumo, Prática de Tradução para Cinema, Prática de Tradução para Vídeo, [...] , Prática de Tradução Literária’, são algumas das ênfases nos cursos.

Artigo de 2007 mostra a importância da tradução literária ao longo da história da tradução, como se observa no trecho:

Começo pela área que se convencionou chamar de tradução literária, cujos estudos atravessam os séculos e que se mantém por isso mesmo extremamente forte, com o mais rico acervo de discussões teóricas e conceituais relativas à atividade tradutória e às diversas esferas que ela envolve (FROTA, 2007).

Como vimos, o termo ‘tradução literária’ aparece 114 vezes no *corpus* estudado, das quais, em 44 vezes coocorre com a palavra ‘crítica’ nos dois últimos períodos observados. Dessas, em 34 ocorrências a lexia ‘crítica’ vem imediatamente seguida de ‘tradução literária’, mostrando a relação direta dessa lexia com esse termo. Isso mostra tanto uma característica dos artigos dessa revista, principalmente referentes à tradução literária, quanto a relação direta de ‘crítica’ com ‘tradução literária’ e não com a tradução técnica ou científica, que não sofre crítica de pesquisadores – mas de editoras, autores e colegas de trabalho. As críticas de traduções técnicas e científicas ficam restritas ao meio profissional, não sendo pesquisadas pela academia, principalmente porque os pesquisadores não têm acesso a elas, exceto se eles próprios forem tradutores técnicos ou científicos. Pela sua relevância, o termo ‘crítica de tradução’ receberá uma análise em separado.

Com base nos resultados de menções desses termos no *corpus* e das disciplinas mais oferecidas nos cursos de Tradução, fizemos uma busca com termos relacionados a tradução literária e a tradução técnica ou científica a fim de confirmar se o *corpus* estudado tem alguma inclinação para um ou outro tipo de tradução. O quadro 17 nos traz os dados levantados ao longo dos quatro *subcorpora* estudados.

Quadro 17 – Levantamento de ocorrências de tradução literária ou técnica e científica

Termo	1996 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015	Total
Tradução literária	11	8	73	22	114
Tradução de literatura	0	0	0	1	1
Tradução poética	11	9	19	2	41
Tradução de poesia	8	2	6	5	21
Tradução técnica	15	0	11	0	26
Tradução científica	1	0	0	0	1
Tradução técnico-científica	0	0	1	1	2
Tradução intersemiótica	16	1	5	38	60

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Analisando esses dados, observamos que, somando-se os quatro primeiros termos referentes a literatura e poesia, são 198 ocorrências ao longo dos quatro períodos, enquanto, se somarmos as outras três ocorrências referentes a técnica e científica, obteremos 29 menções apenas. Com isso, já podemos constatar que o foco maior dos textos deste *corpus* está na tradução literária. No terceiro período, foi mais significativa a ocorrência de termos da literatura, com 98 menções, enquanto que o período com mais menções à área técnica ou científica foi o primeiro, com 16 citações, que ainda ficaram aquém das citações a literatura que, nesse primeiro período, somaram 30 ocorrências. Com isso reforçamos o entendimento de que este *corpus* caracteriza-se como preferencialmente ligado a assuntos literários do que a técnicos ou científicos, o que já havia sido constatado em estudo publicado na revista *Cadernos de Tradução*, em 2007, e que faz parte deste *corpus*: ‘A tradução literária, tanto de prosa quanto de poesia, também apresenta um número bastante significativo de produções publicadas no periódico *Cadernos de Tradução*’.

Temos ainda as ocorrências relativas à tradução intersemiótica, que aparece 16 vezes no primeiro período e se intensifica no último, chegando a 38 citações, e que será estudado em outro tópico.

Dada a grande diferença de estudo de tradução literária ou técnica e científica no nosso *corpus*, utilizando a ferramenta *Keywords/terms* do Sketch Engine, fizemos um levantamento dos principais termos ou lexias relacionados a eles.

Os seguintes termos foram selecionados a partir dos dados fornecidos pelo programa e elencados como sendo representativos de termos literários e técnicos ou científicos, a fim de observar como se relacionam os textos literários neste *corpus*. No quadro 18, estão os termos e, entre parênteses, as pontuações da ferramenta que avaliam a relevância do termo no *corpus*:

Quadro 18 – Comparativo de ocorrência de termos literários ou técnicos e científicos

Termos literários (<i>score</i> *)	Termos técnicos ou científicos (<i>score</i> *)
Hexâmetro (49)	<i>Corpus</i> (40)
Rima (48)	Lexicográfico (42)
Aliteração (47)	Tradução técnica (22)
Estrofe (45)	Wordsmith tools (20)
Tradução literária (93)	Textos técnicos (20)
Crítica de tradução (54)	
Tradução poética (35)	
Crítica de tradução literária (24)	
Tradução cultural (23)	

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

*O *score*, entre parênteses, é a pontuação atribuída pelo programa ao termo/palavra e não corresponde ao número de ocorrências de termos e palavras, mas à relevância deles no *corpus* estudado em comparação a *corpora* não específicos de tradução.

Além de termos como ‘hexâmetro’, ‘rima’, ‘estrofe’, ‘tradução poética’, ‘crítica de tradução’ serem relacionados à tradução literária, eles apresentam mais ocorrências do que aqueles referentes à tradução técnica ou científica como ‘*corpus*’, ‘lexicográfico’, ‘textos técnicos’. Com essa demonstração de termos específicos de determinada área, evidencia-se a importância maior dada à área literária nos artigos desse *corpus*, em detrimento da área técnica ou científica da tradução. Os termos relativos a Linguística de Corpus (*corpus* e Wordsmith tools, este último um programa de LC), bem como a lexicografia, foram inseridos na parte técnica por pertencerem a

instrumentos de análises utilizadas principalmente na tradução prática e na elaboração de dicionários.

Ao longo dos quatro períodos, o que se pode concluir é que a tradução técnica teve momentos muito específicos no primeiro e terceiro períodos, que as traduções literária e poética são predominantes e apresentaram um auge no terceiro período e que a tradução intersemiótica se mostra em ascendência no quarto período.

Com isso, enfatizamos a grande necessidade de ampliar estudos relacionados às áreas técnica e científica nos cursos de tradução no Brasil, uma vez que academia, empresas, indústrias, governo, finanças, comércio, produtos, relações internacionais etc. estão todos relacionados aos estudos técnicos ou científicos e menos ligados à literatura. A dedicação aos estudos de terminologia, bem como de redação técnica e científica, entre outros, contribuirá para o aperfeiçoamento dos tradutores, e poderá ajudar a projetar o país num patamar mais elevado de conhecimento e relacionamentos acadêmicos, políticos e comerciais.

4.3.7 ‘Crítica de tradução’

A crítica de tradução é uma atividade que se manifesta na área literária, é exercida por profissionais de fora da área de tradução (principalmente por jornalistas) e tem ‘densidade, profundidade e extensão variadas’, servindo mais para ‘perpetuar a ideia de tradução como atividade detratora do original’, segundo Cardozo (2007) no nosso *corpus*. Conforme o tradutor e crítico de tradução literária Maurício Cardozo (2007, p. 17), a crítica de tradução:

É corrente como instrumento metodológico de trabalhos acadêmicos – embora nem sempre acompanhada de reflexões mais aprofundadas sobre sua natureza –, sobretudo em estudos de literatura comparada ou de recepção de literatura de língua estrangeira – para não mencionar aqui o seu valor metodológico na área dos estudos clássicos. Mas surge, por excelência, no corpo de resenhas literárias, como parte de uma prática de natureza notoriamente jornalística e de densidade, profundidade e extensão variadas, abrangendo desde os textos de caráter sinóptico, até os ensaios mais extensos, em revistas e suplementos culturais ou literários.

Essa prática é marcada, freqüentemente, por uma espécie de dístico da objeção prejudicial, formado: por um lado, pela perpetuação da idéia de tradução como atividade detratora do original (fundada num ideal mimético da tradução); por outro, pela enumeração de pequenos crimes do tradutor, comentários pontuais, por vezes até mesmo pertinentes, mas raramente acompanhados de considerações acerca da relevância dessas ocorrências na tradução como um todo, reforçando a

idéia de que a atividade de tradução se resumiria à substituição mecânica de um texto original frase por frase, palavra por palavra, ponto por ponto (CARDOZO, 2007).

Com isso já podemos observar que a crítica de tradução está diretamente relacionada à literatura e não à tradução técnica ou científica, bem como destina-se a julgar o trabalho do tradutor mais do que auxiliar na formação ou aperfeiçoamento dessa tarefa.

‘Crítica de tradução’ ocorre 65 vezes no *corpus* total. A ocorrência desse termo no nosso *corpus* está bastante restrita aos dois últimos períodos estudados. Um único artigo do terceiro período, o mesmo da citação acima, mostra-se bastante denso no assunto e faz uma reflexão aprofundada da situação da crítica de tradução no Brasil:

Quadro 19 – Dados sobre o termo ‘crítica de tradução’

<i>Subcorpora</i>	1º período 1996 a 2000	2º período 2001 a 2005	3º período 2006 a 2010	4º período 2011 a 2015	Total
Ocorrências no <i>corpus</i>	3	0	44	18	65

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

No quadro 19, observa-se que, no primeiro período, são três as ocorrências de ‘crítica de tradução’, todas em um único artigo de 1999 e nenhuma coocorre com a lexia ‘literária’. Em uma dessas ocorrências, a autora relata sobre a (in)fidelidade dos tradutores, observada tanto por um crítico quanto por outro que analisaram a mesma obra com cem anos de distanciamento no excerto: ‘as críticas de traduções de Soares de Moura não diferem muito daquelas de Machado de Assis cem anos antes: ele também acusa o tradutor, com frases bastante semelhantes às de Machado, de dupla infidelidade - infidelidade à língua de partida e infidelidade à língua de chegada.’

No segundo período, não houve ocorrências de ‘crítica de tradução’, e observamos apenas duas de ‘crítica literária’ em dois artigos diferentes, que se relacionam com a tradução, como se pode observar nesse trecho de 2004 em que Borges, como autor traduzido, sugere que ‘a teoria de que traduzir é um modo de ler. E ler é interpretar e reconstruir um texto. Ou seja, é uma operação semelhante à realizada pela crítica literária, mas entendida como múltiplas hermenêuticas, como formas diversas de entender e fixar o significado.’

Das 44 vezes que ‘crítica de tradução’ ocorre no terceiro período, 40 estão em um único artigo e 22 vêm seguidas de ‘literária’ formando o termo ‘crítica de tradução

literária’. Da mesma forma, das 18 ocorrências do quarto período, sete formam o termo ‘crítica de tradução literária’ e 12 estão em um único artigo. Isso nos mostra que o termo não é muito recorrente em artigos da área, sendo mais relacionado àqueles que estudam esse assunto, mais especificamente a crítica de tradução literária. De modo geral, os números mostram que ‘crítica de tradução literária’ vai se tornando uma unidade terminológica complexa, com o passar do tempo.

A crítica de tradução que ocorre na área literária é feita muito mais por pessoas de fora da área de tradução e se direciona ao público em geral, não sendo tanto uma atividade para benefício dos tradutores, mas para apontar seus erros e infidelidades e, mais discretamente, para elogiar o trabalho.

Conforme Cardozo (2007), o problema da crítica de tradução literária é ser solitária, mas solucionada pelo encontro que leva ao diálogo:

No enlace construído a partir das epígrafes, solidão e encontro fazem as vezes de um jogo alegórico. Essas duas figuras ilustram os extremos que tensionam, entre si, um espaço instaurado pela prática humana. Usando de certa liberdade ensaística, tal expediente metafórico, enquanto moldura de uma reflexão sobre a prática crítica, sintetiza: na figura da solidão, a situação-problema; na figura do encontro, a solução ideal, arquetípica; e na figura do diálogo, um caminho possível para se pensar as contingências da crítica de tradução literária (CARDOZO, 2007).

Segundo Cardozo (2007), a crítica é, portanto, uma prática ético-dialógica como bem nos mostra o seguinte trecho extraído do *corpus*:

Assim, uma crítica de tradução literária fundada nesse princípio poderia ser entendida como uma prática que: • por um lado, aponta relações – entre línguas e culturas diferentes, entre tradutores e autores, traduções e textos de partida, projetos de tradução e traduções, tradução e recepção da obra, etc.; • e que, por outro lado, constitui-se como relação, no sentido de uma prática que se manifesta enquanto diálogo – com o tradutor, com o leitor, com a crítica, com o autor, com o editor, e assim por diante.

No quarto período, em texto de 2011, mantém-se a “visada ético-dialógica” da crítica de tradução literária, como nos mostra o trecho:

Para o tradutor e crítico de tradução Mauricio Mendonça Cardozo, é o princípio ético-dialógico que alicerça a visada ética da crítica de tradução literária. A partir de um conceito de ética como espaço dinâmico e de relação como existência instauradora, a combinação de

um espaço ético com uma prática dialógica pedirá que se abra ao Outro, que se ouça sua voz (SKARE, 2011).

Ao longo dos períodos, houve uma menção maior ao termo ‘crítica de tradução’, contudo, isso ocorreu em poucos artigos cujos autores, nos dois últimos períodos, mantiveram o mesmo foco de análise: a visada ético-dialógica.

A análise desse termo nos mostrou como a crítica de tradução é feita pelas mãos de profissionais de literatura, visto que a tradução é literária. Entretanto, sob um ponto de vista da tradução, poderia haver uma percepção de formas de se aperfeiçoar o ensino da tradução literária e poder servir como um chamamento para que tradutores profissionais assumam um protagonismo maior nessa crítica para fins de enriquecimento da área e aprendizado, para a elaboração de livros com análises de traduções, que resultariam extremamente úteis para alunos e profissionais da área evoluírem na tradução.

Não se encontra no *corpus* termos como ‘crítica de tradução técnica’ ou ‘crítica de tradução científica’, por exemplo, o que nos leva a crer que esse tipo de crítica é incomum. Entretanto, podemos afirmar que a crítica de traduções técnicas ou científicas, se pudermos denominar dessa forma, ocorre pelos profissionais da área específica, que são os revisores de tradução ou revisores técnicos de livros e artigos técnicos ou científicos. É uma crítica feita para o aprendizado do tradutor e aperfeiçoamento de traduções futuras na mesma área, colabora com a elaboração de documentos terminográficos e com a seleção de lexias e fraseologias mais apropriadas para auxiliar tradutores de determinado assunto, e se restringe aos tradutores *freelancer* ou agências de tradução, não sendo publicados trabalhos a respeito em revistas científicas de tradução.

Assim, diacronicamente, pode-se dizer que houve um aumento do uso desse termo e do estudo de crítica de tradução (literária), mas não se pode afirmar que o assunto atingiu vários pesquisadores, uma vez que se restringe a limitados artigos na área literária. Faltam, para benefício dos profissionais e alunos de tradução, trabalhos sobre críticas de tradução não apenas nas áreas técnica e científica, mas também na literária, visando ao aperfeiçoamento das traduções. Essas críticas poderiam ser elaboradas pelos tradutores envolvidos nessas áreas com a finalidade de ensino e melhoria do trabalho e não simplesmente de crítica.

4.3.8 ‘Tradução intersemiótica’

Tradução intersemiótica é uma área ampla e em expansão de tradução de um sistema de signos para outro, seja de visual para não visual, verbal para visual etc., em que a tradução envolve as imagens e não necessariamente a legenda. Ela está muito ligada à TV, ao cinema, ao teatro, à música, à propaganda. Conforme artigo do *corpus* (2013), a tradução intersemiótica:

situa-se, usando os termos de Eco, muito além da mudança da substância, pois requer a mudança da matéria. Uma obra pictórica pode ser reproduzida por meio da serigrafia, ou de outras possibilidades gráfico-pictóricas e o que muda aqui é a substância, assim como ocorre com a transcrição de um trecho musical em outra tonalidade. (GUERINI e MOYSÉS, 2013).

A tradução intersemiótica já é mencionada desde que Jakobson a previu como um dos três tipos de tradução, quais sejam, intralingual, a paráfrase dentro de uma mesma língua; interlingual, a tradução de signos de uma língua em outra língua; e intersemiótica, a interpretação de signos verbais utilizando signos não verbais. Entretanto, esse tipo de tradução foi mais enfatizado até este novo momento da sociedade como tradução de livro em filme ou em peça de teatro. Atualmente está em maior evidência com as possibilidades que oferece de expansão das atividades tradutórias principalmente em áreas como Libras (Língua Brasileira de Sinais) e audiodescrição.

São 60 as ocorrências de ‘tradução intersemiótica’ no *corpus* total. Curiosamente há mais artigos desse assunto no primeiro e no último períodos, sendo que neste último houve um aumento expressivo de artigos (nove) mencionando esse termo. No primeiro período, foram apenas três artigos que mencionaram o termo, dois dos quais com sete menções cada. No último período, foram nove os artigos que citaram ‘tradução intersemiótica’ sendo que um apresentou 22 citações, outro, sete, e os demais, uma a três apenas. O quadro 20 mostra a evolução das ocorrências desse termo nos *corpora*:

Quadro 20 – Dados sobre ‘tradução intersemiótica’

<i>Subcorpora</i>	1º período 1996 a 2000	2º período 2001 a 2005	3º período 2006 a 2010	4º período 2011 a 2015
Ocorrências no <i>corpus</i>	16	1	5	38

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

No segundo período, o termo ‘tradução intersemiótica’ é citado uma única vez em um artigo, sem grande relevância. Já no terceiro período são cinco citações, das quais três em um mesmo artigo de 2007, que ressalta a relevância dessa tradução no cenário brasileiro afirmando que ‘Dado o trânsito entre os vários meios e seus diferentes suportes, a tradução intersemiótica ocupa um espaço muito importante nos estudos da tradução desenvolvidos nessa área da mídia’.

No último período desse *corpus*, é expressivo o número de ocorrências do termo ‘tradução intersemiótica’. Em um dos artigos, além da tradução intersemiótica, os autores relatam sobre uma propaganda pós Segunda Guerra Mundial. Esse artigo de 2014, de Silva e Tasso, traz a explicação dos três tipos de tradução:

Jakobson, inspirando-se nos escritos de Charles Sanders Peirce, distingue três tipos de tradução: (a) a tradução intralingual ou reformulação – reescritura que se mantém na mesma língua -, (b) a tradução interlingual ou tradução propriamente dita – de um idioma a outro - e (c) a tradução intersemiótica – de um meio marcado por signos verbais a outro com signos não verbais (SILVA e TASSO, 2014).

Mostrando que a tradução intersemiótica tem várias facetas, o seguinte trecho do *corpus* (2013) nos mostra outra direção tomada por Italo Calvino, como em: ‘Parece-nos relevante o fato de Calvino refletir também sobre a tradução intersemiótica, tendo o cinema como origem e o texto como destino’. Esse mesmo texto traz outra denominação para a tradução intersemiótica, qual seja, a transmutação: ‘Diz Jakobson: “A tradução intersemiótica ou a transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais” (1969, p. 65)’. As mesmas autoras (GUERINI e MOYSÉS, 2013) ainda cita como outra forma de denominar a ‘tradução intersemiótica’ a adaptação:

Dessa forma, traçamos a seguir alguns testemunhos epistolares de seu caminho pelas trilhas da tradução intersemiótica, para que possamos refletir sobre eles, inclusive tendo em vista o que afirma Eco nos exemplos acima referidos, quando remete à interpretação – “na passagem de matéria a matéria a interpretação é mediada pelo adaptador, e não deixada à mercê do destinatário” (2003, p. 331) – como um dos temas centrais dos Estudos da tradução, assinalando, paralelamente à transmutação, um outro termo geral para tradução intersemiótica: a adaptação (GUERINI e MOYSÉS, 2013).

Embora a tradução intersemiótica seja ampla e inclua a mudança de um texto escrito para uma imagem (filme, teatro), tradução de Libras e audiodescrição, nos textos referentes a essa tradução no nosso *corpus*, se observou apenas a menção a filmes.

As principais lexias que coocorrem com o termo ‘tradução intersemiótica’ no *corpus* são ‘imagens’, ‘cinema’, ‘cinematográfico’, ‘visuais’ e ‘filme’, todas referentes ao mesmo campo semântico (cinema). Elas se referem ao principal foco da tradução intersemiótica e, portanto, são mencionadas na maioria dos artigos a esse respeito, sendo, inclusive, essas lexias (exceto ‘visuais’, que também é citada em artigos referentes a artes visuais) muito citadas em artigos sobre esse assunto e pouco mencionadas em artigos das demais áreas da tradução. Portanto, são palavras mencionadas especificamente na tradução intersemiótica. Além dessas lexias, termos como ‘signos verbais’ e ‘signos não verbais’ também são bastante frequentes.

Apesar de os textos que se referem à ‘tradução intersemiótica’ neste *corpus* não mencionarem pessoas com deficiências – foco da audiodescrição e da Libras –, houve um grande aumento do número de artigos no período 2010-2015, o que reflete o interesse na tradução intersemiótica como uma característica do momento atual do país, de valorização de pessoas com deficiências que necessitam de recursos especiais para que possam usufruir das artes e do contato com a população em geral de maneira mais intensificada. O aumento de artigos sobre Libras foi observado no *Caderno Especial Tradução e Libras*, com o volume 35, no. 2, que não foi objeto desta pesquisa.

A Língua de Sinais é uma língua que envolve toda a parte superior do corpo na comunicação, sendo, portanto, visuo-espacial. Ela possibilita que surdos e ouvintes possam se comunicar e, caso os ouvintes não saibam Libras, se compreender por meio de um intérprete. A tradução de língua de sinais é feita de uma língua oral para uma língua visuo-gestual e vice-versa para permitir a comunicação entre pessoas que vivem em um mesmo país, mas não conseguem se comunicar devido ao uso de códigos de comunicação diferentes. O relato de Pereira (2008) mostra a ascensão dessa língua no Brasil:

Dentre as muitas línguas do Brasil, a língua de sinais brasileira (LSB ou Libras) foi regulamentada pelo Decreto Federal no. 5.696, de 22 de dezembro de 2005. Esse apoio da legislação fez com que testemunhássemos, de uma forma impressionante, a visibilidade dos intérpretes de língua de sinais (ILS) crescer cada vez mais. Já não é incomum assistir a interpretação em: janelas da televisão, em programas políticos, campanhas governamentais e conferências com a atuação, ao vivo, de ILS. No entanto, a área carece de uma base teórica mais consistente para amparar a formação e os estudos dos ILS (PEREIRA, 2008).

São 121 as ocorrências de ‘língua de sinais’ no *corpus* estudado, 62 as menções a ‘Libras’, cinco as referências a ‘Língua Brasileira de Sinais’ e 17 a ‘intérprete de língua de sinais’, bem como outras 75 de ILS (Intérprete de Língua de Sinais).

Observa-se, no quadro 21, que, nos dois primeiros períodos do *corpus*, não foram mencionados termos referentes ao assunto geral Libras, havendo um total de 139 menções aos diversos termos no terceiro período e um aumento de 15%, para 162 menções a esses mesmos termos no quarto período. Considerando-se que no último período ainda tinha sido lançado um número especial sobre o assunto, entende-se que ele teve sua relevância extremamente aumentada ao longo no último decênio estudado.

Quadro 21 – Ocorrências no âmbito da Libras no *corpus*

	1999 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015	Total
Libras	0	0	14	48	62
Língua Brasileira de Sinais	0	0	0	5	5
ILS	0	0	59	16	75
Interpretação de Língua de Sinais	0	0	12	9	21
Intérprete de Língua de Sinais	0	0	10	7	17
LBS	0	0	0	0	0
Língua de Sinais	0	0	44	77	121
Total	0	0	139	162	301

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Pela relevância que o assunto ‘língua de sinais’ tem demonstrado na atualidade, decidimos contemplar o termo neste estudo, mesmo não tendo ocorrências nos quatro *corpora*. Essa é uma forma de mostrar termos e assuntos atuais e com perspectiva de novas ocorrências em artigos e estudos nesse momento da vida da nossa sociedade e da academia. Isso se deve a uma legislação (Decreto Federal no 5.696, de 22 de dezembro de 2005) que requer o uso de língua de sinais nos meios de comunicação de uma forma crescente ao longo dos próximos anos, o que produzirá mais estudos e gerará empregos nessa área.

A expectativa é de que o número de artigos sobre o tema continue a crescer dada a necessidade de conhecimento maior sobre esse assunto, que tem estado em evidência nos últimos anos.

A grande ocorrência do termo ‘intérprete de língua de sinais’ e da sua sigla ‘ILS’ se justifica por ser chamado dessa forma o profissional que atua na tradução dessa língua. Como a tradução é feita ao vivo, estando o profissional posicionado em frente ao surdo ou em frente a um grupo de surdos (numa conferência, por exemplo), essa é a denominação mais apropriada para esse tradutor. A distinção que se faz entre tradução, sendo aquela escrita (feita por um tradutor), e interpretação, feita oralmente (por um intérprete), de línguas em geral levou ao entendimento de que esse trabalho se aproxima muito mais da interpretação do que da tradução.

Albres e Lacerda (2013) referem-se ao profissional intérprete de Libras, e chama atenção para as diversas denominações que ele recebe no âmbito escolar:

No Brasil, atualmente, a experiência de alguém atuar em espaços de educação inclusiva vertendo da língua portuguesa para Libras e vice-versa tem sido nomeada de diferentes modos: intérprete de libras, intérprete educacional, professor-intérprete, professor- interlocutor, bidocência, codocência entre outros, o que muitas vezes dificulta a identificação de fazeres semelhantes, porém, com vínculos institucionais e nomes diversos (ALBRES e LACERDA, 2009).

Da mesma forma, ‘interpretação de língua de sinais’ é um termo bastante citado em artigos a respeito do tema, pois os artigos não se referem à tradução de sinais, mas à ‘interpretação de língua de sinais’. Assim, a terminologia utilizada ao se referir à língua de sinais inclui ‘intérprete’ e ‘interpretação’.

Termos como ‘surdo’, ‘pessoa surda’ e ‘vocal’ ocorrem em artigos dessa área. Surdo coocorre 12 vezes junto a ‘língua de sinais’, e ‘comunidade surda’ também é uma forma de se referir a esse grupo de pessoas. O termo oposto a ‘surdo’ é ‘ouvinte’, que é mencionado 74 vezes no *corpus*, mas não aparece junto a ‘língua de sinais’, uma vez que ela se refere aos surdos e não aos ouvintes. O uso de ‘ouvintes’ é feito em grande parte das vezes na comparação entre surdos e ouvintes. Como exemplo de uso dessas lexias no contexto de língua de sinais, e da elaboração de instrumentos terminológicos nessa área, trazemos o seguinte excerto do *corpus*:

O desenvolvimento tecnológico favorece o registro e divulgação das unidades terminológicas resultantes da expansão lexical experimentada pela Libras, pois tradutores surdos e não-surdos têm buscado compartilhar suas estratégias e decisões tradutórias através da internet, constituindo bancos de dados mais (ou menos) estruturados em diferentes áreas de especialidade (OLIVEIRA e WEININGER, 2013).

Já a lexia ‘vocal’ está incluída sempre na expressão ‘língua vocal’ para fazer a distinção com a língua de sinais. Apenas quando o artigo se refere a uma língua de sinais, a expressão ‘língua vocal’ é necessária, uma vez que as demais comparações são sempre feitas entre línguas vocais, embora os trabalhos não exijam que se fale da vocalidade das palavras para fazer uma comparação ou comentários, até mesmo porque, nos artigos desta revista, invariavelmente se relata sobre a tradução escrita.

A falta de ocorrência do termo ‘interpretação’ referindo-se a trabalhos a respeito de interpretação simultânea ou consecutiva é superada com a interpretação de língua de sinais, entretanto, estudos a respeito de interpretação simultânea ou consecutiva seriam proveitosos, sendo esse um grande mercado no país.

A tradução de filmes e eventos para o formato de audiodescrição, bem como a legendagem em ‘língua de sinais’ na TV e em eventos, observados atualmente com forte crescimento, são um indicativo de que essa área está em plena expansão.

Entretanto, o termo ‘audiodescrição’, parte da tradução intersemiótica, não foi observado em nenhum dos períodos do *corpus* estudado, nem mesmo no período mais recente, no qual se têm observado trabalhos a esse respeito em universidades brasileiras. Também não foi lançado um número especial sobre o assunto. Assim, podemos registrar aqui a falta de artigos sobre esse tema de vanguarda na sociedade brasileira na revista *Cadernos de Tradução*.

Numa busca por termos relativos à audiodescrição, na linha de tradução intersemiótica, encontramos o termo ‘audiovisual’ referindo-se a multimídia, videogames, vídeos educativos infantis e juvenis, outra área em grande expansão na última década e que tem atraído o mercado de tradução.

Para concluir esta parte da ‘tradução intersemiótica’, referimo-nos ao texto de Frías (2014), parte do *corpus*, que aponta para a relevância dessa área visual tanto na tradução de textos quanto na interpretação:

O profissional da tradução editorial está consciente da dualidade constitutiva de toda escrita. Sem nunca deixar de ser linguística, a escrita é sempre material e visual. Para traduzir elementos paratextuais, o tradutor precisa desenvolver uma capacidade que tem sido consideravelmente ignorada em sua formação, a alfabetização Visual, a qual Oittinen (2000, 2003) define: Atualmente, o visual é uma questão central em vários outros ramos da tradução, assim como a tradução audiovisual e a redação técnica. Até mesmo intérpretes

necessitam interpretar gestos e linguagem corporal. No entanto, frequentemente os tradutores são levados a considerar tão somente o verbal, o que seria o motivo pelo qual a alfabetização visual é negligenciada na formação do tradutor (OITTINEN, 2003, p. 139) (FRÍAS, 2014).

Com as análises desses termos, queremos mostrar o quanto se pode obter de informações com o estudo diacrônico de termos dentro dos contextos que os autores dos artigos originais escreveram para fazer inferências, descobrir correlações, entender que assuntos são mais tratados e quais estão menos em evidência dos Estudos da Tradução. Observa-se que houve um aumento significativo de relatos sobre ‘tradução intersemiótica’ referente a filmes, o que não se viu no tocante a ‘língua de sinais’ e ‘audiodescrição’, duas áreas notadamente em voga na atualidade.

Com isso, demonstramos a maior ocorrência de um termo relativamente novo no âmbito da tradução e que está em ascensão devido a políticas de acessibilidade e à observação de um mercado de trabalho em expansão, que precisa ser estudado e aperfeiçoado.

Além do que apresentamos aqui, ainda é possível agrupar os autores e coletar informações do conjunto observando as distinções e similaridades de autores diversos em momentos diferentes. Nossa próxima proposta é fazer uma separação dos textos em quatro períodos e observar o que os autores mais trataram sobre tradução nesses períodos.

4.4 PRINCIPAIS AUTORES NOS QUATRO SUBCORPORA

Selecionamos para estudo os dois autores que mais ocorrem em cada período, conforme o quadro 22, bem como aqueles com mais de 70 ocorrências, visto que Dolet, o que mais ocorre no terceiro período, tem pouco mais do que isso.

Os teóricos que mais ocorrem em cada período foram buscados nos quatro diferentes *corpora* mencionados na metodologia. O quadro 22 mostra os autores obtidos com a pesquisa nos quatro períodos estudados:

Quadro 22 – Principais autores citados nos artigos, nos *subcorpora* da revista *Cadernos de Tradução*.

<i>Corpora</i>	Cad trad 1996 a 2000	Cad trad 2001 a 2005	Cad trad 2006 a 2010	Cad trad 2011 a 2015
Autores	Benjamin (161)	Borges (209)	Dolet (70)	Campos (97) Augusto (27) Haroldo (24)
	Campos (138), Haroldo (54) e Augusto (48)	Venuti (50)	Venuti (58)	Derrida (92)
	Meschonnic (76)	Wittgenstein (38)	Borges (57)	Benjamin (87)
	Derrida (66)	Jerônimo (31)	Catford (46)	Jansen (63)
	Schleiermacher (52)	Derrida (28)	Menard (43)	Hébert (51)

Fonte: a própria autora, com base no corpus *Cadernos de Tradução* no Sketch Engine.

Observamos uma relevante diferença nas menções aos autores entre os períodos e algumas semelhanças, como Derrida, citado em três dos quatro períodos, mostrando certa constância, e Borges e Venuti, citados em dois períodos subsequentes. O curioso é que Benjamin e os irmãos Campos foram mais citados no primeiro e no último desses períodos. Os mais mencionados foram Benjamin (248), irmãos Campos (Augusto e Haroldo juntos com 235 ocorrências) e Derrida (158) no *corpus* inteiro. Apresentamos agora os primeiros de cada período (Benjamin, Borges, Dolet e Campos), e os segundos ainda não apresentados (Venuti, Derrida e Meschonnic).

Ao longo dos quatro períodos em que subdividimos o *corpus* *Cadernos de Tradução*, encontramos alguns autores repetidos e outros menos citados. Para fazer uma análise diacrônica dos autores mais recorrentes, levantamos as principais lexias que coocorrem com eles. Entre os autores mais citados temos ‘Benjamin’, cujos dados de suas coocorrências encontram-se no quadro 23. Enfatizamos que, no primeiro período, três artigos tiveram muitas ocorrências desse nome e, no quarto período, foram dois artigos com muitas ocorrências, o que revela que a grande menção a ele está em artigos específicos sobre o trabalho desse autor.

4.4.1 Walter Benjamin

Walter Benjamin foi o autor com o maior número de ocorrências no *corpus* estudado. Com base nos dados do quadro 23, podemos tirar conclusões a respeito dos trabalhos desenvolvidos por esse autor:

Quadro 23 – Lexias coocorrentes a ‘Benjamin’ nos quatro períodos

Período	1996 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015
Ocorrências	163 50 em 1 texto 31 em 1 texto 26 em 1 texto	7 Bem distribuídos	23 16 em 1 texto	99 30 em 1 texto 25 em 1 texto 16 em 1 texto
Principais lexias que coocorrem com ‘Benjamin’	Tradução 46 Textos 33 Walter 29 Linguagem 22 Tradutor 20 Ensaio 18 Tarefa 18	Walter 4 Schleiermacher 3 Tradução 3 Borges 2	Não 6 Língua 4 Metáfora 4 Tradução 4 Man 3 Tarefa 3 Texto 3 Tradutor 3 Walter 3	Tradução 26 Walter 24 Tradutor 16 Língua 13 Não 11 Tarefa 11 Texto 11

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

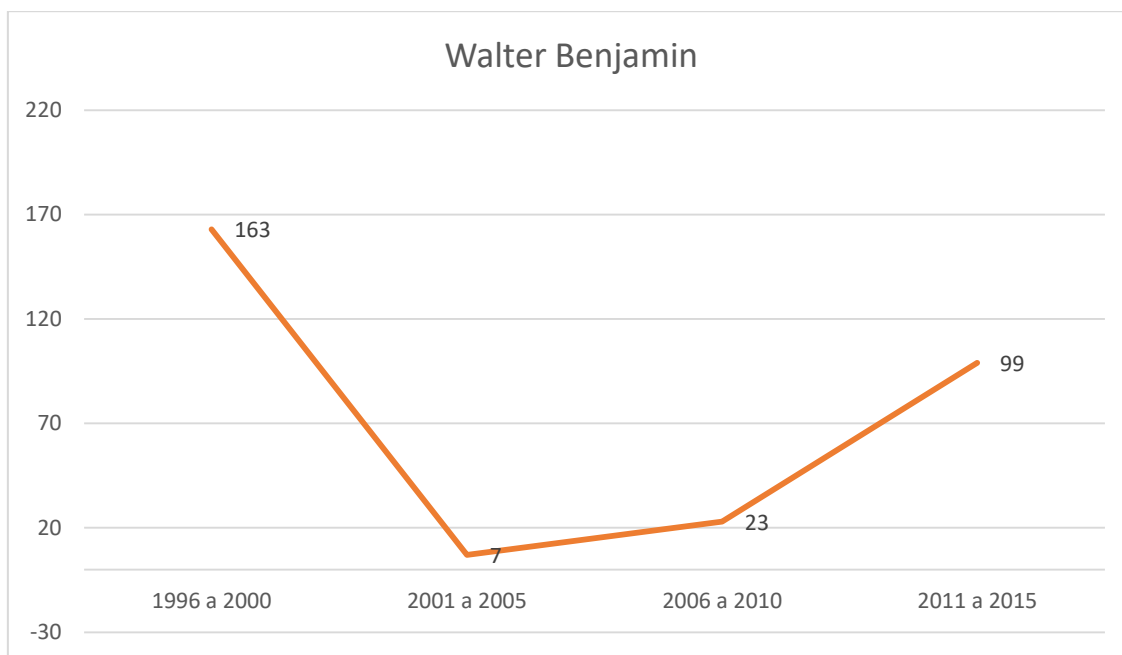
Observa-se que no primeiro e no último período em que Benjamin é mais mencionado, poucos textos reúnem a maioria das menções ao autor, caracterizando, portanto, que esses são artigos de análise desse autor. Quando vemos 50 citações de um autor em um único texto, ou mesmo 30 ou 26, notamos que o foco é o estudo desse autor.

É desnecessário comentar a grande frequência de ‘Walter’ (60) nos quatro períodos, referindo-se ao prenome do autor, sendo, portanto, mencionado inúmeras vezes ao longo dos textos, seja como ‘Walter’, seja apenas pela inicial ‘W.’. A respeito de ‘tradução’ (79 ocorrências), essa é a lexia citada com mais frequência, como nos termos simples e complexos apresentados na seção anterior, por ser o assunto da revista. Quanto a ‘texto’ (47 ocorrências), destacamos as citações ‘texto de Benjamin’ (11 ocorrências), ‘texto A Tarefa do Tradutor’ (7), ‘famoso texto’ (3) e ‘texto clássico de Benjamin’ (1) como as mais relevantes, todas referindo-se ao famoso texto de Walter Benjamin, “A Tarefa do Tradutor”, demonstrando o quanto esse texto é estudado na Tradução. Isso já justifica a ocorrência das lexias ‘tarefa’ e ‘tradutor’, e aqui explicamos a menor ocorrência de ‘tradutor’ devido ao recorte feito pelo programa (aproximadamente 20 palavras em cada linha), uma vez que três ocorrências terminam em ‘a Tarefa do’. Ao ampliar o contexto no programa para ver as próximas palavras, foi possível confirmar que ‘tradutor’ vem logo após essas ocorrências. Da mesma forma se justifica a ocorrência de ‘ensaio’ (18 vezes, apenas no primeiro período), forma como

esse texto de Benjamin é normalmente mencionado. No que se refere a ‘linguagem’ (22 ocorrências), em quatro ocorrências é citada a ‘teoria da linguagem’ desse autor, a ‘concepção da linguagem’ (2), a ‘magia da linguagem’ (2) ou ‘noção’, ‘visão’, ‘origem’, e ‘questão’, todos fazendo reflexões quanto à linguagem.

Comparando essa lista de principais ocorrências nos artigos do *corpus* referentes a Benjamin com nossas leituras sobre esse autor e a devida marcação dos principais termos que encontramos, observamos que ‘tradução’, ‘tradutor’, ‘tarefa’, bem como ‘Aufgabe’ (tarefa em alemão) e ‘Übersetzers’ (do tradutor, em alemão) são as mais significativas em ambas as pesquisas referentes a ele. Entretanto, além dessas, ‘traduzibilidade’, ‘transliteração’, ‘réplica’, ‘sobrevivência’ e ‘transparente’ são representativas da terminologia usada por Benjamin e a respeito dele nesse *corpus* em relação à observada nos nossos estudos paralelos. Dessas, ‘traduzibilidade’, ‘sobrevivência’ e ‘transparente’ estão nos textos do *corpus* junto a Benjamin, com 3, 2 e 1 ocorrências, respectivamente. Já as outras duas não apareceram nos textos.

Como amostra de alguns excertos do *corpus* que trazem comentários sobre Benjamin citamos este, de 1996 (primeiro período), “A Tarefa do Tradutor é um texto escrito em 1923 e agrupa-se com outros textos em que W. Benjamin também trabalha sua teoria da linguagem.”; este, de 2007 (terceiro período), “O artigo de Benjamin formula deslocamentos conceituais que fundam uma nova base de formulações de sentido e, necessariamente, determinam um novo lugar para o sujeito em sua relação com a(s) língua(s)”; e este, de 2011 (quarto período), “Neste famoso texto, Benjamin leva a cabo também sua crítica à lógica da representação e a um determinado modelo bipolar (neoplatônico) do signo.”, todos fazendo referência ao texto A Tarefa do Tradutor. O Gráfico 1 traz, de forma visual, a evolução de menções a Walter Benjamin, com uma queda abrupta do primeiro para o segundo período e crescimento forte do terceiro para o quarto períodos.

Gráfico 1 - Ocorrências de Benjamin nos *corpora*

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

A seguir analisamos os dados de Borges, o autor mais citado no segundo período.

4.4.2 Jorge Luis Borges

Nos quatro períodos tratados, vemos uma variação muito grande de menções a ‘Borges’, sendo o primeiro e último com poucas ocorrências e o segundo com um número muito grande de menções. Sobre o período de 2001 a 2005, constatamos que foram apenas quatro artigos que concentraram todas as 216 ocorrências, artigos tipicamente relacionados a obras desse autor. Com isso, vemos que o estudo de Borges se dá mais em relação aos textos escritos e traduzidos por ele do que numa reflexão a respeito de tradução literária de uma forma generalizada. As análises de Borges baseiam-se no quadro 24:

Quadro 24 – Lexias coocorrentes a ‘Borges’ nos quatro períodos

Período	1996 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015
Ocorrências	17 Bem distribuído	216 56 em um artigo 95 em um artigo 36 em um artigo 25 em um artigo	57 35 em um artigo	14 Bem distribuído
Principais lexias que coocorrem com ‘Borges’	Tradução 6 Jorge 6 Luis 5 Dante 3 Exercício 2	Tradução 54 Texto 35 Não 27 Tradutor 14 Inglês 12 Original 11 Autor 9	Tradução 16 Jorge 8 Luis 8 Não 7 brincadeira 5 Kundera 5 Quijote 5	Tradução 4 Crime 2 Decifrar 2 Discussão 2 Ensaio 2 Literais 2 Narrativa 2

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Ao analisar as lexias que mais coocorrem com ‘Borges’, para verificar que assuntos estão sendo tratados pelos estudiosos desse autor, observamos ‘tradução’ como a mais citada em todos os períodos, uma vez que as discussões dos textos referentes a este autor se dão ao redor das traduções realizadas por ele e de suas considerações a respeito das traduções literárias que realizava. Quanto a ‘Jorge’ e ‘Luis’, são seu primeiro e segundo nomes, o que justifica a menção a eles nos textos.

O prenome ‘Dante’ refere-se às investigações de Borges a respeito de céu, inferno e purgatório na Divina Comédia, e ‘Quijote’, ao texto escrito por Borges e analisado por Andrea Cesco que ela reflete da seguinte forma sobre o autor:

a relação do escritor argentino com a tradução vai muito mais além. Ela ocupará um lugar de destaque inclusive no seu processo criativo, como vimos acima, pois em Borges ela pode ser convertida em matéria literária, como é o caso de “Pierre Menard, autor Del Quijote” (CESCO, 2004).

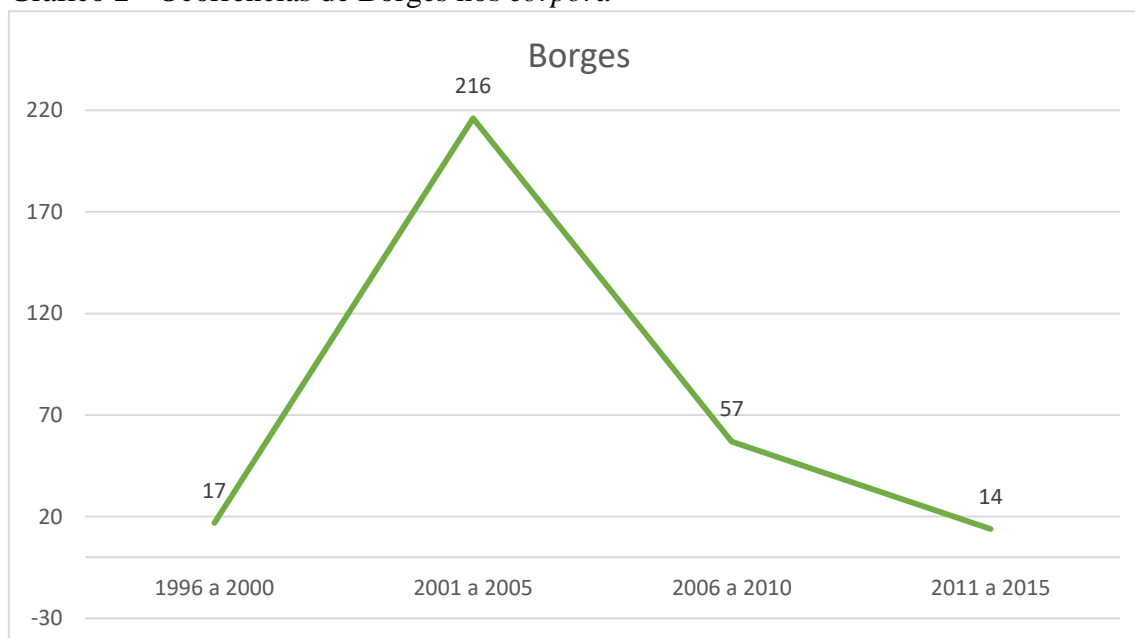
Já quanto a ‘Kundera’, trata-se de artigo comparativo dos pontos de vista de ‘Borges’ e Milan ‘Kundera’ a respeito da defesa de Borges da tradução como um gênero literário e de Kundera contestando essa visão. Não se observou uma constância nas lexias ao longo dos quatro períodos porque cada pesquisador escolhe um assunto um pouco diferente para tratar a respeito das traduções de Borges.

Em nossas investigações em leituras paralelas, para fazer uma pesquisa qualitativa, buscamos termos típicos de Borges para realizar pesquisa no *corpus*. Encontramos ‘teológico’, ‘escrituras diretas’, ‘estética’ e ‘rascunho’. ‘Teológico’ aparece três vezes nos textos referentes a ‘Borges’, em discussão a respeito da Divina

Comédia. ‘Escrituras diretas’, como Borges denominava os originais, é mencionada uma única vez a respeito de um texto desse autor sobre a tradução de Homero. A lexia ‘estética’ é mencionada três vezes em um texto em que Borges sugere que a tradução “parece destinada a ilustrar a discussão estética”. Das 36 ocorrências de ‘rascunho’ no *corpus*, 15 são mencionadas junto a ‘Borges’ e referem-se aos inúmeros rascunhos que uma tradução pode ter, como revela o excerto “Quem sabe se precisará ler o rascunho beta para compreender a secreta afinidade entre o 9 e o H?”. Assim, os termos relacionados a esse autor aparecem nos textos embora não sejam elencados pelo programa de LC como os de maior ocorrência. Essa análise qualitativa é, portanto, necessária junto com a quantitativa oferecida pela estatística dos dados, a fim de se observar as lexias específicas de cada autor.

Quanto aos quatro artigos no segundo período, não se trata de um número especial, um artigo foi escrito em 2001, outro em 2004 e dois em 2005, sendo estes últimos de um mesmo autor e referente especificamente a Borges. O Gráfico 2 mostra a evolução de menções a Borges, de uma forma que se possa observar visualmente. Veja o pico de citações a esse autor no segundo período e a baixa ocorrência no primeiro e no último.

Gráfico 2 - Ocorrências de Borges nos *corpora*



Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

4.4.3 Étienne Dolet

Étienne Dolet, o primeiro tradutor da época moderna⁶⁰ a elencar princípios para a tradução, não é um autor muito pesquisado no último *subcorpus*, talvez porque outros vieram depois dele e elaboraram mais sobre suas propostas. Essa baixa menção a ele é observada pela pouca frequência com que é mencionado ao longo dos quatro períodos, embora tenha menção maior do que outros autores, sendo que a concentração das menções a ele se deu no terceiro período e, de forma mais específica em dois artigos, um com 57 referências, e outro com onze. O primeiro artigo é específico sobre Étienne Dolet e o segundo sobre o cânone da tradução. Aqui vale lembrar a atualidade da maioria dos princípios prescritos por Dolet, segundo Munday (2012, p. 43), quais sejam:

1. O tradutor deve entender perfeitamente o sentido e o material do autor original, embora possa ter a liberdade de esclarecer obscuridades.
2. O tradutor deve ter conhecimento perfeito tanto da língua fonte como do texto meta, para não diminuir a grandiosidade da língua.
3. O tradutor deve evitar a tradução palavra por palavra.
4. O tradutor deve evitar formas latinas e incomuns.
5. O tradutor deve escolher e ordenar as palavras de modo eloquente, para evitar construções inapropriadas” (tradução nossa).

Quadro 25 – Lexias coocorrentes a ‘Dolet’ nos quatro períodos

Período	1996 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015
Ocorrências	1	4	71 57 em um artigo 11 em um artigo	0
Principais lexias que coocorrem com ‘Dolet’	Cícero 1 Horácio 1 Etienne 1 Dryden 1 Jerônimo 1 Tytler 1	Tradução 1 Renascimento 1 Traduzir 1 Etienne 1	Etienne 9 Tradução 9 Língua 8 Regra 8 Bonatti 7 Goldstein 7 Palavra 7	--

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

As ocorrências elencadas com Linguística de *corpus* no quadro 25 não se mostraram relevantes o suficiente para serem comentadas aqui. ‘Etienne’ refere-se ao prenome desse autor, e ‘tradução’, ‘língua’ e ‘palavra’ são lexias que se mostram em

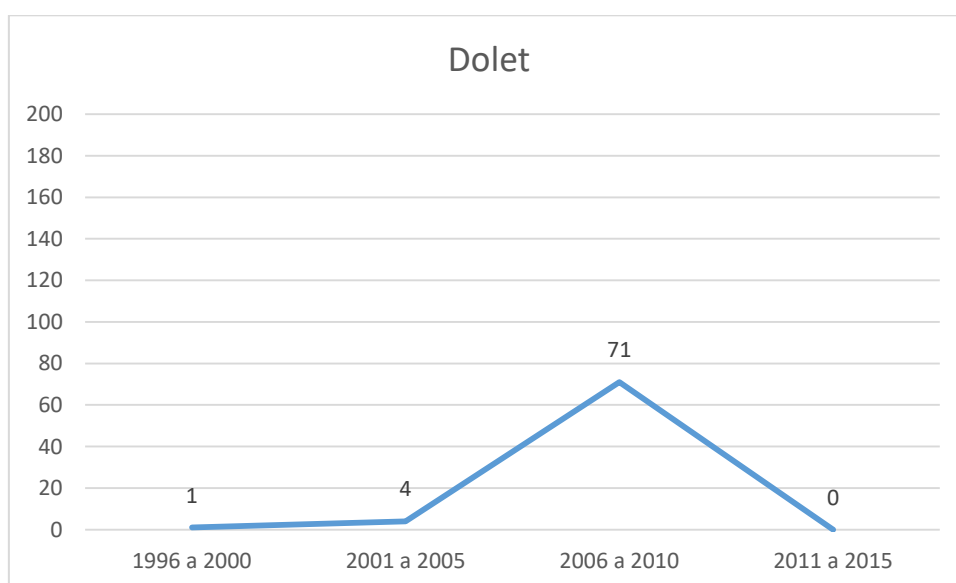
⁶⁰ A época Moderna abrange os anos de 1453, queda de Constantinopla, a 1789, início da Revolução Francesa.

todos os textos referentes ao nosso assunto. A lexia ‘texto’ não aparece como relevante, ficando a discussão em torno do ‘língua’ e ‘palavra’. Em nossas leituras identificamos termos específicos desse autor constantes nos seus princípios, quais sejam, ‘bem traduzir’, ‘uso da língua comum’, ‘harmonia do discurso’, ‘tradução *ad sententiam*’. Entretanto, das nove ocorrências de ‘bem traduzir’ no *corpus*, apenas duas se referem a Dolet. ‘Ad sententiam’ é citada dez vezes no *corpus*, nove das quais em relação a Dolet e ‘harmonia do discurso’ ocorre seis vezes, todas referindo-se a Dolet. Já ‘uso da língua comum’ só ocorre uma vez no *corpus*, e junto a esse autor. Como exemplo de uso de termos de Dolet, apresentamos o excerto do *corpus* de 2008, no texto específico desse autor:

Dolet foi extremamente objetivo, sucinto e didático. Seus preceitos partem do objeto a traduzir e seus requisitos (conhecimento do autor, obra, tema e línguas), passam pelos meios a empregar e o tipo de tradução mais recomendável (tradução *ad sententiam* e o uso da língua comum) e chegam ao produto final com seus valores retórico-literários (harmonia do discurso) (FURLAN, 2008).

Esse autor foi mais mencionado devido, principalmente, a um único artigo, o que o coloca fora da perspectiva de autores a serem estudados. Entretanto, como nos mantivemos fieis ao que o *corpus* revela, ele foi posicionado nesta classificação. No Gráfico 3, pode-se observar a evolução de menções a Étienne Dolet com um pico no terceiro período devido a um artigo especificamente sobre esse autor.

Gráfico 3 - Ocorrências de Dolet nos *corpora*



Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

4.4.4 Augusto e Haroldo de Campos

Seguindo a lista de autores mais frequentes, temos ‘Campos’ (235 ocorrências), que se refere aos irmãos Haroldo e Augusto de Campos. Os termos no quadro 26 são os que mais ocorrem junto a esse sobrenome. Aqui, excluímos as menções a campos (em minúsculas) e a Geir Campos, que falseariam os dados. Temos ainda a observar que, no período quatro, um único artigo continha 79 ocorrências de ‘Campos’, o que mostra que esse artigo se dedica a estudar esses autores.

Quadro 26 – Lexias coocorrentes a ‘Campos’ nos quatro períodos

Período	1996 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015
Ocorrências	146 62 em 1 artigo 21 em 1 artigo 25 em 1 artigo 12 em 1 artigo	30 14 em um artigo 6 em um artigo	24 10 em 1 artigo 11 em 1 artigo	127 79 em 1 artigo 11 em 2 artigo
Principais lexias que coocorrem com ‘Campos’	Tradução 48 Haroldo 43 Augusto 41 Tolentino 13 Topologia 10 Irmãos 9 Não 9 Poesia 8 Teoria 7	Haroldo 11 Tradução 6 BUBER 5 Bíblico 4 Augusto 3 MARTIN 3 Poesia 3	Augusto 13 Tradução 11 Haroldo 10 Trabalho 5 Bruno 4 Paulo 4 Tolentino 4	Tradução 36 Augusto 24 Haroldo 23 Dickinson 15 Poesia 12 Emily 11 Poeta 10

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Os irmãos Campos têm uma grande relevância nos quatro *subcorpora*, com diversas menções em cada um deles. Vê-se, entretanto, que, no primeiro e no último *subcorpora*, alguns artigos citam ‘Campos’ com muita regularidade, o que demonstra serem eles referentes a esses autores ou a um dos irmãos especificamente.

A distribuição das principais lexias apresentadas no quadro 26 está relativamente proporcional ao número de textos em cada período. Assim, podemos analisá-las conjuntamente. No que se refere a ‘Campos’, as lexias desse quadro foram as mais frequentes, sendo as duas principais ‘Haroldo’ (87) e ‘Augusto’ (81) referentes aos prenomes dos irmãos cujo sobrenome ‘Campos’ está sendo estudado. Soma-se a essas a lexia ‘irmãos’ (9) como uma menção ao trabalho de ambos. Quanto a ‘tradução’ (101 ocorrências), a lexia é utilizada junto a ‘topologia’ formando o sintagma ‘topologia da

tradução' (8 vezes), também está associada a 'conceito', 'teoria', 'prática', bem como é mencionada no termo 'intradução' (4 vezes), em frases como "intradução de A. de Campos abre espaço amplo para inter-penetrações" e em "unidiversal topologia dos irmãos Campos se faz intradução do intraduzível". São dezessete as ocorrências de 'Tolentino', desafeto de Haroldo de Campos, treze das quais se referem a um único artigo que retrata o desentendimento deles, que começou com críticas e terminou com ofensas. Sobre 'topologia', informamos que esse vocábulo aparece 46 vezes no *corpus Cadernos de Tradução*, 44 das quais no *corpus Cad trad 1995 a 2000*. Essas 44 ocorrências aparecem todas em um mesmo artigo, cujo título é "Por uma topologia da tradução: viradas tipológicas em direção ao outro", em que 'Campos' é mencionado 24 vezes (precedidas de 'Haroldo', três; 'Augusto', duas; 'A. de', quatro; 'H. de', seis; e 'irmãos', duas). Isso deixa nítido que esse artigo se refere a esses irmãos. Quanto a 'poesia', apenas no terceiro período ela não surge entre as principais lexias, sendo uma coocorrência significativa uma vez que esses irmãos trabalharam com traduções poéticas.

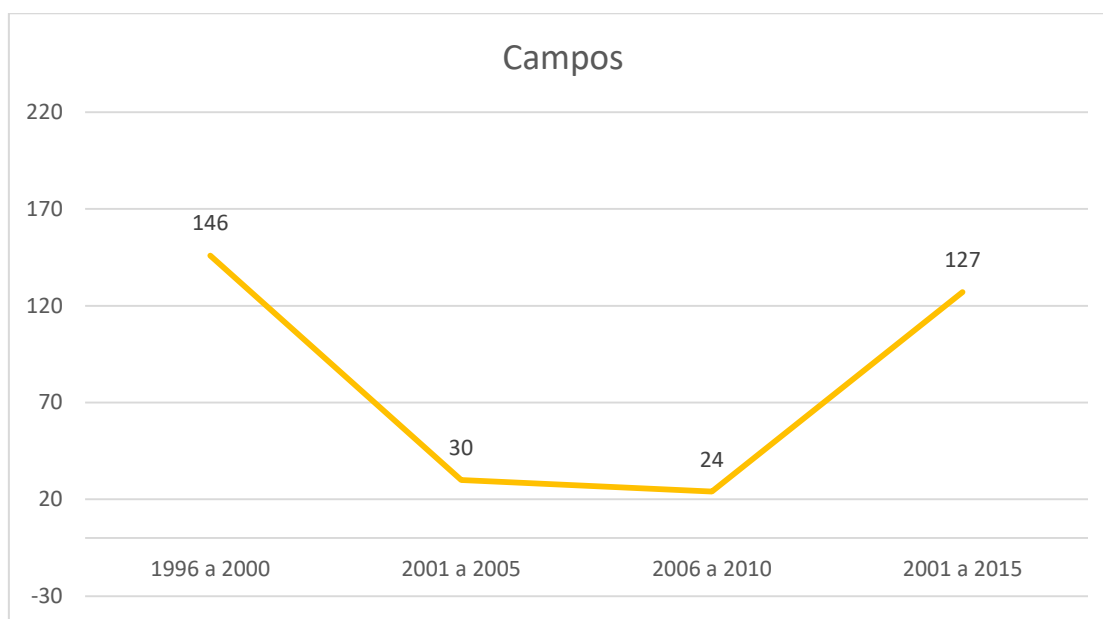
Nas nossas leituras para identificar os termos significativos dos irmãos Campos, notamos que alguns são bastante frequentes e representativos da teorização deles a respeito da tradução. Essa terminologia típica deles inclui termos como transcrição, transluciferação, transposição criativa, paronomásia. Assim, ao fazer buscas no *corpus* com esses termos, encontramos a menção a 'transcrição' em sete ocorrências junto a 'Campos'. Uma menção muito específica deste termo traz também a ocorrência de outros neologismos reconhecidos pelo autor, como podemos ver nesse excerto de trabalho de 1998 no *corpus* a respeito de Haroldo de Campos, que demonstra a criatividade dele na expressão do seu pensamento:

Campos reafirma que as suas traduções fazem parte de um projeto, orientado por uma leitura escolhida de textos, e que tem implicado "(...) uma cunhagem neológica de termos 'especificadores': recriação, transcrição, reimaginação (...), transparadização ou transluminação (...) e transluciferação mefistofáustica (...)", visando a "(...) polemizar com a idéia 'naturalizada' de tradução literal, fiel ou servil (...)" (MAGALHÃES, 1998).

Continuando com as análises, das seis ocorrências de 'transluciferação' no *corpus*, três estão próximas a 'Campos', e as demais em textos referentes aos irmãos. O sintagma 'transposição criativa' é mencionado apenas duas vezes no *corpus*, nenhuma das duas referindo-se a 'Campos'. No que se refere a 'paronomásia', o termo ocorre

dezessete vezes, nenhuma delas junto a ‘Campos’. As ocorrências referentes aos irmãos Campos podem ser vistas na curva do gráfico 4 que demonstra uma grande ocorrência de artigos sobre Augusto e Haroldo de Campos no primeiro e último períodos dessa análise diacrônica. Observe como a curva de Derrida (Gráfico 6) se assemelha à dos irmãos Campos.

Gráfico 4 - Ocorrências dos irmãos Campos nos *corpora*



Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

4.4.5 Lawrence Venuti

Outro autor bastante frequente nas discussões teóricas da Tradução é Lawrence Venuti. A análise quantitativa sobre a menção a ele foi retirada do quadro 27 e a qualitativa, de estudos paralelos a seu respeito.

No que se refere a ‘Lawrence’, prenome do autor, é óbvia a significativa menção ao substantivo, pois, ao falar de um autor, tende-se a apresentar seu nome completo ou a forma como ele é mais conhecido, o que ocorreu nos outros autores também.

Quadro 27 – Lexias coocorrentes a ‘Venuti’ nos quatro períodos

Período	1996 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015
Ocorrências	4	51 35 em um artigo	62 37 em um artigo	18
Principais lexias que coocorrem com ‘Venuti’	Lawrence 3 Invisibility 2 Translator’s 2	Tradução 18 Tradutor 11 Autoria 6 Lawrence 5 Domesticadora 4 Invisibilidade 4 Questão 4 Teórico 4	Tradução 16 Schleiermacher 12 Tradutor 12 Lawrence 7 Autoria 6 Autor 5 Estratégia 5	Cultura 4 Culturais 2 Diferentes 2 Lawrence 2 Lefevere 2 Língua 2 Tradução 2

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Ao longo dos quatro períodos de análise dos autores na *Cadernos de Tradução*, vemos que Venuti está presente com mais frequência nos dois intermediários, que podem refletir a intensificação das discussões a respeito de livro “A invisibilidade do Tradutor: uma história da Tradução”, lançado em 1995, com uma segunda edição em 2008, e “*The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*”, em 1998. Observa-se que a menção a ‘invisibilidade’ ocorre nos dois primeiros períodos e que ‘autoria’ está mais enfatizado nos períodos intermediários. Entretanto, as citações de ‘autoria’ estão relacionadas nesses textos à (in)visibilidade do tradutor, questionada por Venuti em suas obras.

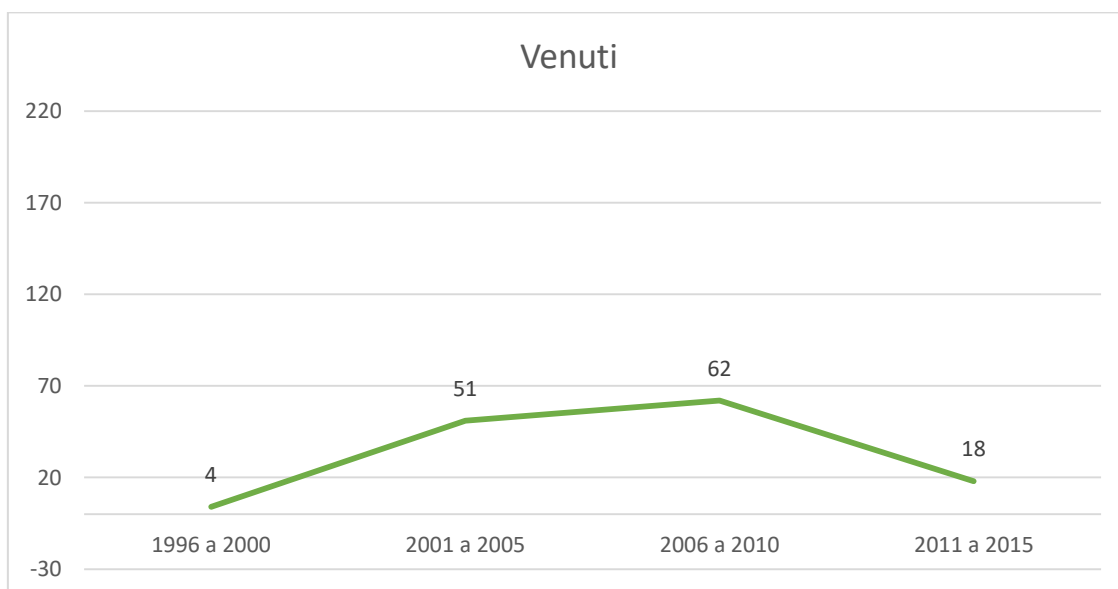
No terceiro período, todas as seis menções a ‘autoria’ estão localizadas em um único artigo intitulado “Tradução e Autoria”, cuja autora, Luana Ferreira de Freitas, relata que “as questões e, principalmente, os questionamentos concernentes à autoria e à autoridade do tradutor têm sido motivo de debates acalorados e inconclusivos”. A grande frequência de ‘Schleiermacher’ no terceiro período também se dá devido à comparação que a autora faz desse autor com Venuti nesse mesmo artigo.

Em seis das onze ocorrências de ‘Tradutor’ no segundo período, a lexia está diretamente relacionada a ‘invisibilidade’, refletindo a importância desse termo e da obra do autor para as reflexões de Venuti a respeito do papel do tradutor frente a suas tarefas de tradução. No terceiro período, também são seis as menções a ‘invisibilidade do tradutor’ entre as 12 ocorrências de ‘tradutor’, sempre relacionadas à obra de Venuti.

Quanto aos termos muito utilizados por Venuti, ‘domesticação’ e ‘estrangeirização’ (que vêm de Schleiermacher), temos a dizer que são 35 ocorrências do primeiro em todo o *corpus*, sendo 12 os textos com essa lexia (2 no primeiro período, 3 no segundo e no terceiro, e 4 no quarto). São nove as menções a

‘domesticação’ no segundo período e 16 no terceiro. Como essa palavra não estava próxima à lexia ‘Venuti’, não foi contabilizada na nossa seleção, o que enfatiza a importância do conhecimento do assunto pelo pesquisador-terminólogo para buscar os termos mais importantes nos *corpora* estudados. Com ‘estrangeirização’, foram 14 as citações, estando mais concentradas no segundo, terceiro e quarto períodos, em que também ocorrem as lexias ‘estrangeirizador’ e ‘estrangeirizadora’ como alternativas àquele termo quando da discussão do assunto. O Gráfico 5 traz a curva da evolução de menções a Meschonnic que, embora pareça suave, mostra uma grande variação nas citações a esse autor, com maior ênfase no segundo e terceiro períodos do *corpus*.

Gráfico 5 - Ocorrências de Venuti nos *corpora*



Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

4.4.6 Jacques Derrida

O próximo autor a ser analisado é Derrida, que teve 227 ocorrências no *corpus Cadernos de Tradução*. As principais lexias que ocorrem junto a Derrida nos quatro *subcorpora* são apresentadas no Quadro 28:

Quadro 28 – Lexias coocorrentes a ‘Derrida’ nos quatro períodos

Período	1996 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015
Ocorrências	66 22 em 1 artigo 17 em 1 artigo 10 em 1 artigo	28 20 em 1 artigo	23 Bem distribuído	110 73 em um artigo 20 em 1 artigo 13 em 1 artigo
Principais lexias que coocorrem com ‘Derrida’	Benjamin 12 Tradução 11 Jacques 10 Texto 10 Man 9 Leitura 8 Mito 7	Não 4 Obra 3 Searle 3 Wittgenstein 3 anti-essencialismo 2	Jacques 7 Tradução 7 Não 5 Falsa 4 Desconstrução 3 Eventos 3	Texto 25 Tradução 23 Tradutor 11 Francês 9 Não 8 Jacques 6 Língua 6 Questão 6

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

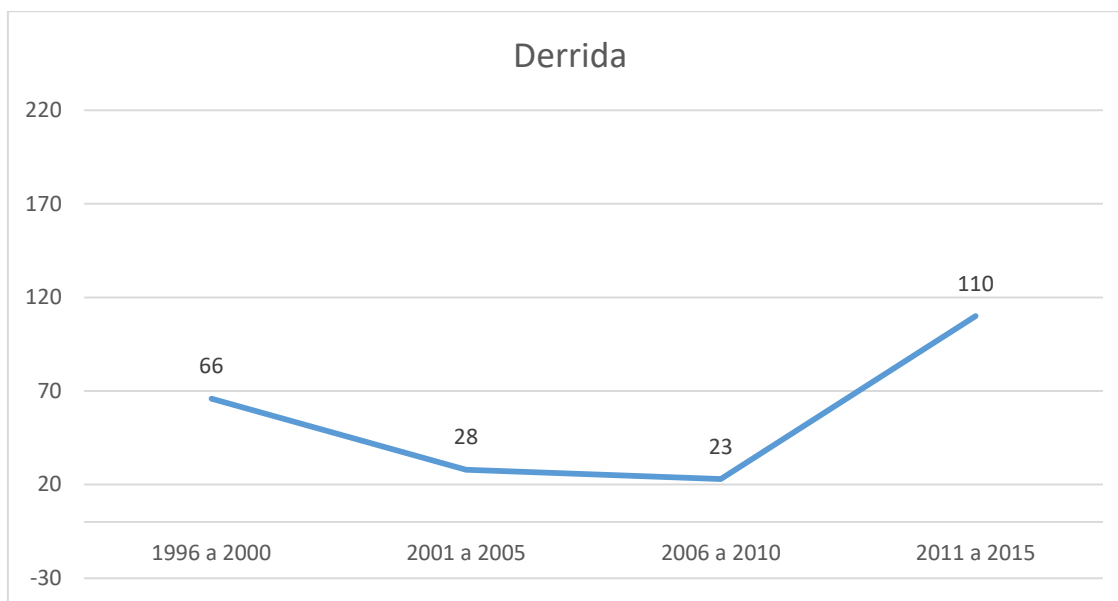
As menções a Derrida nos quatro subcorpora tiveram uma distribuição desigual com uma ocorrência bastante significativa no último período, ocorrência representativa no primeiro e muito menos resultados no segundo e terceiro períodos. Um único artigo no último período teve 73 menções a esse autor e outro texto teve 20, o que deixou apenas 7 ocorrências para os outros artigos desse período. Com isso, buscamos o artigo para confirmar que ele se refere especificamente a esse autor. O título do artigo com 73 citações de Derrida é “A importância do trabalho do tradutor Derrida para o trabalho do filósofo Derrida“, o que deixa óbvio o motivo de tantas menções a esse autor.

Entre as palavras que mais coocorrem com ‘Derrida’ estão nomes de outros autores, como ‘Benjamin’ (13 ocorrências), ‘(de) Man’ (9), Wittgenstein (3) e Searle (3), além do prenome do próprio Derrida, ‘Jacques’ (23). Sobre Benjamin, as ocorrências referem-se à leitura de Derrida (*Des Tours de Babel*) do texto “A Tarefa do Tradutor”, de Benjamin. Quanto a ‘de Man’, o que se observa é a semelhança deles e o processo de desconstrução por que passam, como nos excertos: ‘Derrida e de Man passam pelo mesmo ritual de iniciação’, em ‘desafio da desconstrução, de de Man (1978) a Derrida’ e em ‘Paul de Man e Derrida, apesar de compartilharem certos pressupostos teóricos’. Quanto a ‘tradução’, observam-se definições do que ela seria em: ‘tradução é também a lei do pai’, ‘tradução é transposição’, ‘tradução como resgate’, falando da tradução como um “*pas de sens*” ou literalmente “sem sentido” (ou, num trocadilho, seria “passo com sentido”) ou relatos filosóficos quando se referem a ‘filosofia da tradução’, e ao ‘ideal da tradução’.

Já entre os termos significativos que ocorrem nos textos paralelos referentes a Derrida que lemos ao longo deste estudo, pudemos observar que ‘Torre de Babel’, ‘desconstrução’, ‘dívida’, ‘renúncia’, ‘transposição’, ‘*double bind*’ e ‘*différance*’ são os que mais representam esse autor.

‘Dívida’ é um termo Derridiano presente nos textos referentes a esse autor no *corpus* estudado. São onze as ocorrências de ‘dívida’ no *corpus*, cinco das quais referindo-se a Derrida, como em “Daí estarem tradução e original sempre ligados por uma dívida mútua. Até aqui Derrida poderia estar repetindo a contraditória noção de origem de Benjamin”. Das 19 referências a ‘renúncia’ no *corpus* como um todo, quatro delas estão diretamente relacionadas a ‘Derrida’ ou na comparação de Benjamin com Derrida nas traduções de Maria Gabriela Llansol a partir das noções de ‘renúncia’ e ‘doação’.

São 96 as ocorrências de ‘transposição’ no *corpus*, entretanto, encontramos apenas uma relacionada a ‘Derrida’: ‘como já mostrou Derrida, a tradução é transposição inter e intra-lingual’. Já no que toca a ‘desconstrução’, das 72 ocorrências dessa lexia no *corpus*, sete referem-se diretamente a ‘Derrida’, o que se vê em ‘As desconstruções são os movimentos que chamei de “ex-apropriação”’. Outros termos como ‘Torre de Babel’ (4 ocorrências), ‘*double bind*’ (10) e ‘*différance*’ (16) também são mencionados junto a esse autor. O Gráfico 6 mostra a evolução de menções a Derrida, com muitas ocorrências no primeiro e quarto períodos, inversa à curva de Venuti, porém semelhante na curvatura à dos irmãos Campos.

Gráfico 6 - Ocorrências de Derrida nos *corpora*

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

4.4.7 Henri Meschonnic

O teórico e tradutor Henri Meschonnic é citado 111 vezes no *corpus* Cadernos de Tradução, 76 das quais no primeiro *subcorpus* referente a 1996 a 2000, sendo que, em 46 dessas ocorrências, ele aparece como referência de alguma citação direta ou indireta. Todas essas ocorrências do primeiro *subcorpus* estão em apenas dois artigos: “Possibilidade(s) de Tradução(ões)” e “Alguns aspectos da tradução de dois ensaios em defesa da poesia”. O quadro 29 mostra as principais lexias aliadas a ‘Meschonnic’:

Quadro 29 – Lexias coocorrentes a ‘Meschonnic’ nos quatro períodos

Período	1996 a 2000	2001 a 2005	2006 a 2010	2011 a 2015
Ocorrências	76 64 em 1 artigo 6 em 1 artigo	4	13 8 em 1 artigo	18 17 em 1 artigo
Principais lexias que coocorrem com Meschonnic	Não 18 Texto 15 Teoria 7 Linguagem 6 Escritura 5 Histórico 5 Língua 4 Poesia 4	Henri 2 Crítica 1 Denúncia 1 Espírito 1 Ideologia 1 Implícita 1 Intransponível 1 Teóricos 1	Ritmo 5 Não 3 Russos 3 Afirma 2 Franceses 2 Henri 2 Sintaxe 2 Texto 2	Ritmo 5 Sujeito 4 Benveniste 3 linguagem 3 Teoria 3 Estudo 2 movimento 2 Noção 2

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Para iniciar a análise de ‘Meschonnic’ nesse *corpus*, podemos citar a distribuição muito desigual das ocorrências do seu nome. O primeiro período está nitidamente carregado de Meschonnic, com um único artigo contendo 64 ocorrências, e outro, 6, sendo, portanto, dois artigos específicos sobre os trabalhos desse autor. No último período, observa-se que um artigo concentra praticamente todas as menções a Meschonnic, caracterizando um artigo sobre esse autor. A volta dele nos dois últimos períodos pode corresponder à tradução de Poética do traduzir por Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich em 2010.

Embora não apareça no quadro 29, consideramos importante fazer um levantamento com a lexia ‘tradução’ relacionada a ‘Meschonnic’. Das 21 vezes que a palavra ocorre com esse autor, em seis ela é mencionada como ‘tradução-texto’, que procura explicar a relação dialética de Meschonnic ‘entre escrever e traduzir que substitui a oposição metafísica entre texto e tradução’. Em outras ocorrências, a tradução é ‘única’, é uma ‘forma-sentido’, é ‘definida como escritura’, ‘é produção’, ‘revela-se possível’. Há ainda menções à ‘teoria da tradução’ (3), às ‘teorias da tradução’ (1), à ‘possibilidade de tradução’ (1) e à ‘concepção de tradução’ (1), revelando a reflexão teórica de Meschonnic a respeito desse assunto.

São apenas cinco as ocorrências de ‘escritura’ junto a ‘Meschonnic’ no quadro 29, mas são 17 as menções a ‘escritura’ em um único texto sobre esse autor, o que revela a importância desse termo para o autor. Como exemplo podemos citar a frase “A escritura transforma a escritura e a ideologia em outra escritura e ideologia”, mostrando uma característica desse autor de se repetir nas suas teorizações. Esse é um autor filósofo complexo, estudado por acadêmicos ligados à filosofia da tradução.

Quanto ao advérbio de negação ‘não’ em coocorrência com ‘Meschonnic’, observa-se que, em cinco das 21 ocorrências, ele está dentro de uma citação traduzida desse autor, sempre como explicação por oposição de uma afirmação do próprio autor, como pode-se observar no Quadro 30. Em outras duas, o autor do texto interpreta Meschonnic, dizendo que “o pensamento de Meschonnic não é novo” e que, “pela proposta de Meschonnic, não se busca mais avaliar o grau de fidelidade ao original”.

Quadro 30 – Citações de Meschonnic com negações

“A relação interlingüística vem pela relação intertextual, e <u>não</u> o inverso (Meschonnic, 1973:314).”
“O intraduzível é social e histórico, <u>não</u> metafísico (Meschonnic, 1973:309)”
“A poesia não é mais difícil de traduzir que a prosa. Esta noção está ligada à noção de poesia

como violação das normas da linguagem, e <u>não</u> como uma prática específica da linguagem (Meschonnic, 1973:313).”

“Tradução é produção, <u>não</u> reprodução (Meschonnic, 1973:352).”
--

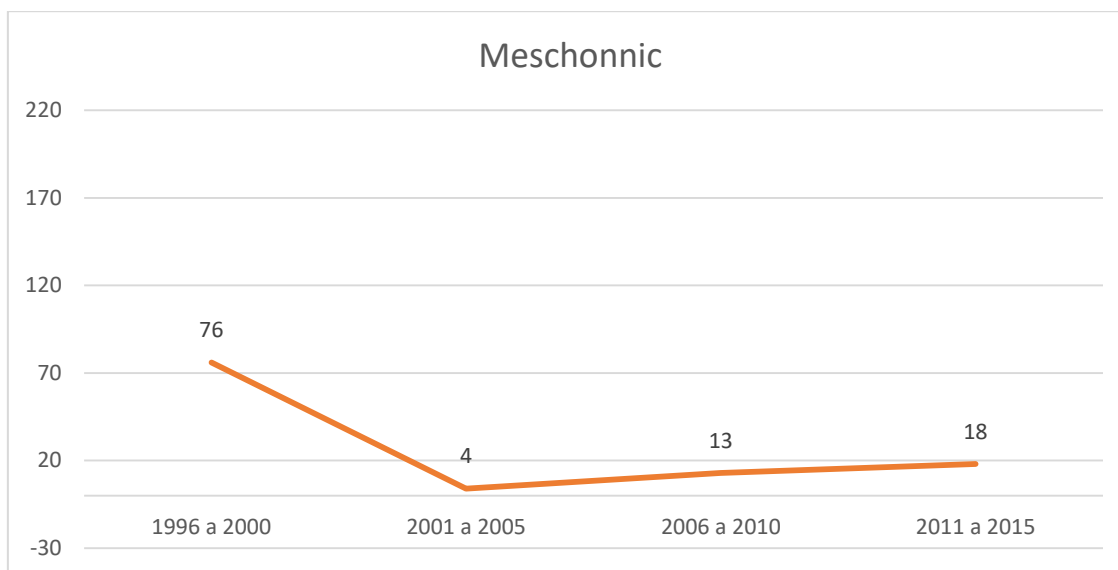
" <u>Não</u> se trata (...), para o tradutor, de 'conseguir dizer' aquilo que o autor 'quis dizer', mas sim de 'fazer' algo semelhante ao que o autor 'quis fazer'" (1993, p. 35).
--

Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

Da mesma forma como procedemos com os autores anteriormente estudados, levantamos os termos característicos de Meschonnic, a fim de fazer uma busca qualitativa nos *corpora* sobre as suas ocorrências. Assim, ‘linguagem’, ‘escritura’, ‘contínuo’, ‘significância’, ‘ritmo’, ‘sujeito’ (‘subjetividade’, ‘subjetivação’), termos utilizados por esse autor, foram pesquisados para verificar as ocorrências.

Quanto a ‘linguagem’, são nove as ocorrências com esse autor, dentre as quais, citações de Meschonnic como: “A linguagem é um elemento do sujeito, o elemento mais subjetivo cujo mais subjetivo por sua vez, é o ritmo”, no qual já se vê a menção às lexias ‘sujeito’ e ‘ritmo’, também típicas dele, e em “A poesia não é mais difícil de traduzir que a prosa. Esta noção está ligada à noção de poesia como violação das normas da linguagem, e não como uma prática específica da linguagem”. Ambas as citações são teorizações bastante filosóficas do autor, uma característica dele. Passando para a análise de ‘ritmo’, foram duas as ocorrências, que dizem ‘Para ele [Meschonnic] o ritmo é dado pela “alternância formal do mesmo e do diferente, ordem, medida, proporção”’ e ‘Segundo Meschonnic, não pode haver uma teoria do ritmo sem uma teoria do sujeito e, inversamente, não pode haver teoria do sujeito sem uma teoria do ritmo’, excertos que trazem a terminologia desse autor, nas suas teorizações.

Vale lembrar que a pesquisa foi feita com termos em português e que em várias passagens são mencionados textos em francês, nos quais ocorrem ‘*signifiance*’, ‘*rythme*’, ‘*idéologie*’, ‘*écriture*’ e ‘*langage*’, que ficaram fora da análise. Com isso, entendemos que há muitas outras menções a essa terminologia de Meschonnic, entretanto, na língua original do autor. Meschonnic não é muito traduzido no Brasil, o que pode explicar sua leitura em francês, e a morte de Meschonnic, em 2009, corresponde à maior citação dele na revista *Cadernos de Tradução*. O Gráfico 7 mostra, visualmente, a evolução de menções a Meschonnic, com uma constância nos últimos dois períodos.

Gráfico 7 - Ocorrências de Meschonnic nos *corpora*

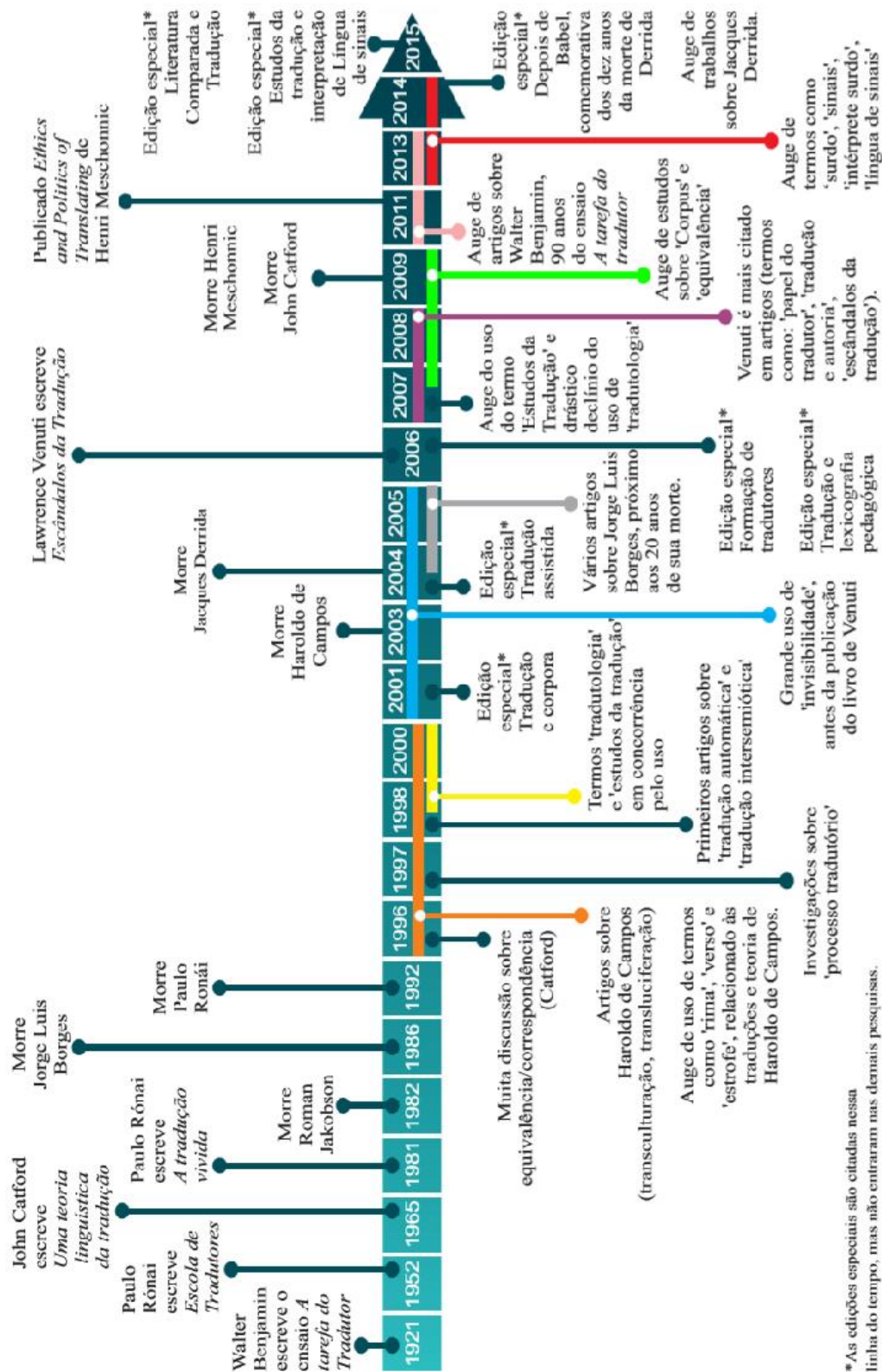
Fonte: a própria autora, com base no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

4.5 LINHA DO TEMPO DA TRADUÇÃO

Como contribuição para o entendimento da tradução no Brasil e utilizando dados levantados no quadro 22 e nas demais análises feitas ao longo deste trabalho, pode-se delinear uma breve linha do tempo da tradução no Brasil baseada na revista estudada. A linha do tempo foi elaborada levando em consideração os termos, as novas linhas de pesquisa e os autores mais citados ao longo dos quatro períodos da revista, bem como as datas de lançamentos de livros reconhecidos na área e de falecimento de importantes teóricos da tradução. Embora não tenham feito parte das pesquisas desta tese, os números especiais da *Cadernos de Tradução* foram incluídos para mostrar a relevância dos assuntos contemplados nessas edições. A linha do tempo começa em 1952, com o lançamento do livro de Paulo Rónai, que deslancha as publicações sobre o assunto no Brasil.

Na linha do tempo da próxima página, observam-se, na parte superior, os eventos da área de tradução independentes do *corpus* estudado e, na parte inferior, os dados obtidos do *corpus* Cadernos de tradução.

Figura 18 - Linha do tempo dos principais eventos de tradução



Fonte: a própria autora, com base em livros de tradução e no corpus Cadernos de Tradução no Sketch Engine.

CAPÍTULO 5. CONCLUSÃO

Chegando ao final deste trabalho, algumas considerações podem ser feitas a respeito dos estudos na área de Tradução no Brasil.

Uma análise diacrônica dos textos pode contribuir com uma estrutura analítica que permite, de acordo com Biber, Conrad e Reppen (2006, p. 223), “a descrição de determinados textos e autores com relação a uma grande variedade de textos, gêneros, períodos históricos e características linguísticas comparáveis”⁶¹ (tradução nossa). Assim, ao utilizar os textos de acadêmicos aceitos para publicação (entre 1996 e 2015) numa revista reconhecida pela comunidade tradutora, estamos comparando artigos de qualidade ao longo de um período de vinte anos para identificar diacronicamente a evolução do uso de termos e de autores teóricos da tradução.

O emprego da Linguística de Corpus para análise de características dos textos é muito útil, pois confere agilidade e precisão ao levantamento feito. Com o uso das ferramentas do *Sketch Engine* descritas nesta tese, é possível analisar, por exemplo, as citações preferidas (de autores e de excertos de livros), os assuntos mais pesquisados (ex.: A Tarefa do Tradutor, neste *corpus*), o que é mais novidade (p. ex.: língua de sinais e Linguística de Corpus) e o que já foi bastante discutido (ex. aspectos e princípios da tradução) e está cedendo lugar para outros assuntos (ex.: tradução intersemiótica), entre outros. Com esse breve levantamento de possibilidades de pesquisa, concordamos com Biber, Conrad e Reppen (2006, p. 234) quando dizem que “a abordagem baseada em *corpora* pode, portanto, revelar os aspectos centrais do uso da linguagem que não tinham recebido atenção nos estudos tradicionais”⁶² (tradução nossa).

Outras ferramentas manuais que dependem mais da habilidade do pesquisador também são necessárias quando o programa de LC não oferece instrumentos para que a pesquisa evolua como necessário. Neste caso, tivemos que desenvolver um raciocínio – com o uso de programas mais conhecidos do público, mas que não geram resultados automaticamente – para fazer levantamento de termos compostos e complexos, uma vez que o programa oferecia uma análise menos ampla do que a pretendida.

⁶¹ “description of particular texts and authors relative to a wide range of comparable texts, genres, historical periods and linguistic features.”

⁶² “The *corpus*-based approach can thus bring to the fore aspects of language use that have not received attention in traditional studies”.

Nossa intenção, com o estudo das teorias da Terminologia, dos termos, fraseologias, e suas conceituações e, mais especificamente com base na Teoria Comunicativa da Terminologia de Cabré e na Teoria Sociocognitiva de Temmerman, é apresentar uma contribuição para organizar sistemática e diacronicamente a terminologia da tradução conforme os seus autores e teorias. Com isso, buscamos entender se os pesquisadores brasileiros continuam seguindo uma tendência mundial na tradução ou se estão trilhando um caminho mais autônomo. Nisso, descobrimos que há uma tendência nesta revista de estudos mais ligados à literatura, mas que os tradutores também estão atentos às novas modalidades e exigências da legislação, o que leva ao empenho em estudos de línguas de sinais, tradução intersemiótica e o uso de Linguística de Corpus, novidades que se intensificaram mais recentemente. Autores brasileiros também se destacam, embora não sejam os mais citados na lista de ocorrência. Dentre eles podemos mencionar, além dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, Rosemary Arrojo (95 citações em 10 artigos) e Paulo Rónai (50 citações em 6 artigos), que também tiveram números representativos de citações no *corpus* estudado, embora esses últimos não tenham sido analisados por não terem se enquadrado nos critérios adotados para a análise.

Respondendo à primeira pergunta (a análise da terminologia da Tradução, como em todas as ciências, serve como indicativo do desenvolvimento da pesquisa em Tradução no país?) que nos propusemos, como ocorre em todas as especialidades, a análise da terminologia da Tradução serve como indicativo do desenvolvimento da pesquisa em Tradução no país, ao demonstrar as abordagens mais enfatizadas ao longo dessas duas décadas de publicações na revista *Cadernos de Tradução*. Pode-se dizer que há uma caracterização da terminologia de tradução, o que se observa por meio da alta frequência de termos típicos de Tradução como ‘texto original’, ‘texto de chegada’, ‘equivalência’, ‘processo tradutório’, ‘intersemiótica’, ‘intraduzibilidade’, ‘língua de partida’, ‘tradução literal’, ‘ambiente multilíngue’, ‘transposição’, ‘desconstrução’, ‘tradução poética’, ‘crítica de tradução’, ‘língua de sinais’, ‘prática de tradução’, entre outros, e que algumas apontam para tendências na área, como a literatura, as discussões filosóficas da tradução, e para propostas mais atuais como a tradução intersemiótica.

Quanto aos autores mais citados, vemos uma menção a autores anteriores ao século XIX (Dolet, Jerônimo, Schleiermacher), do século XIX (Benjamin, Borges) e do século XX (Venuti, Catford, Campos, Derrida, Meschonnic), distribuídos desigualmente (pouca menção aos autores anteriores ao século XIX, grande ênfase nos autores dos

séculos XIX e XX, porém sem preferência expressa por um autor específico) ao longo dos quatro períodos estudados, sendo citados tanto em estudos específicos a eles quanto em estudos teóricos de diversos assuntos.

Também constatamos que as publicações científicas na área de Tradução concentram-se na literatura, sendo a proporção, de acordo com os termos pesquisados no quadro 16, de 85% para a área literária, para 15% para as técnica e científica. Essa é uma desproporção considerável se pensarmos na importância da tradução para a indústria, a importação e exportação, as relações internacionais, o governo, entre outras áreas. Os principais autores estudados estão mais relacionados à literatura (Benjamin, Borges e irmãos Campos) e menos às estratégias de tradução (Venuti) e à filosofia na tradução (Derrida e Meschonnic). As pesquisas em literatura mostraram-se muito mais constantes ao longo dos quatro *subcorpora*, com pouca relevância sendo dada para a tradução técnica ou científica, e observa-se um crescimento significativo da tradução intersemiótica no último período.

A segunda pergunta que nos colocamos foi sobre a identificação de novas áreas de estudo de acordo com a frequência da terminologia na revista, ao que se pode afirmar que, sim, identificam-se novas áreas de concentração de estudos em Tradução a partir da alta frequência dos principais termos encontrados ao longo dos períodos nos quais foi dividido o *corpus*. Constatou-se uma evolução de discussões específicas nos dois primeiros períodos sobre aspectos, metodologias e teorias da Tradução para discussões nos dois últimos referentes a língua de sinais, Linguística de Corpus e Terminologia. Essa é uma rota necessária para alavancar estudos mais contemporâneos na Tradução que abordem temas relacionados à prática da tradução destinada a uma sociedade mais envolvida com os aspectos sociais e tecnológicos.

Quanto à terceira pergunta que nos colocamos no início deste trabalho, referente ao desenvolvimento de teorias da Tradução no Brasil, entendemos que essas ainda seguem certas tendências internacionais, entretanto, tanto internacional quanto nacionalmente, os assuntos e preocupações têm se alterado, com foco maior em aspectos sociais (minorias indígenas, pessoas com deficiência visual ou auditiva) e tecnológicos, devido à necessidade de tradutores e pesquisadores se adequarem aos novos tempos com o uso de *CAT tools*⁶³ (ferramentas de auxílio à tradução) e

⁶³ As *Computer Assisted Translation Tools* são *softwares* utilizados por tradutores profissionais para realizar traduções. Os tradutores inserem glossários que ajudam na tradução e o *software* registra a memória das traduções para uso em traduções futuras. Eles não são programas de tradução automática.

Linguística de Corpus. Aliás, observou-se aqui muito mais interesse em Linguística de Corpus do que nas ferramentas que os tradutores usam nos seus trabalhos (programas de tradução assistida), provavelmente porque este *corpus* (a revista) é de pesquisadores da Tradução e não de tradutores no mercado profissional. Surpreendeu-nos haver menos pesquisas sobre ferramentas de tradução com uso de computador no último período do que ocorreu no primeiro. Em buscas por termos, como ‘ferramentas de tradução’, ‘automática’ e ‘auxílio à tradução’, houve uma involução no número de ocorrências, e uma evolução notável no número de ocorrências de termos como ‘linguística de *corpus*’ e ‘*corpora*’. O caminho da tradução com o uso de programas de computador e, principalmente, ferramentas *online* e *offline*, não tem volta e o ensino de tradução precisa estar atento a essa preocupação dos profissionais no mercado.

Em 2004, a revista *Cadernos de Tradução* publicou uma edição especialmente dedicada à tradução assistida por computador, com dez artigos sobre o assunto. Entretanto, esse tema parece não ser uma preocupação constante da área de estudo, pois, embora seja uma realidade dos tradutores atuais, a academia não tem se dedicado a pesquisas desse objeto no Brasil. A preparação de tradutores para o mercado de trabalho requer o direcionamento de mais pesquisas e publicações sobre ferramentas de tradução para que os alunos estejam prontos para encarar a realidade (que pode ser vista tanto como solução - a tradução assistida por computador - quanto como problema - a tradução automática) no ambiente de trabalho.

Para responder à terceira pergunta, sobre em que medida o desenvolvimento teórico no Brasil vem se mostrando mais relacionado à cultura do país, usamos os mesmos argumentos já mencionados quanto aos assuntos mais pesquisados ultimamente (intersemiótica, que envolve tradução para o cinema, áudio-descrição e língua de sinais) e acrescentamos que o estudo de línguas indígenas também foi observado ao longo do *corpus*. Esses assuntos mostram a preocupação com as minorias e pessoas com deficiências e sua inclusão, que vem se intensificando no país com a nova cultura de valorização do acesso dos deficientes auditivos e visuais e de minorias indígenas às universidades, aos empregos e aos serviços públicos, seja por força da lei, seja pela conscientização da população.

Considerando que a globalização aproxima os países e, portanto, também os assuntos mais abordados nas diversas áreas, observaram-se tendências mundiais, como o uso de *corpora*, de *Computer Assisted Translation Tool* (CAT Tools), bem como de língua de sinais. Por outro lado, especificidades brasileiras, como o estudo de línguas

indígenas e autores brasileiros são típicos da nossa cultura. Entendemos que os estudiosos brasileiros acompanham as evoluções mundiais no que se refere a esses estudos, mas não em relação à dedicação à tradução técnica e científica, e, por outro lado, têm as preocupações típicas do Brasil, no que se refere à legislação (p. ex.: língua de sinais) e línguas indígenas.

O estudo realizado aqui desperta para a necessidade de outras pesquisas na área de Tradução e Terminologia. Observou-se o uso de determinados termos preferencialmente em detrimento de outros, como ‘texto alvo’ em relação a ‘texto meta’. Fica a sugestão para aprofundamento em uma pesquisa futura para identificar a preferência, uma vez que ambos são uma tradução de “*source text*”. Lançou-se também, aqui, uma breve sugestão do que seriam termos técnicos e termos científicos, para que outros interessados no assunto possam desenvolver mais essa análise e fazer sugestões para a distinção que entendemos ser relevante para a Terminologia. Na área de Linguística de Corpus, há ainda a necessidade de estabelecer uma classificação para *corpora* enormes (os 1010, lê-se, *ten-ten*) para diferenciá-los dos *corpora* menores e médios. A classificação de Sardinha é bastante útil para os *corpora* de especialidade, menores, mas já não se pode utilizá-la para *corpora* com bilhões de palavras.

A diferença entre estudos sobre literatura (85% deste corpus) e os de tradução técnica e científica (15%) é manifesta e aponta para a necessidade urgente de mais estudos nessas temáticas que visam o mercado de tradução, principalmente trabalhos críticos que promovam o aperfeiçoamento e conhecimento para os tradutores. É imprescindível ampliar estudos relacionados às áreas técnica e científica nos cursos e publicações em Tradução no Brasil, pois o mercado, os governos e as relações internacionais exigem profissionais cada vez mais bem preparados. Melhor do que deixá-los serem formados apenas pela prática, é relevante que a academia dedique esforços para a instrução desses profissionais.

Trabalhos de crítica construtiva de tradução – seja literária, técnica ou científica – contribuem para ampliar o conhecimento e apresentar uma variedade de possibilidades para o tradutor profissional que está em busca de soluções para seus trabalhos.

A revista Cadernos de Tradução é representativa da área no Brasil, outras revistas da área provavelmente trazem estudos variados, entretanto, como uma das principais revistas de tradução, sentimos falta, nos números observados, de alguns

assuntos mencionados nestas considerações finais, como o uso de ferramentas de auxílio à tradução (as CAT tools), pesquisas sobre tradução técnica ou científica e terminologia.

Por fim, apresentamos nos apêndices A e B o que podemos chamar de núcleo duro da terminologia da Tradução no Brasil (termos e autores) conforme demonstrado pelo estudo do *corpus* compilado a partir da revista Cadernos de Tradução. Ele revela a tendência dos estudos da tradução no Brasil e legitimaria a escolha de termos para a elaboração de um glossário de Tradução.

APÊNDICES

A - Lista de termos e número de ocorrências no *corpus* Cadernos de Tradução.

Termos simples (1 palavra)	Ocorrências	Termos complexos (2 palavras)	Ocorrências
Tradução	6995	Texto original	235
Língua(s)	3180	Texto traduzido	191
Texto	3013	Língua estrangeira	150
Tradutor	2126	Língua portuguesa	124
Original	1409	Tradução literária	101
Forma	1371	Tradução literal	89
Sentido	1196	Língua inglesa	85
Autor	1002	Língua materna	79
Palavra	967	Pessoas surdas	55
Relação	949	Tradutores profissionais	51
Processo	832	Tradução intersemiótica	50
Linguagem	819	Literatura brasileira	49
Traduzir	677	Textos traduzidos	48
Poema	608	Ambiente multilíngue	48
Discurso	585	Processo tradutório	44
Português	584	Obra original	44
Literatura	583	Língua pura	44
Leitor	566	Unidades léxicas	39
Teoria	521	Atividade tradutória	39
Interpretação	521	Tradução poética	36
Leitura	510	Sistema literário	36
Análise	499	Prática tradutória	35
Prática	489	Texto literário	32
Contexto	484	Obra literária	31
Crítica	438	Versão brasileira	30
Significado	410	Itens lexicais	30
Equivalência	343	Discurso oral	30
Conceito	326	Língua francesa	29
Tarefa	300	Português brasileiro	28
Partida	283	Abordagem processual	28
Tradutório	270	Escolhas lexicais	26
Chegada	265	Textos literários	24
Corpus	262	Língua original	24
Origem	261	Tradução técnica	23
Possibilidade	240	Textos técnicos	23
Problemas	220	Língua alvo	23
Conteúdo	192	Expressões idiomáticas	23
Literal	190	Tradução livre	22
Linguística	190	Tradução francesa	22
Fidelidade	189	Referências culturais	22
Intérprete	189	Obra traduzida	22
Representação	185	Interpretação simultânea	21
Estratégias	172	Aspectos culturais	21

Crítico	169	Wordsmith tools	21
Equivalente	146	Língua fonte	20
Reflexões	138	Linguística aplicada	20
Técnica	132	Cultura brasileira	20
Impossível	129	Produção literária	19
Livre	122	Literatura infantil	19
Profissional	120	Prática crítica	18
Comparação	119	Compostos nominais	18
Intenção	118	Tradição literária	17
Fiel	112	Prosa poética	17
Dificuldade	112	Visão tradicional	16
Enunciado	108	Posição tradutiva	16
Adaptação	108	Línguas vernáculas	16
Percepção	107	Direitos autorais	16
Semântica	105	Texto alvo	15
Analisar	105	Competência metafórica	15
Procedimentos	104	Sentido original	15
Transformação	102	Tradução interlinear	15
Método	99	Fluência conceitual	14
Mensagem	95	Conteúdo semântico	14
Estética	92	Teoria literária	14
Transposição	91	Intérpretes surdos	14
Semelhança	90	Reflexões teóricas	14
Metáfora	89	Língua falada	14
Gramática	86	Comunidade surda	14
Corpora	84	Codificação conceitual	14
Liberdade	82		
Direta	78		
Relevância	77		
Correspondente	76		
Fenômeno	75		
Competência	70		
Substituição	69		
Libras	68		
Científica	67		
Intersemiótica	66		
Abordagens	65		
Desconstrução	63		
Vocabulário	63		

Termos complexos (3 palavras)	Ocorrências	Termos complexos (4 palavras)	Ocorrências
Texto de partida	148	A tarefa do tradutor	33
Estudos de tradução	121	Tradução palavra por palavra	23
Língua de sinais	120	Crítica de tradução literária	26
Língua de chegada	110	Abordagem processual da tradução	19
Processo da tradução	104	Princípio da livre escolha	18
Teoria da tradução	103	Memória de curto prazo	15
Prática de tradução	64	Ensino de língua estrangeira	14
Texto de chegada	62	Teoria interpretativa da tradução	13
Processo de tradução	59	(Estudos da) Tradução baseados em corpus	11
Crítica de tradução	56	Die Aufgabe des Übersetzers	10
História da tradução	55	Língua de sinais brasileira	9
Tarefa do tradutor	53	Tradução de textos filosóficos	7
Papel do tradutor	51	Intérprete de línguas vocais	7
Tradução de textos	48	Visibilidade do tradutor	7
Palavra por palavra	45	Fidelidade ao texto original	6
Concepção de tradução	37	Língua de Sinais Brasileira	6
Tradutores em formação	29	Tradução de textos literários	6
Teóricos da tradução	29	Tradução de textos técnicos	5
Teoria e prática	29	Memória de longo prazo	5
Formação de tradutores	29	Interpretação de signos visuais	5
Cultura de chegada	29	Construção de um corpus	5
Processo de interpretação	28	Marcas de codificação procedimental	5
Tipo de tradução	28		
Relações de equivalência	25		
Projeto de tradução	24		
Modo de significar	24		
Língua de origem	23		
Tradução e ensino	21		
Coleta de dados	21		
Área de tradução	19		
Tradução de poesia	19		
Tradução por máquina	18		
Equivalente de tradução	18		
Ato da tradução	18		
Sentido do texto	17		
Sentido do original	17		
Jogo de palavras	17		
Forma de tradução	17		
Discurso de tradutor	17		
Corpus de estudo	17		
Ordem das palavras	16		
Intenção do autor	16		

Fidelidade ao texto	16		
Voz do tradutor	15		
Visibilidade do tradutor	15		
Noção de tradução	15		
Noção de paratradução	15		
Impossibilidade da tradução	15		

B - Lista de autores e número de ocorrências no *corpus* Cadernos de Tradução.

Autor	Ocorrências	Autor	Ocorrências
Campos (Augusto e Haroldo)	366	Milton (John)	55
Borges (Jorge Luis)	301	Rónai (Paulo)	50
Benjamin (Walter)	283	Wittgenstein (Ludwig)	48
Derrida (Jacques)	210	Baker (Mona)	47
Venuti (Lawrence)	128	Jerônimo (São)	47
Meschonnic (Henri)	105	Jakobson (Roman)	47
Dolet (Étienne)	84	Barbosa (Heloísa)	46
Schleiermacher (Friedrich)	81	Costa (Walter)	46
Arrojo (Rosemary)	74	Mounin (George)	44
Catford (John)	73	House (Juliane)	42
Menard (Pierre)	70	Barros (Lidia)	38
Lefevere (Andre)	64	Paes (José Paulo)	35

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIDA, R.Z. e MANAN, S.A. Integrating corpus linguistics in critical literacy pedagogy: A case study of Lance Armstrong's transformation from a titleholder to a fraud, **Procedia, Social and Behavioral Sciences**, Nov. 2015, p. 128-137. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/285657683_Integrating_Corpus_Linguistics_in_Critical_Literacy_Pedagogy_A_Case_Study_of_Lance_Armstrong%27s_Transformation_from_a_Titleholder_to_a_Fraud. Acesso em: 15/12/2018.

ALBRES, N. A.; LACERDA, C. B. F. Interpretação educacional como campo de pesquisa: estudo bibliométrico de publicações internacionais e suas marcas no campo nacional. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n° 31. Jan.-jun., 2013.

BARROS, L. A. Aspectos Epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia. **Ciência e Cultura**, vol. 58 n° 2, 22-26. Jun., 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28/08/2017.

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**, São Paulo: Edusp, 2004.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. New York: Cambridge University Press, 1988.

BIBER, D., CONRAD, S., REPPEN. R. **Corpus Linguistics: investigating language structure and use**. New York: Cambridge University Press, 2006.

BIDERMAN, M. T. C. A Face Quantitativa da Linguagem: Um Dicionário de Frequências do Português, São Paulo: **Alfa**, 42 (Especial), pp: 161-181, 1998.

CABRÉ, M. Constituir un corpus de textos de especialidad: condiciones y posibilidades. En Ballard, M. & Pineira-Tresmontant, C. (Eds.). **Les corpus en linguistique et en traductologie**. Arras: Artois Presses Université. 89-106. 2007.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266049493_Constituir_un_corpus_de_textos_de_especialidad_condiciones_y_posibilidades. Acesso em: 06/08/2018.

CABRÉ, M. T. El Principio de Poliedricidad: la Articulación de lo Discursivo, lo Cognitivo y lo Lingüístico en Terminología (I). **Organon**, V. 25, n° 50, 2011.

Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28343/16992>. Acesso em: 06/08/2018.

CABRÉ, M. T. **La terminologia**: Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CABRÉ, M.T. Theories of Terminology: their description, prescription and explanation, **Terminology: International Journal of theoretical and applied issues in specialized communication**, Vol. 9, nº 2, pg. 163-200, 2003.

CARDOZO, M. M. Espaço versus prática da crítica de tradução literária no Brasil. **Cadernos de Tradução**. Vol. 1, n. 19. 2007.

CESCO, Andréa. Borges e a tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 13, p. 81-97, jan. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6299/5852>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

DAHLBERG, I. Teoria do Conceito. **Ciência da Informação**, 7(2), pp: 101-107. 1978. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115>, Acesso em: 29/09/2017.

DUBUC, R. Manual pratique de la terminologie, 4^a ed., Montréal: Linguatex, 2002.

DUTRA, L.H. **Introdução à Epistemologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FARIA, Johnwill Costa; HATJE-FAGGION, Válmí. O problema da oralidade em Três Traduções de Of Mice and Men, de John Steinbeck. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 29, p. 53-71, jul. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2012v1n29p53>>. Acesso em: 26/03/2019.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **Tradterm**, 7, pp. 11-40. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2001.49140>. Acesso em: 15/01/2019.

FIGUEREDO, Giacomo Patrocínio. Um estudo do conjunto multilíngue interpessoal Português Brasileiro/Inglês subsidiado pelos Estudos da Tradução e pela Linguística Sistêmico Funcional. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 139-166, abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n1p139/29537>>. Acesso em: 26/03/2019.

FREITAS, L. F. de. Tradução e autoria: de Schleiermacher a Venuti. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n° 21, p. 95-107, nov. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p95>>. Acesso em: 29/08/2018.

FRÍAS, José Yuste. Paratextualidade e tradução: a paratradução da literatura infantil e juvenil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 34, p. 09-60, dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p9/28190>>. Acesso em: 26/03/2019.

FROTA, Maria Paula. Um balanço dos estudos da tradução no Brasil.. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 19, p. 135-169, abr. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6996/6481>>. Acesso em: 26/03/2019.

FURLAN, M., Étienne Dolet e o “modo de traduzir bem de uma língua a outra”. **Cadernos de Tradução**. Vol.1, n° 21, pp. 67-86, 2008.

FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. A Idade Média. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 12, p. 9-28, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6195>>. Acesso em: 26/03/2019.

FURLAN, Mauri. Étienne Dolet e o “modo de traduzir bem de uma língua a outra”. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 21, p. 67-86, nov. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p67/7581>>. Acesso em: 26/03/2019.

GREUEL, M. da V. Reflexões fenomenológicas sobre a teoria da tradução. Um esboço. **Cadernos de Tradução**. Vol.1, n°1, 1996.

GUERINI, Andréia; MOYSÉS, Tânia Mara. A tradução intersemiótica nas cartas de Italo Calvino. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 31, p. 57-80, abr. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2013v1n31p57/25000>>. Acesso em: 26/03/2019.

HARDY-VALLÉE, B. **Que é um conceito?** (M. Bagno, Trad.) São Paulo: Parábola. 2013.

ISO 1087-1:2000. **Terminology work: Vocabulary: Part 1: Theory and application**. Disponível em: <https://www.iso.org/standard/20057.html>, Acesso em: 20/08/2018.

KILGARRIFF, A., et al. **The Sketch Engine**: ten years on. 2014. Disponível em:

<http://www.sketchengine.co.uk>. Acesso em: 15/08/2018.

KRIEGER, M. da G. e FINATO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

KRIEGER, M.G.; SANTIAGO, M.S. e CABRÉ, M.T. Terminologia em foco: uma entrevista comentada com Maria Teresa Cabré, **Calidoscópio**. Vol. 11, nº 3, pp. 328-332, set/dez 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Satia/Downloads/6738-20396-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Satia/Downloads/6738-20396-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 06/08/2018.

LEE-JAHNKE, H.; DELISLE, J. e CORMIER, M. C. (organizadores) **Terminologia da tradução**. (Tradução e adaptação para o português [de] Álvaro Faleiros e Claudia Xatara). Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2013.

L'HOMME, M. C. **La terminologie**: principes et techniques. Montréal: Paramètres, 2004.

MAGALHÃES, Célia. Tradução e Transculturação: A Teoria Monstruosa de Haroldo de Campos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 139-156, jan. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5384/4927>>. Acesso em: 26/03/2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. Apud: DIONÍSIO, Ângela et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARINI, S. **Da Tradução Terminológica em glossário temático na área de Saúde Suplementar**. 152 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade de Brasília. Brasília: 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14645/1/2013_SatiaMarini.pdf. Acesso em: 16/08/2018.

MARTINS, Marcia Amaral Peixoto. As Relações nada Perigosas entre História, Filosofia e Tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 37-51, jan. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5069/4535>>. Acesso em: 26/03/2019.

McENERY, T. e HARDIE, A. **Corpus Linguistics**: Method, Theory and Practice. New York: Cambridge University Press, 2012.

MELLER, Lauro Wanderley. Lennon & Veloso: Parceiros de Composição?. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 285-307, jan. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5096/4552>>. Acesso em: 26/03/2019.

MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies: Theories and Applications**. 3ª Ed. London e New York: Routledge, 2012.

NIDA, E. A. **Contexts in Translating**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

OLIVEIRA, Alessandra Ramos. Equivalência: Sinônimo de Divergência. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, Vol. 1, no 19, p. 97-114, abr. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6994>>. Acesso em: 23/03/2019.

OLIVEIRA, Janine Soares; WEININGER, Markus Johannes. Densidade de informação, complexidade fonológica e suas implicações para a organização de glossários de termos técnicos da língua de sinais brasileira. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 32, p. 141-163, ago. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2013v2n32p141>>. Acesso em: 26/03/2019.

OUSTINOFF, M. **Tradução: histórias, teorias e métodos**. São Paulo: Parábola. 2011.

PAVEL, S.; NOLET, D. **Manual de Terminologia**. Montréal: Translation Bureau/Bureau de la traduction, 2001.

PEREIRA, Maria Cristina Pires. Interpretação interlíngua: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 21, p. 135-156, nov. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p135>>. Acesso em: 26/03/2019.

PONTES, Valdecy Oliveira; FRANCIS, Mariana. A noção de equivalência para os estudos da tradução, lexicografia e sociolinguística variacionista. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 34, p. 229-247, dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p229/28198>>. Acesso em: 26/03/2019.

PYM, A. **Exploring Translation Theories**. New York: Routledge, 2010.

PYM, A. **Translation research terms**: a tentative glossary for moments of perplexity and dispute, Intercultural Studies Group, Translation Research Projects 3, ed. Anthony Pym, Tarragona: Intercultural Studies Group, Jan, 2011. pp. 75-110, Disponível em: http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/trp_3_2011/index.htm. Acesso em: 20/08/2018.

REVISTA CADERNOS DE TRADUÇÃO, Florianópolis, 1996- . 1996-2015. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/index>. Acesso em: 20/10/2018.

REY, A. **Essays on Terminology**. (Tradução de J. G. Sager) Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company. 1995.

RIEDIGER, H. **Cos'è la terminologia e come si fa um glossario**. 2012. Disponível em: http://www.term-minator.it/corso/doc/mod3_termino_glossa.pdf. Acesso em: 10/03/2018.

RODRIGUES, Cassio. A Abordagem Processual nos Estudos da Tradução: uma meta-análise qualitativa. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 10, p. 23-57, jan. 2002. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6143>>. Acesso em: 25/03/2019.

SAGER, J. C. **Curso práctico sobre el procesamiento de la terminologia**. Madrid: Fundación Sánchez Ruipérez, 1993.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SARDINHA, T. B. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática (Corpus Linguistics: History and Problematization) **D.E.L.T.A.**, Vol. 16, nº 2, p. 323-367, 2002.

SHEPHERD, T.M.G. O Estatuto da Linguística de Corpus: Metodologia ou Área da Linguística? *Matraga*, Rio de Janeiro. Vol.16, no 24, jan./jun., 2009.

SILVA, Érica Danielle; TASSO, Ismara Eliane Vidal de Souza. O processo tradutório na campanha “Rosie the Riveter”: a questão da visibilidade do sujeito com deficiência. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 33, p. 169-187, jul. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p169>>. Acesso em: 26/03/2019.

SINCLAIR, J. M. **Trust the text**: language, corpus and discourse. New York: Routledge. 2004.

SKARE, N. G. Como forjar um arpão: uma crítica de duas traduções de 'Moby Dick' à luz de Lacan. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis. Vol. 2, nº 28., 2011.

TEMMERMAN, R. **Towards New Ways of Terminology Description**: The sociocognitive approach. Amsterdam: John Benjamins, Vol 3, 2000.

VENUTI, L. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. London/New York: Routledge, 2008.

VIEIRA, Josalba Ramalho. Duas Leituras sobre A Tarefa do Tradutor de Walter Benjamin. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 107-113, jan. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5079/4540>>. Acesso em: 26/03/2019.

XATARA, Claudia; RIVA, Huelinton Cassiano; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. Tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 183-194, jan. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5892/5572>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

WELKER, H. A., **Dicionários**: Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.